

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO / MESTRADO
PROFISSIONAL

JESILENE CORRÊA E SILVA FERRÃO COELHO

A COR DA MÍDIA: análise da visibilidade dos telejornalistas negros em São Luís/MA e
produção de podcast acerca da temática

São Luís

2023

JESILENE CORRÊA E SILVA FERRÃO COELHO

A COR DA MÍDIA: análise da visibilidade dos telejornalistas negros em São Luís/MA e produção de podcast acerca da temática

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Profissional da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção de título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Pr.^a. Dr.^a. Flávia de Almeida Moura

São Luís
2023

JESILENE CORRÊA E SILVA FERRÃO COELHO

A COR DA MÍDIA: análise da visibilidade dos telejornalistas negros em São Luís/MA e
produção de podcast acerca da temática

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação Profissional da Universidade Federal
do Maranhão, para a obtenção de título de Mestre em
Comunicação.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Flávia de Almeida Moura (Orientadora)
Doutora em Comunicação/PUC-RS
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. José Ferreira Junior
Doutor em Comunicação e Semiótica/PUC-SP
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dra. Leila Sousa
Doutora em Ciências da Comunicação/Unisinos
Universidade Federal do Maranhão (Imperatriz)

AGRADECIMENTOS

Que felicidade é chegar a esse momento! Estou radiante por essa conquista tão árdua, mas tão desejada. Não há como não expressar o quão significativo é finalizar o trabalho que tanto me empenhei durante dois desafiadores anos. Mesmo com as diversas responsabilidades, acasos e percalços, chegamos até aqui!

Assim como fiz no relatório de qualificação, meus primeiros agradecimentos não poderiam ser a outro, senão àquele que é nome sobre todo nome, e que me possibilitou, mesmo em meio às aflições da vida, encarar a jornada até o fim. A Jesus Cristo, toda honra, glória e louvor, por ter me permitido tudo isso.

Agradeço à minha família, que foi suporte inabalável durante todo o meu trajeto. Sou grata ao Senhor pela grande benção de tê-los em minha vida e de ser tão incentivada, sustentada, ajudada por eles. À minha mãe, Jeorgina Corrêa e Silva, e ao meu esposo, Fernando Gonçalves Ferrão Coêlho, toda a minha gratidão. Sem o apoio de vocês, a trajetória seria muito mais difícil. Agradeço por compreenderem meus momentos de falta, momentos de ansiedade e de reclusão, nos quais simplesmente se abstiveram de cobranças e respeitaram meus ciclos. Muito obrigada por sempre me lembrarem do quanto sou capaz!

Nesta caminhada final, reafirmo meus agradecimentos aos amigos e professores que me auxiliaram desde o edital da seleção do Mestrado e no acompanhamento e suporte na construção do meu projeto de pesquisa. Pessoas estas que dispuseram de seu tempo (e tiveram toda paciência comigo) para me ajudar com sugestões, correções, palpites e elogios até o material finalizado. Destaco aqui os nomes do jornalista e amigo pessoal, Gustavo Henrique Sampaio Martins, que muito me suportou e incentivou até o fim; da professora Rosie Panet, minha orientadora na Graduação em Jornalismo e me estimulou na seleção do Mestrado; da professora Joalice Dantas, minha também professora da graduação, que mesmo à distância (Rio de Janeiro) me auxiliou quanto às leituras e proposições do projeto submetido.

Agradeço à minha orientadora, professora Flávia de Almeida Moura, que tem sido mentora e apoiadora incessável, reconhecendo meus esforços e entendendo minhas questões pessoais, ao mesmo tempo que me incentiva a não parar. Professora, obrigada por ter entendido meus momentos de falta, em decorrência de situações de saúde, tendo se preocupado em saber se eu primeiro eu estava bem, para depois continuar a jornada. Muito obrigada por sempre ter estado presente! Sou só orgulho por ter tido uma orientadora tão comprometida e muito parceira!

Agradeço também aos que se dispuseram a participar do podcast, produto final deste trabalho. Ao técnico do laboratório de rádio da UFMA, Saylon Sousa, por todo apoio e colaboração desde a concepção do produto. Aos entrevistados (professores, pesquisadores, estudantes, telespectadores), por terem topado fazer parte desta empreitada. Cada participação foi essencial para que tivéssemos um material de qualidade, com a expectativa de que este seja fortemente disseminado!

Agradeço a todo o corpo docente do Mestrado Profissional em Comunicação pelos conteúdos e ensinamentos apreendidos. Professores, tenham certeza de que todos vocês são parte desta vitória, e que suas competências são uma motivação para mim. A partir de suas aulas, pude complementar os estudos do meu projeto e aprender tantos outros, que certamente farão parte de minha trajetória mais à frente. Tomarei como exemplo o compromisso e a dedicação de todos para os rumos que estimo trilhar no campo acadêmico.

Por último e não menos importante, agradeço a Universidade Federal do Maranhão, que me possibilitou participar de um processo tão concorrido. Tenho certeza de que ter um mestrado pela UFMA é um diferencial gigantesco. É uma referência pretendida por muitos, e agora conquistada por mim. Finalizo com as forças renovadas, vislumbrando a continuação da minha trajetória acadêmica, da pesquisa científica... pois a educação é capaz de transformar a vida da gente e a sociedade!

“Depois de escalar uma grande montanha se descobre que existem muitas outras montanhas para escalar”.

Nelson Mandela

RESUMO

O presente trabalho propõe uma problematização acerca da visibilidade negra no telejornalismo, mais precisamente dos profissionais jornalistas negros nos telejornais em São Luís. Possui o objetivo de analisar e promover reflexões na sociedade sobre a presença desses atores, em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural decorrente dos tempos da escravidão, e que respinga até hoje na comunidade negra, principalmente no que diz respeito ao campo profissional. Para o estudo dessa temática aplicada ao telejornalismo, houve a necessidade de perceber as concepções e conceitos de especialistas, professores e militantes negros, assim como a participação de jornalistas negros (envolvidos ou não) nos veículos de comunicação televisivos, para apreender suas visões e impressões sobre as possibilidades de trabalho. No percurso metodológico, foram ouvidos três especialistas (professores/militantes) para a apreensão do tema sobre o racismo estrutural e também aplicado questionário online junto ao público estudado em duas etapas: um para profissionais de Comunicação e outro para graduandos de Comunicação. Após a apreensão dos resultados, foi realizada uma roda de conversa com os graduandos de Comunicação, de maneira virtual. Como peça prática apresentada junto ao Mestrado Profissional em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), produto final deste trabalho, foi planejada uma série de podcasts sobre a temática analisada e finalizados três episódios a fim de conscientizar a sociedade quanto à necessidade de equidade racial em todos os âmbitos, mas principalmente no profissional, e mais especificamente no telejornalismo, que continua a se constituir como uma mídia de forte influência social.

Palavras-chave: Telejornalismo. Jornalistas negros. Visibilidade. Podcast.

ABSTRACT

The present work proposes a problematization about black visibility in television journalism, more precisely of black journalists in television news in São Luís. It has the objective of analyzing and promoting reflections in society about the presence of these actors, in a society marked by structural racism resulting from the times of slavery, and that spatter to this day in the black community, especially with regard to the professional field. For the study of this theme applied to television journalism, there was a need to understand the conceptions and concepts of specialists, teachers and black activists, as well as the participation of black journalists (involved or not) in television media, to apprehend their views and impressions about the possibilities of work. In the methodist route, three specialists (teachers/activists) were heard to apprehend the theme of structural racism and also applied an online questionnaire to the studied public, in two stages: one for Communication professionals and another for Communication graduates. After apprehending the results, a virtual conversation was held with Communication graduates. As a practical piece to be presented with the professional master's degree in Communication of the Federal University of Maranhão (UFMA), final product of this work, a series of podcasts will be produced on the theme analyzed, which will be divided into specific axes, according to the stakeholders involved, in order to raise society's awareness of the need for racial equity in all areas, but mainly in professional, and more specifically in television journalism, which continues to constitute itself as a media of strong social influence.

Keywords: Television journalism. Black journalists. Visibility. Podcast.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Em entrevista, Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política	40
Figura 2 - Painel de comentaristas e mediador negros no Programa “Em Pauta” da GloboNews, sobre a temática do racismo	41
Figura 3 - Maria Julia Coutinho sofre ataques racistas na página do JN no Facebook	43
Figura 4 - William Bonner, Renata Vasconcellos e equipe do Jornal Nacional levantam a hashtag “#somostodosMaju”, em resposta aos ataques direcionados à jornalista no Facebook	44
Figura 5 - Convite para preenchimento de formulário via Whatsapp	52
Figura 6- Quais foram os episódios de discriminação racial	59
Figura 7- Convite para preenchimento de formulário pelos estudantes de Graduação de São Luís	60
Figura 8 - Quais foram as experiências racistas que presenciaram no universo acadêmico	66
Figura 9 – Realização da “Roda de Conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local” com estudantes de Graduação em Comunicação.....	69
Figura 10 – Imagem da capa desenvolvida para o podcast “Negro, Pauta e Tela”	83

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentagem da população que concluiu a graduação	28
Gráfico 2 - Mulheres negras no mercado de trabalho	29
Gráfico 3 – Distribuição da amostra com base na cor/raça dos participantes	55
Gráfico 4 – Distribuição da amostra com base na escolaridade	55
Gráfico 5 – Distribuição da amostra em relação as empresas em que atuam	56
Gráfico 6 - Distribuição da amostra levando em consideração as funções desempenhadas	57
Gráfico 7 – Distribuição da amostra em relação à presença de negros no setor de trabalho ...	58
Gráfico 8 – Distribuição da amostra quando o assunto é negros em cargo de chefia	58
Gráfico 9 – Distribuição da amostra em relação a discriminação racial sofrida no ambiente de trabalho	59
Gráfico 10 - Distribuição da amostra em relação à cor/raça dos participantes	61
Gráfico 11 - Distribuição da amostra em relação ao ingresso nas IES por sistema de cotas ...	62
Gráfico 12 - Distribuição da amostra em relação aos estudantes que já estão no mercado de trabalho jornalístico (estágio)	63
Gráfico 13 - Distribuição da amostra em relação à composição racial dos estudantes em sala de aula.....	64
Gráfico 14 - Distribuição da amostra em relação à composição racial dos docentes do curso	64
Gráfico 15 - Distribuição da amostra em relação à terem presenciado alguma atitude racista no universo acadêmico	65
Gráfico 16 - Distribuição da amostra em relação ao acompanhamento de telejornais de São Luís	66
Gráfico 17 - Distribuição da amostra em relação ao número de repórteres negros nas telas dos telejornais locais	67
Gráfico 18 - Distribuição da amostra em relação ao interesse de participação dos estudantes em atividade de discussão da temática	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantitativo geral de telejornalistas não-negros e telejornalistas negros nos telejornais em São Luís	51
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPOD	–Associação Brasileira de <i>Podcasters</i>
CBN	–Central Brasileira de Notícias
CDINN	–Coletivo de Intelectuais Negras e Negros
CEFET's	–Centros Federais de Educação Tecnológica
CEIRI	–Coordenação de Educação da Igualdade Racial de Imperatriz
CEO	–Chief Executive Officer
COVID-19	–Coronavírus
EUA	–Estados Unidos da América
FIESP	–Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
IBGE	–Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	–Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IES	–Instituição de Ensino Superior
JMTV	–JMTV (Jornal da Mirante / 1ª e 2ª edição)
JN	–Jornal Nacional
MA	–Maranhão
MNU	–Movimento Negro Unificado
nº	–Número
PCDs	–Pessoas com Deficiência
PNAD	–Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RH	–Recursos Humanos
RSV	–Redes Sociais Virtuais
RSS	– <i>Real Simple Syndication</i>
SBT	–Sistema Brasileiro de Televisão
SEIR	–Secretaria de Igualdade Racial
TV	–Televisão
UFMA	–Universidade Federal do Maranhão
UNEGRO	–União de Negros pela Igualdade

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Tabela de acompanhamento de telejornais de Sao Luís. Emissoras – TV Difusora e TV Mirante	93
APÊNDICE B - Declaração de pesquisa para mapeamento dos profissionais negros (repórteres e apresentadores) nas emissoras de TV de São Luís	97
APÊNDICE C – Questionário aplicado à jornalistas de São Luís via link do Google Forms .	98
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para participantes do Podcast “Negro, Pauta e Tela”	105
APÊNDICE E – Questionário aplicado aos graduandos dos cursos de Comunicação de São Luís via link do Google Forms	106
APÊNDICE F – Formulário de inscrição para a Roda de Conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local com graduandos(as) dos cursos de Comunicação.....	111
APÊNDICE G – Roteiro de perguntas da roda de conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local com graduandos(as) dos cursos de Comunicação.....	112
APÊNDICE H - Imagem do Convite para a “Roda de Conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local” com estudantes de Graduação em Comunicação	113
APÊNDICE I - Termo de Autorização de Uso de Obras – Direitos Autorais – para música utilizada no podcast	114
APÊNDICE J - Roteiro do primeiro episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”	115
APÊNDICE K - Roteiro do segundo episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”	120
APÊNDICE L - Roteiro do terceiro episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”	125
APÊNDICE M - Roteiro do quarto episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”	130
APÊNDICE N - Roteiro do quinto episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”	135
APÊNDICE O - Roteiro do sexto episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”	140

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O NEGRO NO BRASIL E NO MERCADO DE TRABALHO	18
2.1 Marcas da escravidão e racismo estrutural	18
2.1.1 O Movimento negro na luta de direitos	21
2.2 O negro no ensino superior	23
2.3 Obstáculos sofridos pelos negros no mercado de trabalho	25
2.4 Mulher negra: duplo preconceito	28
3 VISIBILIDADE NEGRA NO TELEJORNALISMO	31
3.1 Profissionais negros nos telejornais brasileiros	37
3.1.1 Ataques racistas	39
4 PERCURSO METODOLÓGICO	45
4.1 Revisão bibliográfica	45
4.2 Pesquisa exploratória	46
4.3 Entrevista com pesquisadores	47
4.4 Acompanhamento dos telejornais regionais	49
4.5 Aplicação de questionário com profissionais	52
4.5.1 Resultados.....	54
4.6 Aplicação de questionários com discentes de Comunicação.....	60
4.6.1 Resultados.....	61
4.7 Participação em oficina de produção e publicação de podcast	68
4.8 Roda de Conversa com graduandos de Comunicação	68
5 PODCAST, MOBILIZAÇÃO SOCIAL E DEMOCRATIZAÇÃO DA MÍDIA	73
5.1 Planejamento de construção do produto podcast.....	77
5.1.1 Pré-produção.....	77
5.1.2 Definição do público de interesse.....	77
5.1.3 Escolha dos entrevistados/participantes	78
5.1.4 Formato do podcast	79
5.1.5 Parcerias para produção.....	81
5.2 Construção do Podcast.....	81
5.2.1 Resumo dos episódios gravados.....	82
5.2.2 Identidade visual.....	84
6 CONCLUSÃO.....	85
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	92

1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação como a televisão, o cinema, a internet, a propaganda e a imprensa têm papel determinante na organização da sociedade. A televisão brasileira – pondo em evidência a TV aberta - continua a ser, mesmo com o advento de outros meios tecnológicos, uma das principais ferramentas de comunicação, se constituindo como um importante mecanismo de influência para a construção da opinião pública.

Já o jornalismo se constitui como um lugar de referência, de proximidade com diversos tipos de público, e neste sentido também desempenha função importante na reprodução das relações raciais no Brasil, influenciando comportamentos culturais e valores. No que diz respeito à composição racial da população brasileira, ao não dar visibilidade aos seus vários campos, em especial aos negros, esta mídia pode contribuir para o aumento da invisibilidade dessa comunidade que constitui grande parte do país.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), 54% da população é autodeclarada negra. Já no Estado do Maranhão, o mesmo medidor demográfico mostrou que a região é formada por 74% de pessoas pretas e pardas.

Em um país em que mais da metade da população é formada por negros, as questões de visibilidade podem se mostrar contrárias ao sentido de equidade social e democratização racial. No que concerne aos espaços midiáticos e ao telejornalismo, pode-se dizer que as representações acontecem a partir de um lugar de subalternidade, tanto no que diz respeito às pautas veiculadas na mídia quanto à ocupação (ou não) de profissionais negros no mercado de trabalho.

A importância de um processo midiático representativo é um processo já legitimado, inclusive nos meios legais. No capítulo VI do Projeto de Lei nº 12.288 de 20 de julho de 2020, o Estatuto da Igualdade Racial do Senado Federal confere aos meios de comunicação políticas de valorização à população negra. O artigo 43 define que “a produção veiculada pelos órgãos de comunicação valorizará a herança cultural e a participação da população negra na história do País”.

Mesmo no século XXI, percebe-se que no Brasil há uma quantidade irrisória de profissionais negros apresentando programas ou atuando na operação, no que tange o cenário televisivo nacional (Barreto, 2021, p. 128). Dessa forma, entende-se que o quantitativo destes profissionais vai de encontro ao mito da democracia racial, onde há a participação majoritária e desproporcional dos profissionais de pele clara em relação aos de pele negra, cabendo a

indagação sobre onde se encontram os comunicadores afrodescendentes e como estão envolvidos nas relações de poder em seus locais de trabalho.

As principais emissoras de TV do país possuem alguns poucos jornalistas negros na bancada de seus jornais, mas isto pode parecer como a oferta de apenas uma “fatia” das oportunidades, destinada para essa população não branca. Nos telejornais de São Luís, objeto de estudo de nosso trabalho, essa escassez também é notada. De modo geral, na capital nota-se um quantitativo restrito de repórteres/apresentadores negros.

Portanto, apresentamos a seguinte problemática: de que modo os comunicadores negros se sentem representados na mídia televisiva ludovicense? Quais estratégias podem ser usadas para dar visibilidade a esses atores?

Toma-se como hipótese que, em uma sociedade marcada por traços racistas, o jornalismo é uma esfera que pode contribuir para a manutenção da subalternidade racial, caso não promova transformações. É necessário pensar em um jornalismo mais democrático, em que todos os públicos se sintam representados.

Nesse sentido, considerou-se que o jornalismo regional é aquele que está mais acessível às pessoas que residem em uma determinada região, e assim, deve ofertar, midiaticamente, espaço de pertencimento, pois é o detentor da capacidade de gerar ou estimular os processos ligados à identidade dos sujeitos, que por si só são multifacetadas.

A pesquisa aqui desenvolvida tem o objetivo de conscientizar sobre a necessidade de equidade racial no contexto estudado, assim como incentivar e valorizar a presença de jornalistas (âncoras e repórteres) negros nos telejornais da capital São Luís. Para tanto, houve a elaboração de um produto com potencial de sensibilização e promoção de modificação de cenários.

Propusemos, então, a construção de uma série de podcast¹ com o propósito de colocar os negros em evidência na comunicação, composto por jornalistas, estudantes de jornalismo e profissionais negros do campo científico/educacional a fim de trazer as questões da população negra mais próximas da abordagem jornalística.

A realização desta pesquisa se justifica pela necessidade do levantamento de dados dentro de uma temática emergente sobre raça e visibilidade no Estado do Maranhão. Sendo assim, a pesquisa e a metodologia realizadas neste trabalho são de fundamental importância na produção de conhecimentos e reflexões.

¹ O podcast é uma ferramenta de mídia similar a um programa de rádio que pode ser ouvido pela internet e a qualquer hora.

O podcast foi construído a partir da coleta de dados vinculados às ocupações dos profissionais negros nos espaços midiáticos, uma vez que a representação identitária e a afirmação dessa lacuna nos espaços formais de trabalho contribui para a criação de imagens positivas, plurais e multifacetadas presentes no campo da comunicação, assim como a exposição de percepções, conhecimentos e sentimentos pelos sujeitos em questão.

Analisar a cor da mídia televisiva local, sob a perspectiva da democratização racial, abre campo para possibilidades de transformação, sobretudo em nosso objeto de estudo, o telejornalismo local.

No tocante à contribuição para o campo do conhecimento, o estudo aqui desenvolvido cria caminhos para debates e recortes sobre o espelho da realidade local, facilitando com que mais estudos sobre essa questão sejam desenvolvidos. Por se tratar de um assunto pertinente ao quadro regional, fez-se necessária a sondagem da cor que “caracteriza” a comunicação, da ocorrência de possíveis práticas discriminatórias que venham a interferir na participação negra nas telas maranhenses.

Com base na compreensão sobre a necessidade de mudança nas representações sociais do negro na mídia e no entendimento de que a mídia se mostra como um espaço persuasivo e de construção do pensamento social, esta pesquisa mostra-se relevante pelas possibilidades de reflexão do olhar do povo negro maranhense para si próprio, assim como em uma identificação social positiva e democrática por meio do campo midiático.

A escolha do produto apresentado neste trabalho, o podcast, considera que este é um formato midiático atual, dinâmico e de potencial adesão e disseminação e, sendo assim, entra no campo das possibilidades reais de representações positivas, com o protagonismo e a publicização das narrativas dos negros frente ao mercado de trabalho e sociedade, com base na análise das veiculações do segmento no jornalismo maranhense.

Os capítulos que vem seguir apresentam conceitos e discussões sobre a temática racial e midiática. O primeiro capítulo discorre sobre o negro no campo profissional, relacionado às dificuldades decorrentes do período escravocrata, a luta para garantia de direitos; a presença do negro no ensino superior, as dificuldades enfrentadas pelo negro no mercado de trabalho e o duplo preconceito enfrentado por mulheres negras.

Já o segundo capítulo aborda sobre a visibilidade negra no telejornalismo, apresentando conceitos e discussões sobre esse espaço visto como de poder e construção da realidade, alicerçado nos Estudos Culturais. Também apresenta algumas obras televisivas que retratam o negro de forma negativa na mídia, e apresenta, ainda, exemplos de profissionais negros(as) nos telejornais brasileiros e os ataques racistas que já enfrentaram.

O terceiro capítulo apresenta todo o percurso metodológico desenvolvido durante a pesquisa, em que constam: informações da pesquisa exploratória, entrevista com pesquisadores, acompanhamento de telejornais, aplicação de questionários com profissionais e com discentes de Comunicação, participação em oficina de produção e publicação de podcast, e roda de conversa com graduandos de Comunicação.

Logo após, no quarto capítulo, parte-se para os conceitos teóricos sobre o que é o *podcast*, seus usos e interações, além de apresentar as etapas de construção da série de podcast, produto final da pesquisa.

2 O NEGRO NO BRASIL E NO MERCADO DE TRABALHO

No capítulo inicial deste trabalho, delinearemos a história da escravidão no Brasil, e por sua consequência, o racismo estrutural existente na sociedade, para entendermos como a hegemonia branca nos diversos campos sociais acabaram por gerar cenários de desigualdade e dominação de outros povos, com marcas que são visíveis em todos os âmbitos, e em especial no mercado de trabalho.

2.1 Marcas da escravidão e racismo estrutural

Os negros foram exilados de sua pátria mãe, a África, e foram condenados à escravidão durante séculos por diversas sociedades em todo o mundo. No Brasil, o período escravocrata existiu até 1888, e traz vestígios que estão espalhados por todo o país. Preconceito, discriminação e exclusão são algumas das realidades enfrentadas até hoje no país. Discutir a respeito disso e rever nossa história é um dos caminhos para mudar essa situação.

Desde a chegada dos navios negreiros ao solo brasileiro, o processo de expansão europeia, quando os europeus começaram a ter contato com povos diferentes do ponto de vista cultural e fenotípico, fez com que estes estabelecessem uma hierarquia na qual eles próprios estavam no topo, e os outros grupos fossem distribuídos para a base da pirâmide social. Os indivíduos negros foram racializados, ou seja, separados e discriminados por sua raça.

Após a Revolução Industrial e com a abolição da escravatura, os negros receberam cartas para a liberdade. Foi um marco na história, mas isso não significou o fim das desigualdades. A partir de então, os negros, mesmo libertos, foram impedidos de vários atos na sociedade, como a privação do direito ao estudo, o impedimento de trabalhos remunerados e, a partir disso, a incapacidade de poder de compra.

Outras medidas como a Lei do Sexagenário (em que os senhores com mais de 60 anos deveriam ser libertos, em uma realidade em que a expectativa de vida para os negros era de 40 anos) e a Lei do Ventre Livre (em que os negros nascidos a partir de 1871 seriam livres, mas teriam que permanecer no julgo de seus senhores até os 21 anos de idade) tentaram mascarar a continuidade da dominação branca na sociedade brasileira.

As discriminações decorrentes do período escravocrata e ainda praticadas com base no racismo estrutural podem ser identificadas “nos mais diversos espectros sob os quais se visa

compreender os entraves que persistem na estrutura da sociedade brasileira” (Bersani, 2018, p. 2). A divisão humana baseada por raça e as disparidades sociais ocasionadas por ela trazem consequências para a população negra até os dias atuais, nos mais diversos segmentos.

Almeida (2018), traz a explicação desse racismo estrutural que compõe diversas ações impregnadas na sociedade. Segundo o autor, o racismo constitui as relações num determinado padrão de “normalidade” (no que diz respeito às normas estabelecidas). É uma forma de normalização do preconceito e da discriminação, um modo de estrutura social e de manutenção das relações e do poder hegemônico.

O autor esclarece que o conceito de raça é precursor das divisões sociais, pois, a partir de suas definições, ocasiona conflitos e brigas por poderes. Para ele, o racismo decorre da estrutura da sociedade, que beneficia determinados grupos contribuindo para a ideologia da supremacia de uma raça em detrimento da outra, da dominação no que diz respeito ao campo social. Assim, constitui-se o racismo estrutural, interligando-se ao modo sistemático em que grupos são discriminados.

Bento (2022) reforça a existência de um “pacto narcísico”, não formal entre os brancos na perpetuação do racismo estrutural. Na infância, pactos silenciosos e implícitos são realidade, no que a autora narra uma situação ocorrida com o colega (branco) de seu filho, que ao ver um garoto negro limpando parabrisa de um carro, o chama de descendente de escravo. Há ainda o relato de que, após o episódio, seu filho começou a associar muitos aspectos negativos à população negra, internacionalizando uma espécie de inferioridade social.

[...] é preciso reconhecer e debater essas e outras relações de dominação para criar condições de avanço para outro tipo de sociedade e outros pactos civilizatórios. Relações de dominação de gênero, raça, classe e origem, entre outras guardam muita similaridade na forma como são construídas e perpetuadas através de pactos, quase sempre não explicitados (Bento, 2022, p. 15).

Esse pacto que sustenta disparidades, exclui da civilidade aqueles que não fazem parte do grupo hegemônico acaba por perpetuar estigmas quanto à população negra. No que tange ao mercado de trabalho, Bento (2022) que o tráfico de pessoas no período da escravidão foi o que impulsionou o crescimento do capitalismo, “sendo motor da economia da metrópole e da colônia” (Bento, 2022, p. 32). Além do capitalismo como processo já conhecido, a autora também considera o “capitalismo racial”, baseando nos conceitos de raça, etnia e gênero.

É um regime que congrega classe e supremacia branca. Aliás, capital e raça já se uniram há séculos: do tráfico negreiro transatlântico à destruição da população maia, asteca e guarani; dos combates portugueses na África Central aos inúmeros massacres em terras colonizadas por países europeus.

Desse modo, é preciso que haja mudanças para barrar a proliferação do discurso hegemônico que coloca os negros em situação inferior, afetando suas vidas nos âmbitos social e econômico, mas também em sua autoestima e vida em sociedade.

Já Gonzalez (2020), defende que “sob a hegemonia do capitalismo monopolista” decorridos do período da escravidão, a população teve como consequência o espaço da subalternidade que impede a ascensão econômica e a equidade social.

É nesse sentido que o racismo - enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas - denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho e é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas (Gonzalez, 2020, p. 29).

Todo esse cenário pode ser compreendido pelas marcas históricas e sociais deixadas por este período. Para Hall (1997), houve um enfraquecimento do sujeito “negro” a partir do processo de construção dos discursos, o que acabou dando voz para uma hegemonia branca, onde, por sua vez o poder social, econômico e cultural se concentrou desde os primórdios civilizatórios, principalmente quando o que está pautado é o território brasileiro.

Silva (2019, p. 170) acentua a discussão sobre o “domínio estrutural e a institucionalização do preconceito racial, por também destacar como sistêmica” a forma como se constituem as desigualdades. Para a autora, existem práticas institucionalizadas na sociedade que acabam por manter opressões raciais.

[...] o domínio hegemônico do poder refere-se à ideologia, cultura e consciência, que procura justificar as práticas dos domínios precedentes, por meio de visões compartilhadas em variados espaços de reprodução social. Funciona como uma conexão entre as instituições (domínio estrutural), práticas organizacionais (domínio disciplinar) e interação social (domínio interpessoal). Por fim, no domínio interpessoal, estão as práticas rotineiras e cotidianas de relacionamento. Trata-se do nível micro da organização social, em que também múltiplas estratégias individuais de resistência são forjadas (Silva, 2019, p. 170).

Isso implica em dizer que o domínio disciplinar limita as oportunidades do povo negro em várias escalas sociais, pois, como enfatiza a autoura, parte da uma matriz estruturada acostumou-se a oprimir e a subestimar o negro, por meio de um contexto racializado.

A temática do racismo estrutural vem ganhando notoriedade nos últimos anos, devido a alguns acontecimentos. Nos Estados Unidos, a morte de George Floyd (em 25 de maio de 2020), homem negro encurralado por policiais brancos, agredido e sufocado até seu desfalecimento, reacendeu a discussão quanto à necessidade de se reverter esse quadro de violência e segregação racial. O caso chocou todo o mundo, quando Floyd estava com a

cabeça imprensada no chão e gritava sobre sua impossibilidade de respirar, porém continuou a sofrer agressões mesmo assim, sem chance de se defender daquela situação.

Fica claro que o racismo produz distorções e coerções. É um fenômeno histórico de raízes profundas, resultante dos mais de 300 anos de escravidão do povo negro, e que precisa ser combatido cotidianamente.

2.1.1 O Movimento negro na luta de direitos

A atuação do movimento negro na luta pelos direitos das pessoas pretas tem sido fundamental para a conquista de avanços importantes. O livro *O quilombismo*, de Nascimento (2002), é uma obra fundamental para entendermos a atuação do movimento negro no Brasil. Publicada pela primeira vez em 1980, a obra propõe uma reflexão sobre a construção de uma nova sociedade a partir da experiência dos quilombos, comunidades formadas por escravos fugitivos que resistiram ao sistema escravista.

Clóvis Moura (1983), um dos principais teóricos do movimento, enfatiza que o quilombo foi o primeiro movimento de luta e resistência negra no contexto escravagista, a busca pelos direitos tão bruscamente negados no período. O autor pauta-se na formação da consciência negra a partir da luta contra a escravidão e seus revezes, aonde a organização do movimento negro é fundamental para a conquista de direitos e a superação do racismo na sociedade brasileira. Para tal, ele acredita que a luta contra a discriminação racial deve ser feita de forma coletiva e estratégica, com a participação ativa dos movimentos sociais e políticos.

Abdias do Nascimento (2002), que foi um importante ativista e intelectual negro, seguia o pensamento dos quilombos enquanto precursores da luta racial contra o sistema opressor. Ele defendia a ideia de que o quilombismo deveria ser uma estratégia política para a transformação social. Ele acreditava que os quilombos eram mais do que simples comunidades de resistência, mas sim modelos de organização social que poderiam ser replicados na sociedade como um todo. O movimento negro, desde o início do século XX, tem lutado por uma sociedade mais justa e igualitária para a população negra. A partir da influência de movimentos internacionais, como o Black Power nos Estados Unidos, ou, ainda, o pan-africanismo, o movimento negro brasileiro se organizou de forma mais efetiva na década de 1970, com a criação de entidades como o Movimento Negro Unificado (MNU) e a União de Negros pela Igualdade (UNEGRO).

O quilombismo de Nascimento (2002) representou uma importante contribuição para a

luta do movimento negro no Brasil. Sua obra inspirou muitos ativistas a repensarem a história e a cultura negra e a reconhecerem a importância dos quilombos para a construção de uma identidade negra forte e resistente. Atualmente, destaca-se, o movimento negro continua a lutar por uma sociedade mais justa e igualitária, enfrentando diversas formas de discriminação e violência. A herança do quilombismo de Abdias do Nascimento permanece viva nas lutas cotidianas do movimento negro, que busca construir uma sociedade mais inclusiva e democrática para todos.

Nilma Lino Gomes (2011) trabalha a capacidade emancipatória do Movimento Negro, tendo como um dos principais pilares a educação. Segundo a autora, o movimento negro é educador porque ele tem a capacidade como um ator político e social de organizar, de sistematizar e disseminar saberes que são produzidos pela população negra ao longo dos séculos, transformando esses saberes em reivindicação política, tensionando a sociedade para a compreensão do que é o racismo, no reconhecimento da existência do racismo. Para ela, “enquanto sujeito político, esse movimento produz discursos, reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articula, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados” (Gomes, 2011, p. 44).

O campo da educação foi visto como um campo de atuação para a reeducação da sociedade. Dessa forma, o movimento negro faz com que a sociedade compreenda as mazelas sociais e o racismo, agindo para a quebra com o mito da democracia racial (que antes era bem presente no imaginário social brasileiro). Assim, ele tem educado e reeducado a sociedade justamente no que diz respeito a luta contra esse fenômeno. A partir dessas movimentações, têm conseguido mudanças significativas no meio social no que concerne na reeducação de pessoas negras e não-negras no posicionamento contra o racismo, como por exemplo, a revisão e reestruturação do papel do negro na história brasileira. Todos os saberes produzidos possuem caráter emancipatório do afro-brasileiro, além de contribuir para uma construção de identidade negra afirmativa por parte das próprias pessoas negras.

Desde o seu surgimento, o Movimento Negro apresentou algumas vertentes. Há uma diversidade de experiências das organizações de luta contra o racismo existentes no Brasil, que possuem objetivos e metas diferentes, mas compartilham a experiência de discriminação racial e social.

Mesmo diversas, essas organizações são unidas pelo combate às práticas racistas. Além disso, é notável a criação de diferentes ideias e projetos por cada associação, resultado de influências internacionais e do empenho de diversos setores da sociedade, incluindo a educação e o judiciário na implementação de leis. Dessa forma, esses espaços organizados

pelos movimentos sociais podem ser considerados como espaços pedagógicos, que promovem a construção e o fortalecimento de um pensamento crítico e de resistência.

Ainda há muito a ser conquistado, e o movimento negro continua atuando de forma intensa e estratégica para combater o racismo e promover a igualdade racial na sociedade brasileira, sobretudo no campo base para uma sociedade melhor: a educação.

2.2 O negro no ensino superior

A diversidade étnico-racial é fator inquestionável no Brasil e consiste na base de origem e existência do país, devendo ter como princípio norteador a igualdade de oportunidade na educação para todos, desde a infância até o Ensino Superior. Desse modo, entender como se dão os elementos que constituem as relações raciais nos ambientes educacionais e de formação profissional é fundamental para a luta antirracista e para a busca de uma sociedade mais igualitária e inclusiva, afastando a ideia de branquitude do centro das relações de poder.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018) apontam para uma redução na taxa de analfabetismo de pessoas negras com idade igual ou superior a 15 anos num período de dois anos (2016 a 2018), e o mesmo medidor marcou um aumento de 37,3% para 40,3% para as pessoas maiores de 25 anos que chegaram a finalizar o ensino médio. Esses números, embora maiores, são pouco expressivos diante da necessidade de mais oportunidades para a população negra, o que acaba refletindo no mercado de trabalho. Já a taxa de analfabetismo da população branca não chega aos 4%, e os jovens que possuem o ensino médio completo somam o percentual de 55,8%.

Em 2014, a taxa de escolarização líquida, segundo cor/raça e nível de ensino apresenta uma maior presença negra na Educação Infantil, com 45,7%, não muito distante da população branca, que obteve 49,4% (IPEA, 2014). No ensino fundamental, as taxas entre brancos e negros equivalem a 96,4% e 96,3%, respectivamente. No ensino médio, os números apresentados são de 64,7% (brancos) e 50,6% (negros). Já no ensino superior, os números apontam para 24,9% referentes à presença de brancos, e 11,8% referentes aos negros.

Outra pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020) faz um trajeto dos jovens brasileiros na educação superior. O estudo aponta, por exemplo, que em 1992, cinco em cada cem jovens entre 18 e 24 anos cursavam ensino superior. Já em 2015, esse número passou para dezoito jovens nessa faixa etária. Entre os jovens negros, essa taxa

saltou de 1,5% para 12,5% em 2015, passando a representar, entretanto, a despeito do crescimento expressivo, apenas 50% da taxa dos jovens brancos.

Como já mencionamos no tópico anterior, o movimento negro tem em sua história a luta pelos direitos do negro e a promoção de ações afirmativas, principalmente no que diz respeito à educação. Desde o século XX, possui protagonismo na denúncia e cobrança de combate ao racismo, sempre pautando os eixos de desigualdade racial e social.

Retomando Gomes (2017, p. 9), autora do Movimento Negro Educador e primeira mulher negra a se tornar reitora de uma universidade: “Entende-se como movimento negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade”.

O movimento negro lutou (e luta) pelo acesso à educação de qualidade, que historicamente foi negado aos negros no Brasil. A partir das mobilizações geradas foram criadas políticas públicas que visavam a inclusão desses agentes, além da valorização da história e cultura no ensino básico, e nas políticas de ações afirmativas.

A política de cotas (através da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012) foi um marco para esse aumento da inserção negra nesse sentido. Embora no ano de sua implementação, não tenha havido uma expressiva participação dos negros, logo depois o contingente aumentou, principalmente no que diz respeito às mulheres negras. Em 2017, elas formaram 29,3%, e em seguida as mulheres brancas. No caso dos homens, houve um empate de 24,4% para cada raça (negros e brancos).

Outro aspecto a ser destacado é que programas como Fies² e o ProUni³ inseridos na rede privada, acabaram por expandir as possibilidades de adentrar à educação superior, e por isso obteve vasta adesão e expansão nas regiões do Brasil. Em 2014, os programas citados eram responsáveis por quase 58% dos ingressantes na rede privada de Ensino, e o Norte, Nordeste e Centro-Oeste tiveram maior expressão nas vagas ofertadas pelas IES.

Esse aumento pode ter trazido uma diferença quanto à inserção de negros nas universidades e faculdades, mas nem sempre isto representa que existam mais negros concluindo os cursos, e saindo com diploma de formados. Outro indicador do estudo no

² Fundo de Financiamento Estudantil - programa do Ministério da Educação que tem o intuito de facilitar o acesso de jovens de baixa renda ao ensino superior, ofertando financiamento estudantil para cursos de graduação em faculdades privadas (Portal Fies, 2022).

³ Programa Universidade para Todos – concede bolsas de 100% e 50% do valor das mensalidades em faculdades e universidades particulares para alunos do Ensino Médio em escolas públicas, ou do Ensino Médio em escolas particulares com bolsa integral (Portal Único de Acesso ao Ensino Superior, 2022).

mesmo ano aponta que, dentre a distribuição das pessoas com ensino superior completo, os brancos somam 66%, enquanto os negros, apenas 32%. O aumento da inserção de negros nas IES nem sempre culminam em um maior número de alunos formados, indicação a continuidade de uma subrepresentação neste âmbito.

É necessário destacar que antes da Lei de Cotas, poucas universidades trabalhavam com sistema de reserva de vagas, com destino às questões raciais. A pesquisa mostra que, dentre as 59 universidades federais, apenas 23 tinham sistema de cotas com cunho racial. Já nos institutos federais e nos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET's), apenas 5 contavam com o sistema. É fundamental que a educação brasileira reconheça e valorize a contribuição dos negros na construção da sociedade brasileira e na formação da identidade cultural do país.

Com a revisão da Lei de Cotas (PL 5384/2020)⁴ aprovada pela Câmara dos Deputados em agosto deste ano, as mudanças na abrangência desta Lei serão ainda mais significativas. Além de vagas reservadas para negros (pretos e pardos) e indígenas nas universidades e institutos federais, também serão incluídos outros sujeitos historicamente excluídos: os quilombolas. Além disso, a revisão também prevê a promoção de ações afirmativas nos programas de pós-graduação para os grupos envolvidos, o que torna os ambientes educacionais cada vez mais inclusivos, o que é fundamental para a promoção de uma sociedade mais justa.

2.3 Obstáculos sofridos pelos negros no mercado de trabalho

No mercado de trabalho, o racismo tem seus desdobramentos, já que afeta uma maior inserção de negros nas empresas e organizações e em suas posições nas relações de poder. As marcas da escravidão refletem até os dias atuais, mostrando um cenário desigual quando o assunto é a raça negra. Embora constituam o maior grupo demográfico do país, os negros acabam sendo subrepresentados nas universidades e, por vezes, invisibilizados nos ambientes corporativos. Aqui, delinearemos o cenário corporativo a partir de pesquisas e levantamentos sobre os obstáculos para o negro no mercado de trabalho, e também, sobre a condição de um perfil ainda mais subjugado, o da mulher negra dentro desse contexto.

⁴ Projeto de Lei que altera a Lei nº 12711/2012, referente à reserva de vagas para determinados grupos nas universidades e nas instituições de ensino técnico de nível médio. Prevê maior acesso por estudantes pretos, pardos, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, e também, estudantes oriundos de escolas públicas. A PL 5384/2020 em tramitação no Senado Federal até o presente momento.

Sampaio (2003) define como “fracasso coletivo” o fato de uma organização medir a competência e o desenvolvimento profissional por causa da cor, já que, em um contexto geral, os negros se encontram alocados em funções de baixa remuneração, tendo ínfima ocupação nos cargos de liderança.

O Estatuto da Igualdade racial, disposto pela Lei nº 12.288/2010, discorre sobre ações que visam o combate à discriminação e também as formas de garantir direitos fundamentais à população negra, dentre elas, o trabalho. Em seu artigo nº 39, o documento prevê que:

O poder público promoverá ações que assegurem a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho para a população negra, inclusive mediante a implementação de medidas visando à promoção da igualdade nas contratações do setor público e o incentivo à adoção de medidas similares nas empresas e organizações privadas. (Brasil, 2010, art. 39).

Diferentemente da Lei nº 8.213/91, destinada a Pessoas com Deficiência (PCDs), o Estatuto não regulamenta uma cota mínima para a contratação de pessoas negras e se direciona apenas ao segmento público. Já o setor privado não é previsto por lei, contando apenas com incentivos fiscais.

Retomando o conceito de racismo estrutural, entendemos que o estado de subalternidade no qual os afrodescendentes foram submetidos ao longo da história influencia os índices populacionais, que constata a deficiência vivida em vários âmbitos, desde o direito à moradia ao acesso à educação e ao desenvolvimento de carreira.

Os dados apresentados no tópico anterior contextualizam as disparidades raciais e as dificuldades enfrentadas pelos negros desde a infância até a inserção no mercado de trabalho. Consequentemente, a população branca acaba por possuir bem mais acesso aos ambientes corporativos. Dessa forma, possui mais possibilidade de desenvolvimento de carreira e sucesso profissional, entendendo que, para que o negro chegue a determinados níveis profissionais, será necessário triplicar seus esforços.

Ainda de acordo com a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), mais da metade da força de trabalho do país é constituída por negros (54,9%), mas o número de desempregados/desocupados é maior que esse quantitativo, chegando aos 64,2%.

Esses números refletem diretamente na presença e participação negra nas corporações, já que os cargos gerenciais contam com apenas 29,9% de profissionais negros, enquanto brancos representam 68,6%. A partir dessa realidade, os indicadores de rendimento se tornam ainda mais desiguais, quando entende-se que, mesmo estando em cargos de gerência na

empresa/setor público, podem sofrer diferença salarial, pois profissionais brancos somam em disparado os melhores rendimentos do Brasil (85,9%), enquanto negros representam apenas 11,9%.

Após a apresentação desses balanços, apreende-se a existência de disparidades que precisam ser reparadas urgentemente no contexto organizacional e na sociedade. Segundo a pesquisa de Caos (2018), primeira empresa de consultoria de engajamento do Brasil, o que corresponde à discrepância dos índices apresentados é derivado do racismo estrutural. A pesquisa realizada para compreender a composição de cenário das organizações brasileiras, e também, a percepção de seus colaboradores, apontou, em mais de 50%, o preconceito como principal fator para essa dessemelhança.

Portanto, há uma notável lacuna em relação às oportunidades para negros no mercado de trabalho, fruto de um marco histórico, um passado de opressão. Em decorrência disso, os quadros de funcionários são pouco plurais, e os cargos de liderança são ocupados majoritariamente por pessoas brancas. Isto faz com que a população negra não se sinta representada nos lugares em que trabalha, e dessa forma, não possua o sentimento de pertencimento ao meio corporativo.

É preciso que as organizações tomem conhecimento da necessidade de incluir atores das minorias sociais para uma completa efetivação da diversidade em seu contexto. A sociedade requer cada vez mais que todas as esferas, incluindo a profissional, seja mais diversa e reflita, de fato, a conjuntura racial existente. O comprometimento com a diversidade e inclusão racial é cada vez mais emergente.

Não contrastante a esse cenário, o mercado de trabalho jornalístico acaba por apresentar os mesmos revezes. Segundo a pesquisa sobre o Perfil Racial e de Gênero da Imprensa Brasileira, produzido pelo Jornalistas&Cia e pelo Portal dos Jornalistas (2021), com apoio do Instituto Corda – Rede de Projetos, os negros compõem apenas 20,10% das redações e dos espaços jornalísticos brasileiros, número quase dois terços menor do que o apresentado pelo IBGE sobre a representação racial brasileira.

De acordo com a pesquisa, alguns pontos foram colocados como de maior destaque quanto às diferenças entre profissionais brancos e negros. São eles:

- Maior proporção entre os brancos de carreiras mais longevas, com mais de dez anos de trabalho no atual vínculo;
- Maior proporção de brancos realizando trabalho em home office;

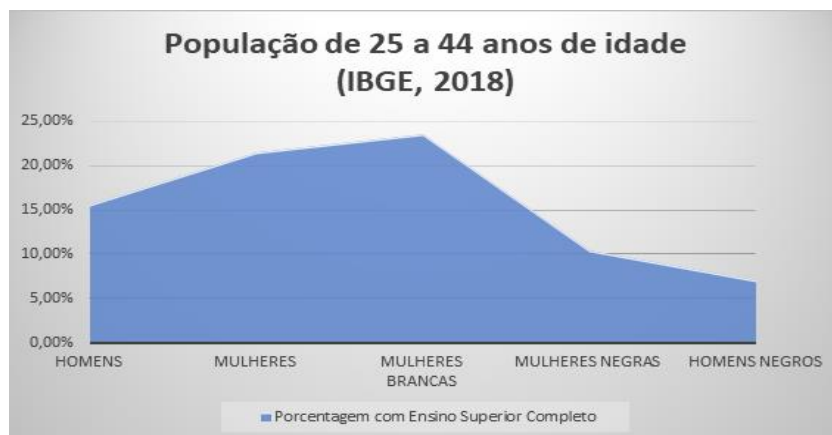
- Maior proporção de brancos em cargos gerenciais e de negros em cargos operacionais;
- Maior prevalência de um segundo emprego entre negros em relação aos brancos;
- Maior proporção entre negros na condição de assalariados do que de empregadores;
- Quase a totalidade dos entrevistados sente maior dificuldade de desenvolvimento de carreira em relação aos profissionais brancos.

O estudo aponta ainda que 63% do perfil composto por homens e que somente 36,60% são mulheres, o que nos leva a pensar na desigualdade de gênero também, e quando associado à mulher negra, esse quantitativo se torna bem mais ínfimo.

2.4 Mulher negra: duplo preconceito

Visto que a mulher negra sofre preconceito duplicado em razão de sua raça e de sua cor, embora constitua o maior grupo demográfico do país, acaba sub representada nas universidades e nos ambientes corporativos.

Gráfico 1 - Porcentagem da população que concluiu a graduação

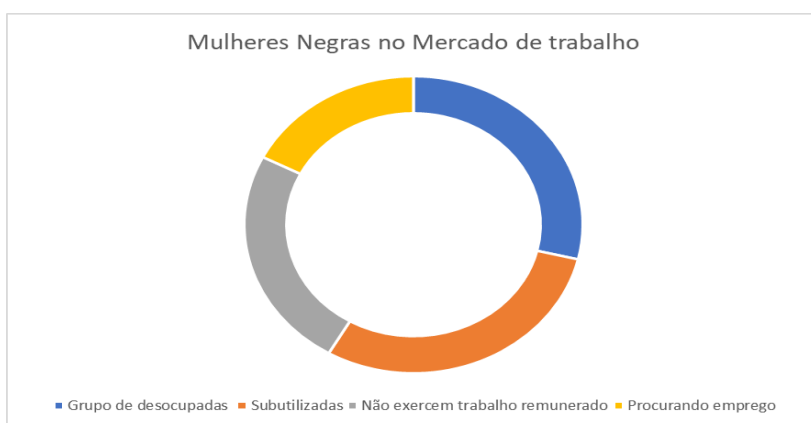


Fonte: Elaboração da Autora com base de dados do IBGE (2018).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), apenas 10% das mulheres negras completam o ensino superior. Entre as pessoas de 25 a 44 anos de idade, o percentual de homens que completaram a graduação é de 15,6%, enquanto o de mulheres atingiu 21,5%, indicador 37,9% superior ao dos homens. No entanto, o percentual de mulheres brancas com ensino superior completo (23,5%) é quase três vezes maior do que o de mulheres pretas ou pardas (10,4%), e é mais do que o triplo daquele encontrado para os homens pretos ou pardos (7%).

Embora as mulheres (de modo geral) sejam maioria nas faculdades, elas ainda são pouco valorizadas no mercado de trabalho, e para a mulher negra, os desafios são ainda maiores. Dados da Pesquisa Potências (in)visíveis: a realidade da mulher negra no mercado de trabalho (Clube de Criação, 2020), realizada pela parceria da consultoria “Indique Uma Preta” e da empresa Box1824 na megalópole de São Paulo, apontam que a mulher negra enfrenta as piores condições de trabalho.

Gráfico 2 - Mulheres negras no mercado de trabalho



Fonte: Elaboração da Autora com base de dados do Clube de Criação (2020).

Enquanto parte da população negra (IBGE, 2019), elas se fazem presentes nos 64,2% do grupo de desocupados e 66,1% do grupo de subutilizados. De acordo com a pesquisa mencionada no parágrafo anterior, 54% não exerciam trabalho remunerado e 39% estavam procurando emprego no momento.

Outro tópico aponta que 72% das mulheres negras não foram lideradas por outras mulheres negras nos últimos cinco anos de trabalho, contra 28% que foram. De todas as mulheres negras entrevistadas, nenhuma é CEO e apenas 2% é diretora no atual trabalho.

Com base nessa pesquisa, existe também um pré-conceito de que as mulheres negras não possuem qualificação necessária para exercer determinados cargos. Considerando que a maioria dos empregados e detentores de poder nas relações de trabalho são brancos e possuem círculos sociais com pessoas brancas, isso coopera para a baixa inserção das profissionais negras nas empresas.

Algumas considerações podem ser feitas sobre essa situação. O duplo preconceito sofrido e o cenário social em que essas mulheres se encontram influenciam diretamente nos números apresentados.

Muitas delas moram em locais periféricos e são responsáveis pelo sustento e cuidado dos filhos, tornando sua inserção no campo acadêmico e no profissional bem mais

complicada. Por outro lado, outra parcela consegue superar as dificuldades sociais e com esforço se capacitam, mas são preteridas nos processos de contratação das empresas.

Retornando ao campo do jornalismo, a baixa participação da mulher negra é decorrente desse duplo preconceito (de raça e de gênero). Dentre as jornalistas negras entrevistadas, 85% confirmam que isso é muito presente na sociedade, por vezes receberem tratamento profissional diferenciado e serem vistas como inaptas ou incapazes.

Dado que o campo jornalístico reproduz padrões socioculturais e, no caso brasileiro, tendo o racismo como um de seus elementos fundadores, faz-se necessário pensar esse dispositivo de reprodução da subalternidade no jornalismo televisivo. No campo da comunicação, ele é uma das faces mais visíveis do processo de invisibilização da mulher negra.

É preciso que as organizações tomem conhecimento da necessidade de incluir atores das minorias sociais para uma completa efetivação da diversidade em seu contexto. A sociedade requer cada vez mais que todas as esferas, incluindo a profissional, seja mais diversa e reflita, de fato, a conjuntura racial existente. O comprometimento com a diversidade e inclusão racial é cada vez mais emergente.

3 VISIBILIDADE NEGRA NO TELEJORNALISMO

Como já explicitado no primeiro capítulo, a divisão em grupos raciais de brancos e negros é decorrente do processo socio-histórico, construído através do racismo e da ideia de superioridade de uma raça em detrimento da outra. E, essa ideologia traz desdobramentos na construção identitária dos negros até os dias de hoje.

Neste capítulo, apresentaremos alguns conceitos dos Estudos Culturais e traremos à discussão alguns de seus principais pensadores, antes de adentrarmos nas especificações do tema no cenário telejornalístico. A análise dos Estudos Culturais trata-se de um aporte teórico-metodológico fundamental para o entendimento da realidade atual no contexto estudado.

Uma característica muito presente é a de transformar o seu saber em uma ferramenta de mudança política, com a meta de realizar uma intervenção na sociedade. A ideia é levar da reflexão à crítica para ultrapassar o campo acadêmico e alcançar os grupos excluídos socialmente. Além disso, esses estudos são caracterizados por sua natureza interdisciplinar e transitória, na qual investiga a variedade cultural e suas relações diversificadas, além de sua presença na consolidação de um processo de desenvolvimento científico e tecnológico.

Evidenciamos a seguir o trabalho do sociólogo Hall (2003), um dos principais nomes do Centro de Estudos Culturais de Birmingham (Reino Unido), que inseriu no campo os estudos de comunicação de massa e levantou a temática racial em relação às suas condições estruturais, sociais, econômicas, frente a uma hegemonia branca.

Em suas produções, Hall (2003) considera a cultura não apenas do ponto de vista epistemológico, mas também como campo metodológico no que diz respeito à análise dos fenômenos sociais. A partir de suas narrativas, Hall incorporou o estudo das práticas de resistência de culturas subjugadas, colocando em pauta questões críticas de raça, a política racial, a resistência ao racismo, a importância de pensar a opressão de raça no contexto da crise geral da sociedade que alteraria as outras relações.

Primeiro, os estudos culturais constituem um dos pontos de tensão e mudança nas fronteiras da vida intelectual e acadêmica, levando a novas questões, novos modelos e novas formas de estudo, testando as linhas tênues entre o rigor intelectual e a relevância social. É algo que, necessariamente, perturba no âmbito da vida acadêmica, que, esperamos, virá a produzir, futuramente, muita sabedoria. Mas, em segundo lugar, chamando a atenção da reflexão intelectual e da análise crítica para o tumulto de um mundo discordante e desordenado, ao insistir que acadêmicos observem por vezes a vida prática, onde a mudança social existe no dia-a-dia da sociedade, os estudos culturais tentam, de alguma maneira, insistir no que eu quero chamar de vocação da vida intelectual. Isto é, os Estudos Culturais insistem na necessidade de enfrentar as questões centrais, urgentes e preocupantes de uma

sociedade e de uma cultura da forma intelectual mais rigorosa ao nosso alcance (Hall, 2003, p. 52).

A partir desses apanhados teóricos, nos propomos discutir a cultura e as relações raciais no espaço midiático, principalmente na imagem do negro. Neste sentido, associando os Estudos Culturais à temática racial, especialmente aplicada ao meio televisivo, buscamos entender como se dá o espaço para o negro na TV, bem como as representações raciais que são produzidas.

Apontamos também alguns conceitos sobre a cultura midiática, a partir da visão de Kellner (2001). O autor parte da ideia de que “a sociedade e a cultura são terrenos de disputa e de que as produções culturais nascem e produzem efeitos em determinados contextos” (Kellner, 2001, p. 13). Kellner, que faz parte da 3ª geração da Escola de Frankfurt, dialoga com os embasamentos da Escola de Birmingham no que diz respeito à indústria cultural.

Ainda no contexto das sociedades mediadas, trazemos também o aporte teórico apresentado por Martín-Barbero (1997). Ele passou a interpretar o modo como os meios e as mediações formaram (e formam) o modo de se comunicar dos latino-americanos. Sendo especialista em filosofia, antropologia e semiótica, Martín-Barbero empenhou suas pesquisas na sociedade de massa e formação, como também na relação dos meios massivos e sua formação nas culturas nacionais.

Para entendermos melhor o que é o sujeito negro e como é construída sua identidade na história, precisamos compreender que Hall (2001) não o analisa de uma perspectiva essencialista, isto é, o autor não busca o negro essencial. Hall (2001) busca analisar o sujeito negro a partir de suas experiências, atitudes, forma de viver e como ele se reflete na cultura popular (Hall, 2001).

Hall (2001) afirma que a descolonização do terceiro mundo está propiciando uma cultura de sensibilidades descolonizadas, a partir do impacto da luta pelos direitos civis no século XX e da descolonização de mentes dos povos da diáspora negra.

A descolonização do Terceiro Mundo, marcada culturalmente pela emergência das sensibilidades descolonizadas. Eu entendo a descolonização do terceiro Mundo no sentido proposto por Franz Fanon: inclui aí o impacto de direitos civis e lutas negras na descolonização de mentes de povos da diáspora negra (Hall, 2001, p. 148).

Segundo Hall (2001), a cultura negra está tendo maior espaço nos dias atuais, e isso se dá pelo resultado das diversas políticas e as “contranarrativas”. Há uma abertura que proporciona um novo tipo de política cultural (Hall, 2001). Contudo, ainda é preciso adentrar novos espaços e destituir preconceitos.

Embora os negros e as tradições e comunidades negras apareçam e sejam representados na cultura popular sob a forma de deformados, incorporados e inautênticos, continuamos a ver nessas figuras e reportórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que ficam por trás deles. Em sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade, e sua atenção rica, profunda e variada à fala; em suas inflexões para o vernacular e o local; em sua rica produção de contranarrativas; e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura negra popular tem permitido trazer à tona, dentro de modos mistos e contraditórios, até da cultura popular mais comercial, os elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representação (Hall, 2001, p. 153-54).

A análise de Hall (2001) sobre a formação da identidade dos negros está representada no conhecimento das políticas culturais. Essas políticas culturais, segundo Hall (2003) teriam que lutar contra as desigualdades e injustiças, por isso devem vir acompanhadas dessa luta antirracista (Hall, 2003). Como nos diz Hall (2003, p. 82):

O compromisso de expor e confrontar o racismo em quaisquer de suas formas teria que se tornar um objetivo positivo e uma obrigação estatutária do governo, do qual sua própria reivindicação de legitimidade representativa dependeria. Teria que tratar da dupla demanda política, que advém da interação entre as desigualdades e injustiças gritantes provenientes da falta de igualdade concreta, e a exclusão e inferiorização decorrentes da falta de reconhecimento e da insensibilidade a diferença. Finalmente, em vez de constituir uma estratégia para melhorar a sorte apenas das minorias raciais ou ‘étnicas’, esta teria que ser uma estratégia que rompesse com a lógica majoritária e tentasse reconfigurar ou reimaginar a nação como um todo de uma forma radicalmente pós-nacional.

A identidade negra é construída do modo como o sujeito atua socialmente, pensa politicamente, onde ele está representado e como essa representação pode romper com a lógica racista e estereotipada do período colonial, reconfigurando a sua comunidade de forma radical (Hall, 2003).

Já Kellner (2001) identifica na cultura midiática, a partir da televisão, que as pessoas realmente “modelam comportamentos, estilos e atitudes pelas imagens da televisão, os anúncios por ela veiculados de fato desempenham certo papel na manipulação da demanda do consumir” (Kellner, 2001, p. 303).

Ou seja, podemos concluir que a identidade negra é constituída pelas políticas culturais (Hall, 2001), principalmente quando essas políticas culturais são destacadas dentro do aspecto televisivo (Kellner, 2001). Porém, o modo como os negros são representados na mídia, ainda não reflete o empoderamento necessário e reforça o estereótipo racista. Segundo Maia e Silva (2016, p. 20):

Fazer uma análise da representação das pessoas negras na mídia é constatar que essa parte da população brasileira sofre com a invisibilização e com o reforço dos estereótipos raciais no meio televisivo. Tratando-se de um país como o Brasil, em que aproximadamente metade da população é negra, fica evidente tal invisibilização,

uma vez que, na televisão brasileira as pessoas negras são a minoria, quando não são inexistentes, seja no elenco dos filmes, das novelas ou das minisséries.

Segundo Martín-Barbero (1997) é a partir dos anos 60 que a cultura popular urbana passa a ser influente e abrangente. Para o autor, a proposta cultural partiu para a “sedução tecnológica e incitação ao consumo” (Martín-Barbero, 1997, p. 268). Nessa questão de massificação da cultura além da tecnologia, a publicidade torna-se essencial. Para Martín-Barbero (1997, p. 268):

A publicidade será essencial: transforma os produtos comerciais em instituições domésticas ao mesmo tempo em que contribui para mitificar um ‘progresso’ tecnológico que nas condições econômicas das classes populares se traduz em desvalorização cotidiana de seus saberes e suas práticas.

Sendo assim, a tecnologia e, principalmente, a televisão tornou a cultura em uma cultura contemporânea, de massas, desvalorizando o conhecimento prático ligado ao cotidiano das pessoas periféricas. Segundo Martín-Barbero (1997) “no centro desse movimento estará a televisão”. A televisão determina muitas coisas, por exemplo: ela unifica o discurso para todo país, erradicando as entonações regionais. A televisão torna tudo contemporâneo, eliminando as temporalidades periféricas (Martín-Barbero, 1997).

A televisão unifica para todo o país uma fala na qual, exceto para efeito de folclorização, a tendência é para a erradicação das entonações regionais. E com sua obsessão pelo que é atual, ou melhor, pela atualidade, a televisão suplantar as temporalidades e os ritmos num discurso que procura tornar tudo contemporâneo (Martín-Barbero, 1997, p. 268).

Martín-Barbero (1997) diz que por mais que a televisão tente suplantar as coletividades e a regionalidade, é a partir desse movimento que os periféricos constituem sua identidade. Assim como identifica Monsiváis citado por Martín-Barbero (1997, p. 269):

A maneira e os métodos como as coletividades sem poder político nem representação social assimilam as ofertas a seu alcance, sexualizam o melodrama, extraem traços satíricos de um humor infamante, divertem-se e comovem-se sem se transformar ideologicamente, persistem na rebeldia política ao cabo de uma impressionante campanha despolitizadora, vivificam, a seu modo, a cotidianidade e as tradições, convertendo as carências em técnica identificatória [...]. As classes subalternas assumem, porque não lhes resta alternativa, uma indústria vulgar e pedestre, e certamente a transforma em autocomplacência e degradação, mas também em identidade regozijante e combativa.

Segundo Martín-Barbero (1997) a representação na televisão pode ter duas faces: uma face sendo a do consumo e despolitização e a outra face, capaz de construir uma identidade combativa.

Não basta ter alguns poucos atores negros nas novelas, na publicidade, no cinema ou nos jornais. Essa representatividade precisa quebrar com os pilares do racismo estrutural, principalmente no contexto brasileiro. Precisamos voltar o sentido “para os movimentos sociais e de um modo especial para aqueles que partem do bairro” (Martín-Barbero, 1997, p. 268). Maia e Silva (2016, p. 24) concluíram que:

Uma produção audiovisual que busque pensar questões mulher negra étnico-raciais sem de fato romper com os dois pilares do racismo brasileiro que são a democracia racial e o branqueamento apenas reproduz as cargas simbólicas que carrega o ser negro ou negra no Brasil, ou seja, reproduz todos os estereótipos. Em uma entrevista concedida à Rede Globo, o intelectual Joel Zito de Araújo, especialista na análise de teledramaturgia brasileira, afirmou que as telenovelas evoluíram bastante, mas que o Brasil partilha de um grande desejo de branqueamento.

As autoras narram que, em uma entrevista sobre a teledramaturgia, o estudioso Joel Zito de Araújo afirmou que as telenovelas evoluíram (em um sentido geral), mas tece críticas ao modelo de branqueamento ainda existe, ao passo que ainda continua a afirmar representações negativas.

O documentário “A negação do Brasil” (2000), de Joel Zito Araújo mostra bem o espaço dado para o negro nas telenovelas nos anos 90, e com isso, a geração de identidades e representações estereotipadas (Jouks Jou, 2018). A negra ou negro “da quebrada”, o negro que não possui destaque profissional, mas atua como fiel escudeiro do senhor branco, o menino órfão que é acolhido pela família branca por caridade, além de outros estereótipos (sexualizados ou de violência). Sem esquecer do papel da negra quase sempre como empregada de patrões brancos.

Quando são representadas na televisão, de modo geral, aparecem em situação de total subalternidade. Como afirma Araújo (2008, p. 979), ‘nenhum dos grandes atores e atrizes negros e negras da televisão brasileira escaparam dos papéis de escravo ou de serviçal’. No caso das mulheres negras, até a década de 1960, eram representadas de forma regular como escravizadas e empregadas domésticas, bem como em uma releitura do estereótipo presente nos filmes norte-americanos, as ‘mammies’, geralmente senhoras que possuem o papel de cuidadoras, da mãe negra alternativa. Segundo Lima (2001, p. 92) ainda nos anos 1990 a representação da doméstica é bastante recorrente, com algumas variações: herdeiras das mucamas, amas de leite, ‘bisbilhoteiras’, as que não sabiam ‘seu lugar’, submissas ou mesmo como objeto de desejo dos patrões. Outra recorrência apontada seria a relação fidelidade/subserviência entre pessoas negras e brancas, empregados e patrões brancos, característica herdada do patriarcalismo e reproduzido nas tramas urbanas e atuais (Maia; Silva, 2016, p. 20-21).

Há de se considerar que, além das novelas e da publicidade, os negros também estão, na maioria das vezes, em situação de inferioridade em relação ao branco nas produções humorísticas, que retratam homens negros e mulheres negras de forma caricata, ultrajante,

degradante. Vários programas de humor veiculados nos principais canais de TV já tiveram personagens que envolviam a sexualidade exacerbada da mulher negra, perfis de homens negros associados à bebedeiras irresponsáveis, do “malandro bom”, ou até mesmo à mulher negra e pobre, sem muita cultura.

Conforme define Adilson Moreira (2019, p. 66), “as imagens produzidas nesse meio de comunicação podem ser formas de disseminação de estereótipos descritivos e prescritivos sobre grupos raciais”. Sobre essas situações, o autor aplica o conceito de “racismo recreativo” (Moreira, 2019), que se trata de uma política cultural que narra o ser/ agir de determinados grupos raciais, a partir de “percepções que naturalizam a condição inferior do negro na nossa sociedade” (Moreira, 2019, p. 66). É uma forma não tão explícita do racismo, mas que tem o potencial de depreciar e menosprezar bem presente em seus discursos e projeções, que muitas vezes são aplaudidos e aceitos com risos pela população branca, como se não houvesse intenção de ofender, pois tudo está sendo realizado “em nome do humor”.

Os veículos de comunicação refletem a ideia da invisibilização da raça enquanto único público consumidor, ao passo que são dirigidas para a distração e o entretenimento da raça branca, já que os personagens negros costumam estar em lugares e situações ridicularizados. Segundo Moreira (2019, p. 34):

A presença hegemônica de pessoas brancas nos meios de comunicação decorre da lógica do mercado: todas as produções televisivas dirigidas à classe média branca e à classe alta branca porque partem do pressuposto de que apenas esses segmentos têm poder de consumo.

Em sua obra, o autor traz alguns exemplos de personagens vividos por negros no humor, os quais tem algo em comum: sempre sendo colocados no lugar alheio à civilidade e à moralidade. Um deles é Tião Macalé, que era interpretado por um ator negro de 50 anos, em que o principal ponto do “humor” era sua feiura. Suas características eram consideradas grotescas, como a boca sem dentes e os traços fora do padrão de beleza europeu. Era muitas vezes comparado a animais, e aparentava pouquíssima instrução, o que poderia reforçar a ideia de que esse grupo racializados não possui tanta capacidade cognitiva e intelectual.

Outro personagem que circunda uma ótica social desvirtuada é Adelaide, que fazia parte do metrô Zorra Total, produção da Globo, e vivida por um ator do sexo masculino, o Rodrigo Santana. Para a caracterização, Rodrigo passava por uma pintura preta no rosto, com um nariz exageradamente alargado e a boca sem os dentes da frente. A personagem Adelaide estava sempre acompanhada da filha, que tinha as mesmas características. Passavam todo o período das cenas no metrô pedindo esmolas, e interagindo com um vocabulário recheado de

erros de português (o que reforça a ideia da mulher negra pobre e sem estudo). E depois de receberem uma negativa da parte dos passageiros, sempre desejavam que estes recebessem “tudo em dobro”, em alusão à uma praga rogada por não a terem dado dinheiro.

Os estereótipos fixados através dos veículos de comunicação, sejam por quaisquer de seus produtos, ajudam na manutenção das disparidades raciais, já que o negro quase sempre é colocado em lugar inferior pela sociedade, seja ele no que diz respeito ao campo intelectual, profissional, social e nas relações de poder.

A estética branca foi e ainda é preferência nos veículos de massa, e por isso a participação negra ainda é considerada baixa, mesmo em meio aos avanços tecnológicos e sociais. Por muito tempo os negros foram representados de maneira subalterna, e a mídia foi um ponto relevante na propagação dessa representação.

Isso impactou e ainda impacta na inserção do negro nos veículos midiáticos, e também sobre como podem se enxergar diante desse cenário. Entendemos que a cultura e a identidade negra precisam ser reafirmadas em meio ao racismo existente na sociedade, que acaba impactando os meios de comunicação, e consequentemente, as relações de poder na mídia.

Conclui-se então que a construção da identidade negra perpassa pela mediação midiática. Compreende-se a partir do estudo feito, a partir das falas de Maia e Silva (2016), Martín-Barbero (1997), Kellner (2001) e Hall (2001, 2003) e demais teóricos utilizados neste tópico, que a cultura e a identidade são um reflexo do que fazemos e dos lugares que ocupamos, principalmente na mídia.

À medida em que os negros estão ligados em seus movimentos, suas atitudes e frente a situações inquietantes dessa natureza, reforçar a representatividade e empoderamento na mídia de forma a combater o estereótipo e o racismo, é fundamental para a mudança de cenários, no reencontro de suas origens e identidades, frente a um lugar de combate.

3.1 Profissionais negros nos telejornais brasileiros

Desde sua chegada no Brasil, em 18 de setembro de 1950, e em seus mais de 70 anos de existência, a TV carrega consigo histórias e transformações, e possui uma longa caminhada com o telejornalismo, tornando-o como um de seus membros principais. Na extinta TV Tupi, em São Paulo, o primeiro telejornal foi o “Imagens do dia”, porém, foi o Repórter Esso (advindo do rádio) o primeiro noticiário a ganhar notoriedade.

Rezende (2000) explica que a televisão foi tida como um dos principais meios para integrar o homem à sociedade desde o seu advento, já que através dela, os indivíduos

exerciam o direito à informação e sentiam-se de fato cidadãos, a partir do conhecimento do que ocorria na sociedade. Intrinsecamente ligado aos interesses políticos e econômicos, o veículo sempre foi cercado por disputas devido à sua capacidade de amplitude, determinando os fatos que são ou não de relevância social.

A concentração do poder nas mãos de grandes empresários, a disputa por domínios em meio à baixa instrução do brasileiro e o regime ditatorial existente na época eram questões levadas em conta, além do simples ato de informar. Bourdieu (1997, p. 13), faz duras críticas à televisão, mencionando-a como uma espécie de criação da realidade, “uma espécie de monopólio sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população”. O autor alerta para o poder de manipulação existente no meio, considerando que:

Os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o efeito de real, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas etc. capazes de desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo-ódio do estrangeiro, e a simples narração, o fato de relatar, to record, como repórter, implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou de desmobilização) (BOURDIEU, 1997, p. 15).

Já o telejornalismo se apresenta como um fenômeno social presente no cotidiano da população, e também, de instrumentalização do saber e do comportamento humano. De acordo com Rezende (2000), os apresentadores eram escolhidos por sua capacidade de isenção, credibilidade e “boa aparência”. Os primeiros profissionais a aparecerem em tela foram homens brancos, perfil que se estendeu durante algum tempo.

A imagem do telejornalismo e a ideia de credibilidade empregada na pessoa branca apontam para um cenário de exclusão de grupos sociais, como mulheres e negros, ocasionada por um passado de opressão e escravidão.

Após o jornal Repórter Esso, outros telejornais foram surgindo, e o avanço das tecnologias proporcionou a melhoria dos formatos e da estética jornalística empregada nos textos, nas imagens e nos vídeos exibidos. Porém, tardiamente (após mais de quatro décadas de existência), o telejornal brasileiro contou com a apresentação de uma mulher. Lilian Wite Fiber assumiu, em 1996, a bancada do Jornal Nacional (Rede Globo) ao lado de William Bonner, após a saída de Cid Moreira e Sérgio Chapellin.

Devido às mudanças surgidas, o “padrão global” de telejornalismo acabou influenciando outras emissoras, que também optaram por integrar mulheres às suas bancadas, sempre acompanhadas por um jornalista homem.

No entanto, é necessário ressaltar que, mesmo com a integração de mulheres como âncoras de jornal (o que parecia ser um espaço de inclusão), os telejornais continuaram refletindo o padrão de imagem eurocêntrico, onde se percebia apenas a presença de jornalistas - tanto homens quanto mulheres - de cor branca. A cultura do “embranquecimento” foi (e ainda é) presente na grande mídia, e o jornalismo acaba sendo um campo de perpetuação desse modelo inconsistente à realidade brasileira.

Depois de algum tempo, a bancada do Jornal Nacional começou a “mudar de cor” com a inserção de jornalistas fora da estética convencional. Heraldo Pereira foi o primeiro profissional negro a entrar no ar. Já a participação da mulher negra ocorreu por meio de Glória Maria. A presença da jornalista gerou certo estranhamento, e isso resultou em ataques racistas - os quais serão desenvolvidos no próximos tópico.

O padrão de beleza atrelado diretamente aos indivíduos brancos e suas características fenotípicas, tendo o negro como feio, grotesco, afeta a raça, mas principalmente as profissionais negras, por causa do duplo preconceito já mencionado neste trabalho. Carneiro (2003, p. 121) alerta que:

Em síntese, o quesito ‘boa aparência’, um eufemismo sistematicamente denunciado pelas mulheres negras como uma forma sutil de barrar as aspirações dos negros, em geral, e das mulheres negras, em particular, revelava em números, no mercado de trabalho, todo o seu potencial discriminatório. A questão política que decorre dessa realidade será a exigência de que o combate ao racismo, à discriminação racial e aos privilégios que ele institui para as mulheres brancas seja tomado como elemento estrutural do ideário feminista; um imperativo ético e político que reflita os anseios coletivos da luta feminista de representar as necessidades e os interesses do conjunto de mulheres.

Mesmo passando por mudanças ao longo das últimas décadas na forma da difusão de informações, pelas transformações tecnológicas, na expressão e na construção de discursos e de imagens, percebe-se que ainda existem lacunas no que diz respeito às representações raciais na tela dos telejornais. Porém, a sociedade vem passando por movimentações salutares e exigindo mudanças de postura, em que todos os indivíduos desejam se sentir representados, principalmente nos meios midiáticos.

3.1.1 Ataques racistas

A maioria dos negros já sofreu racismo. A seguir, apontaremos alguns casos que aconteceram com jornalistas negros do campo televisivo, que levam a reflexão de que há

muito caminho a percorrer para alcançar a tolerância e a equidade racial no mercado de trabalho e no telejornalismo.

A jornalista Glória Maria é um dos nomes de maior destaque no jornalismo brasileiro. Como já mencionamos neste trabalho, ela foi a primeira jornalista negra em um telejornal de destaque, o Jornal Nacional. Mas, durante a sua caminhada profissional, Glória passou por situações de constrangimento e hostilidade por causa de sua imagem e cor consideradas "inapropriadas" ao padrão estético social da época, que ainda está em processo de desconstrução na sociedade atual.

Em entrevista concedida em 18 de maio de 2020 ao programa *Conversa com Bial* na Rede Globo, Glória contou que se alegrou bastante por ocupar um lugar nunca antes ocupado pela população negra, mas que isso lhe gerou vários ataques racistas (GloboPlay, 2020). Citaremos então o depoimento da jornalista quanto às mensagens que recebeu, por meio de cartas e telefonemas, em sua caminhada profissional.

Figura 1 - Em entrevista, Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política



Fonte: GloboPlay (2020).

Quando comecei a apresentar o Fantástico, recebia cartas de telespectadores: ‘Como você, uma negra, está apresentando um programa? Esse lugar é de brancos’. Mas aprendi a enfrentar e nunca suportar. No meu tempo era eu, meu espelho, minha resposta e minha atitude (GloboPlay, 2020).

No mesmo episódio, Pedro Bial ressaltou que a jornalista foi a primeira pessoa a evocar a Lei Afonso Arinos, primeira norma contra o racismo no Brasil. Em seguida, perguntou à Glória se o Brasil está menos racista hoje em dia. Ao que a jornalista respondeu:

O Brasil tá racista igual. A única diferença é que hoje as coisas ganham uma proporção maior porque você tem outros meios. Nada mudou. A discriminação continua igualzinha, as pessoas acham que hoje é pior, e não é não. Quem não gosta de preto é racista. Não adianta a Glória Maria apresentar o Jornal Nacional, o Globo

Repórter, o Fantástico [...]. Ela é negra? Então tem que ser discriminada, diminuída, porque as pessoas têm maneiras de exercitar esse racismo. Essas pessoas não percebem? Percebem, sim. Elas sabem que estão sendo racistas e gostam de ser (GloboPlay, 2020).

Desenvolvemos aqui outros casos de mulheres negras de destaque no telejornalismo. Em 02 de junho do 2020, após o assassinato de George Floyd por um policial branco nos EUA, o programa “Em Pauta” da GloboNews colocou o assunto racismo para ser discutido (Globo Repórter, 2020). Porém, todo o elenco convocado foi de jornalistas brancos, o que gerou críticas imediatas na internet.

Após grande repercussão, a Globo emitiu nota de retratação com o público, reproduzindo, no dia seguinte, a temática com elenco de sete jornalistas negros, tendo como mediador do debate o jornalista Heraldó Pereira.

As jornalistas escaladas foram: Zileide Silva, Flávia Oliveira, Maju Coutinho, Aline Midlej e Lilian Ribeiro. O Programa foi caracterizado pela luta contra o racismo, e evidenciou vivências e histórias das comentaristas. Heraldó Pereira explicitou em sua fala inicial a importância de um painel com mulheres negras jornalistas para tratar dessa natureza, e contar um pouco das experiências vividas por elas em contextos racistas (Globo Repórter, 2020).

Figura 2 - Painel de comentaristas e mediador negros no Programa “Em Pauta” da GloboNews, sobre a temática do racismo



Fonte: GloboPlay (2020).

A jornalista Zileide Silva relatou que, quando foi repórter da TV Cultura de São Paulo, cobriu uma pauta na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Na ocasião foi tratada com indiferença pela secretária do local, que cumprimentou o restante da equipe (formada por brancos), e a desconsiderou por possivelmente achar que não era ninguém de

“importância”. Após a chegada do presidente da FIESP, que a abraçou e falou da satisfação em recebê-la, a secretária ficou sem reação. Em resposta a isto, Zileide declarou:

Eu levantei o nariz, porque não dá pra aceitar esse tipo de situação em nenhum momento. Eu falo isso, porque eu quero que colegas negras e colegas negros como eu saibam que não dá jamais pra abaixar a cabeça em nenhum momento e nenhuma hipótese. Mas eu nunca esqueci esse momento (Globo Repórter, 2020).

Casos como este são bem corriqueiros na vida do povo negro, e com a mulher negra, isso é ainda mais latente. Não ter o reconhecimento de seu lugar por parte de pré-julgamentos lançados em vista de sua cor ocorrem constantemente. Questões como capacidade intelectual, comprometimento e profissionalismo são muitas vezes desassociadas dessas mulheres.

Aline Midlej também contou sobre alguns casos de racismo que viveu na vida e também na profissão. A jornalista lembrou que no início de sua carreira, quando ainda atuava na produção dos telejornais, decidiu fazer a transição para o vídeo, ou seja, atuar como repórter/apresentadora. O seu então chefe sugeriu que para que isso acontecesse, ela deveria passar por algumas mudanças, pois existiam algumas características (fenotipicamente falando) que não “caberiam” bem, como por exemplo, o seu cabelo natural.

Ele falou: ‘Aline, eu só acho que a gente precisa mudar algumas coisinhas’. Eu perguntei em que sentido. E ele: ‘Não, só algumas coisinhas. Você sabe, você é bonita, tem presença, sua voz é boa, mas o cabelo eu acho que não vai bater, não vai ser bem assimilado isso’. E eu respondi: ‘Então não é aqui que eu vou começar [...] Fico até hoje me perguntando quando ele me vê no ar, o que será que ele sente, até porque me procurou depois disso outras duas vezes pra que eu voltasse a esse canal’ (Globo Repórter, 2020).

A situação ocorrida com Aline Midlej vem realçar as estratégias de *branqueamento* que ainda são presentes na sociedade. Os estereótipos empregados ao padrão de beleza é comumente atribuído aos indivíduos brancos, gerando estranhamento às características do povo negro, sobretudo à mulher negra. No exercício de uma profissão em que a imagem dá sentido às coisas, a jornalista negra ainda enfrenta situações que a confrontam para submissão a determinadas mudanças e convenções estéticas, a fim de ser enquadrada em uma referida “normalidade social”.

Assim como Aline Midlej e Zileide Silva, Lilian Ribeiro revelou que sofreu algumas vezes com olhares preconceituosos em sua prática profissional. A jornalista contou que utiliza da tática de sempre chegar em determinados lugares com microfone em punho, para demonstrar que está ali para exercer sua profissão. Segundo o seu depoimento, este ato representa a mensagem de que “sim, tô aqui pra te entrevistar e discutir temas relevantes com você, e sou também uma mulher negra”. Lilian ainda complementou: “Esse olhar que nos

acompanha, e muitas vezes nos acompanha dentro das lojas também, esse olhar pra mim é a marca do racismo à brasileira”.

São exemplos como esses que mostram como o povo negro precisa triplicar seus esforços frente à uma sociedade racista e intolerante, pesando ainda mais a carga sobre a mulher negra. Outro exemplo emblemático e bastante disseminado é o de Maria Júlia Coutinho (Maju), que atualmente apresenta o Fantástico. Em 2015, em uma de suas aparições como “Garota do Tempo” no Jornal Nacional (JN), houve uma enxurrada de manifestações racistas na página oficial do telejornal no Facebook (Globo, 2015). Foram comentários com as mais diversas palavras e xingamentos que visavam humilhar e diminuir Maju.

Figura 3 - Maria Julia Coutinho sofre ataques racistas na página do JN no Facebook



Maria Julia Coutinho é xingada no Facebook Foto: Reprodução/Facebook

Fonte: Globo (2015).

Após os ataques na internet, a equipe do JN mobilizou a hashtag “#somostodosMaju” em resposta às atrocidades colocadas na rede. William Bonner, Renata Vasconcelos e a equipe do telejornal iniciaram o movimento a partir de um vídeo gravado nos bastidores do estúdio. Eles mostraram um cartaz e gritaram: “Somos Todos Maju”. De acordo com o portal G1, a hashtag chegou ao topo dos tópicos mais comentados no Twitter.

Figura 4 - William Bonner, Renata Vasconcellos e equipe do Jornal Nacional levantam a hashtag “#somostodosMaju”, em resposta aos ataques direcionados à jornalista no Facebook



Fonte: Globo (2015).

Em resposta aos ataques, Maria Julia agradeceu às mensagens de carinho do público, e disse estar feliz pelo sentimento de combate ao racismo que foi gerado. A jornalista ainda destacou que, “preconceituosos ladram, mas a banda passa”. Assim tem sido o cotidiano de muitas mulheres negras no Brasil. Mesmo que algumas já estejam preparadas para encarar este cenário, outras tantas sofrem traumas diários por situações discriminatórias e vexatórias.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O caminho percorrido em uma pesquisa é crucial para sua efetivação e validação. Entendendo que todos os procedimentos adotados compõem o percurso metodológico, destacamos neste capítulo todas as etapas realizadas neste trabalho, como a revisão do material consultado, a realização de entrevistas complementares com especialistas e profissionais da área pesquisada, a análise dos telejornais, a realização da roda de conversa com discentes de Comunicação, e enfim, a produção da série de podcast sobre a visibilidade dos jornalistas negros nas emissoras de TV de São Luís, produto final apresentado neste Mestrado Profissional em Comunicação.

A pesquisa de natureza aplicada tem o objetivo de, a partir de uma abordagem qualitativa, aprofundar-se nos sentidos do conhecimento. A partir disso, buscamos o método capaz de atender às ações que o trabalho requer em seu propósito. Optamos pela Triangulação de Dados que, segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2010), é uma estratégia de pesquisa que busca combinar e cruzar múltiplos pontos de vista. No que diz respeito à temática abordada, entendemos que essa estratégia de pesquisa busca “a análise do contexto, da história, das relações, das representações”, assim como “o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação” (Minayo; Deslandes; Gomes, 2010, p. 28). Neste sentido, obtivemos o cruzamento de dados a partir da combinação de métodos de natureza qualitativa (revisão bibliográfica, pesquisa exploratória, entrevista com pesquisadores, acompanhamento de telejornais regionais e aplicação de questionários).

Apresentamos a seguir o percurso metodológico da pesquisa, com o intuito de reunir o material necessário para a construção do produto final do trabalho.

4.1 Revisão bibliográfica

Num primeiro momento, a proposta foi constituída pela pesquisa bibliográfica em livros e artigos que abordam o tema da visibilidade e da representação negra na mídia. Essa fase inicial se destacou pela aquisição de materiais dos principais autores/intelectuais que refletem acerca da temática estudada, tanto de cunho sociológico, como os tradicionais estudiosos dos Estudos Culturais: Hall (2003; 1997), Williams (2016), Martín-Barbero (1997), os sociólogos e estudiosos contemporâneos Almeida (2018), Ribeiro (2019) e Bento (2022), quanto comunicacional: Traquina (2008).

Houve ainda a procura por vídeos com temática racial, entrevistas com especialistas, filmes e outros tipos de conteúdo que complementam o entendimento e o aporte teórico de cada autor, para maior apropriação de seus conceitos. Foram buscados no Youtube algumas entrevistas com os autores já citados e também vídeos relacionados ao debate racial e jornalístico.

Destacamos aqui que a primeira etapa da pesquisa foi de grande importância para o entendimento e a atualização dos conceitos no debate social atual. A partir dessa revisão bibliográfica, extraímos questões teóricas e de análise para a aplicação do questionário, tópico que será apresentado mais à frente.

4.2 Pesquisa exploratória

Logo após a reunião do material bibliográfico, buscamos entender um pouco da realidade local, a partir da pesquisa exploratória. Como o universo estudado envolve o mercado de trabalho jornalístico na cidade de São Luís, vimos a necessidade de sondar a composição racial dos profissionais negros nas emissoras de TV da capital.

Neste sentido, foram realizadas tentativas de contato com as principais emissoras (Mirante, Difusora e TV Cidade) para entender, junto ao setor de Recursos Humanos das mesmas, qual a quantidade de repórteres e apresentadores negros em relação aos profissionais não-negros. Apenas uma das emissoras atendeu ao contato pessoalmente. Lá, a profissional do RH informou que: na empresa “eles não ligam muito se você é preto ou branco, e se você fizer um bom texto e eles se agradarem, você tá dentro”. Porém, ao final, ela admitiu que existem mais profissionais brancos na casa.

Nas empresas restantes, o contato aconteceu apenas via Whatsapp. Todas informaram que não há este tipo de triagem na empresa, não havendo assim a possibilidade de informar sobre a questão colocada.

A falta de informação pelas empresas foi uma das dificuldades que enfrentamos na “triagem” da cor que caracteriza o telejornalismo da capital ludovicense. Mesmo apresentando o documento elaborado pela orientadora deste trabalho (Apêndice B), e explicando que as informações seriam utilizadas para fins acadêmicos, as emissoras não foram receptivas quanto à nossa solicitação. Uma delas nunca respondeu às mensagens enviadas, e a outra se negou em nos responder, pelo fato de assim não “correr risco” em relação aos tons de pele e autodeclaração, problemática também sentida por esta pesquisadora na etapa do levantamento racial no acompanhamento dos telejornais em São Luís.

Diante do exposto nos parágrafos anteriores, podemos entender que não há uma preocupação com a temática racial nos veículos de comunicação de São Luís. Com isso, destacamos que este é um ponto a ser considerado para o entendimento da falta de equidade e democratização racial nas telas, já que estas empresas sequer tem esse tipo de organização nos setores competentes.

4.3 Entrevista com pesquisadores

De acordo com Moura e Rocha (2017, p.163):

A história oral pode ser entendida como um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos conjunturas, visões de mundo, como forma de se apropriar do objeto de estudo.

Bento (2022), faz uma reflexão sobre “o pacto da branquitude”, revelando que este se trata de uma “aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo”. Nessa etapa, pudemos entender e absorver maior conhecimento sobre a causa, seus conceitos e percepções acerca da visibilidade negra no mercado de trabalho.

Partindo da ideia da representação social, tendo como de fundamental importância a escolha de entrevistados e “pelo grupo social investigado, como uma espécie de voz autorizada”, conforme acentuam Moura e Rocha (2017, p. 165), nesse primeiro momento de entrevistas, nossa busca foi por profissionais e pesquisadores envolvidos com a luta antirracista, de abrangência regional e nacional para avaliar, de acordo com suas análises e opiniões, o cenário profissional a ser estudado por esta pesquisadora.

Durante as abordagens com pessoas envolvidas com o movimento negro e o campo da educação, percebemos o entusiasmo destes pela pauta racial. Quando associado ao campo midiático televisivo, os entrevistados ratificaram, em suas análises, a falta de representatividade negra no que diz respeito à ocupação dos profissionais nas telas dos telejornais de São Luís.

É importante destacar que, mesmo que as entrevistas não tenham sido realizadas pessoalmente, o uso de tecnologias para a captação de audiovisual garantiu a realização do método, sendo possível observar as entonações e interações dos indivíduos através da webcam. Segundo Santhiago e Magalhães (2020, p. 18), “história oral acontece: pelo aparelho fonador, responsável pela produção vocal; pelo cérebro, onde a aquisição, o armazenamento e

a evocação da memória se dão; pelos ouvidos, que detectam e processam os sons produzidos pelo interlocutor”.

Uma das entrevistadas nesta pesquisa foi a professora Socorro Guterres, secretária adjunta da Secretaria de Igualdade Racial (SEIR). A partir de uma conversa ocorrida via link do Google Meet, no dia 2 de maio de 2022, a entrevistada deu suas considerações a respeito do negro no mercado de trabalho.

Ainda estamos em passos muito lentos. Há ainda a pouca visibilidade de mulheres e homens negros no mercado de trabalho ou na mídia, especificamente, é resultado de uma pressão muito grande que os movimentos sociais negros tem desenvolvido no Brasil, que soma mais de 50 anos. O movimento social negro, a partir desse processo organizativo mais contemporâneo vem colocando isso na pauta. Quando a gente vi a representação da figura negra na TV, por exemplo, ainda era nas posições que reforçava exatamente esses estereótipos e o processo de discriminação que se vive na sociedade. A mídia foi muito (e é ainda) muito responsável pela presença do racismo Brasil, a medida que ainda traz esses estereótipos, ou a ausência, a invisibilidade quase que total na TV e nos noticiários, nas novelas, enfim (Trecho de Entrevista com Socorro Guterres, maio de 2022).

Também tivemos contato com a professora e pedagoga Aurea Borges, da Secretaria Municipal de Educação. Destacamos que a entrevistada é irmã da professora, pesquisadora e ativista Rosane Borges, que atua diretamente com a temática da “mídia e racismo”, a qual leva o título do seu livro, uma das obras utilizadas neste trabalho. Por meio do contato da professora Áurea no dia 29 de junho de 2022, também via link do Google Meet, foi possível entender o seu posicionamento sobre branquitude e negritude a partir da concepção do movimento negro, no qual ela deu maior ênfase no que diz respeito à identificação negra. A partir disso, tentamos um contato mais aproximado com a Rosane Borges, porém, em decorrência de seus compromissos profissionais, não foi possível a realização desta conversa.

A entrevistada Áurea Borges sugeriu alguns nomes de teóricos e de jornalistas que são uma possibilidade (no sentido étnico-racial) para participarem da pesquisa, tanto nas entrevistas futuras quanto na elaboração do produto final.

Pelo e-mail institucional, entramos em contato com o professor Álvaro Roberto Pires, professor associado 4 da UFMA, que desenvolve estudos sobre negritude. Com base na dificuldade de identificar os profissionais negros a partir do acompanhamento dos telejornais (etapa que será discutida no próximo tópico), foi solicitado o auxílio do professor para a atividade desenvolvida e sobre dados atuais sobre raça e mercado de trabalho no Maranhão. Ele explicou que no momento não tinha conhecimento de um levantamento mais preciso sobre isso, e também admitiu que as teorias sobre negritude (a partir do ponto de vista de

quem é negro e de quem não é) também não são um consenso no Brasil. Ademais, sugeriu alguns livros para leitura.

4.4 Acompanhamento dos telejornais regionais

De acordo com levantamento realizado junto à análise direta do telejornalismo ludovicense, buscamos inserir uma tabela quantitativa dos profissionais negros (repórteres e apresentadores) dos principais telejornais de São Luís.

Foram analisados os telejornais da TV Mirante e da TV Difusora, filiais de duas das maiores emissoras de televisão (Rede Globo e SBT). A pesquisa aconteceu por meio de arquivos eletrônicos das emissoras (site, Youtube) e se deu no período de 28 de abril de 2022 a 06 de maio de 2022. O acompanhamento dos telejornais da TV Cidade não foi possível em sua totalidade, devido à não disponibilização dos VT's no meio virtual. Diferentemente das outras duas emissoras, não foi encontrado nenhum canal de distribuição em site, facebook, youtube, ou qualquer outra rede social.

É necessário ressaltar que todas as edições veiculadas na capital contam com a participação de repórteres e apresentadores de outros municípios, cumprindo a função de correspondentes. Mesmo havendo a inserção de outras localidades do estado além de São Luís, estes profissionais foram contabilizados a partir do entendimento de que estão oferecendo informação à capital.

Esta pesquisa toma como orientação para a devida análise o Censo do IBGE, que considera as subcategorias “pretos e pardos”, inserindo-os dentro da perspectiva racial de “negros” (IBGE, 2019). Porém, destacamos que a presente análise não se propõe à rotulação dos indivíduos estudados, nem tampouco às suas autoidentificações. Ressaltamos aqui que houve alguns entraves na identificação racial dos sujeitos, ocasionados pela não disponibilização de todas as edições dos jornais.

Como parte de um resgate histórico da aplicação dos Censos no país, observamos que a questão da identificação racial no que concerne à raça negra nunca foi um consenso, sendo isto uma consequência do preconceito racial vivido desde os tempos da escravidão. De acordo com Piza e Rosenberg (1999), no capítulo sobre a pesquisa “Cor nos Censos Brasileiros”, os dados obtidos desde as coletas de 1872 até o presente momento tiveram nomenclaturas diferenciadas, o que revela uma falta de identificação e unidade por parte de uma parcela da raça negra.

Em 1872, o Censo apresentou as categorias “branco, preto, pardo (resultante da mistura entre pretos e brancos) e caboclo (indígenas e descendentes)”. Já o Censo de 1890 utilizou as categorias branco, preto, caboclo e mestiço, sendo este último relacionado à mistura de pretos e brancos. Nos medidores dos anos 1900 a 1920, já não se percebe a presença de “cor” como categoria de classificação. O próximo censo a computar dados de cor da população foi o de 1940 (branco, preto, pardo e amarelo), mas em 1970, houve novamente a omissão desse mesmo medidor. Conforme apontam as autoras, a interpretação é de que a retirada do quesito cor funcionou como uma forma de ocultar a diversidade racial existente na sociedade brasileira, sendo uma estratégia de embranquecimento da população (Piza; Rosenberg, 1999, p. 126).

Essa inconstância no que diz respeito ao pertencimento racial pode se dar pelo fato do mestiçismo derivado de uma sociedade multirracial. As autoras apreenderam que o maior número de “conflitos” de identificação está entre o grupo de pardos, que muitas vezes se utilizam mais de significados sociais do que fenótipos para se incorporar a um grupo.

Outro dado conquistado na pesquisa diz respeito às variações de nomes que são utilizados para tentar fugir da nomenclatura “negro(a)”. Entre as mais utilizadas está a “cor morena”, que na realidade não existe como caracterização de cor. Na verdade, o uso desse termo reflete mais uma questão de aceitação social do que de identificação racial.

Por conta das mobilizações sociais e da atuação do movimento negro para a valorização da identidade e da cultura negra, é perceptível que o número de pessoas que se autodeclararam como negros aumentou nos últimos anos (IBGE, 2018). Aqui retomamos a importância das ações de resgate e valorização da identidade para fortalecimento e reconhecimento da comunidade, mesmo que ainda existam contrapontos sobre o “ser negro”.

Retomando a apresentação da metodologia, e como já mencionado, partimos do direcionamento do Censo do IBGE (2018) para a referida análise, mas tivemos certa dificuldade pela diversidade de tons de pele advindos no processo de miscigenação no país, e sobretudo na capital ludovicense. A partir da revisão das leituras e da categorização de pretos e pardos, conseguimos construir o levantamento (Apêndice A).

Tabela 1 - Quantitativo geral de telejornalistas não-negros e telejornalistas negros nos telejornais em São Luís

NÚMEROS GERAIS - ANÁLISE DE TELEJORNAIS EM SÃO LUÍS		
PERÍODO: 28.04.22 A 08.05.22		
Total de reportagens analisadas - 533		
	EMISSORA 1 TV DIFUSORA	EMISSORA 2 TV MIRANTE
VT'S COM REPÓRTERES NÃO NEGROS	126	233
VT'S COM REPÓRTERES NEGROS	52	122
PRESENÇA DE ÂNCORA PARDO(A)	2	0
PRESENÇA DE ÂNCORA PRETO(A)	0	0

Fonte: Elaboração da Autora (2022).

De modo geral, no período analisado observamos 533 reportagens em que estiveram em tela tanto jornalistas brancos quanto negros, das duas emissoras mencionadas acima. A observação foi realizada a partir dos telejornais diários, que são apresentados em três momentos do dia (manhã, meio-dia e noite), na periodicidade de segunda a sexta-feira. Na TV Difusora, acompanhamos o Bom Dia Maranhão, o Jornal da Difusora 1ª Edição/ Hora D e o Jornal da Difusora 2ª Edição. Já na TV Mirante, foram analisados o Bom dia Mirante, o JMTV 1ª Edição e o JMTV 2ª Edição.

Na primeira emissora citada, nas duas semanas analisadas (28.4.22 a 6.5.22) houve a inserção de 126 reportagens que são conduzidas por profissionais não negros, contra o número de 52 telejornalistas negros. Aqui registra-se a observação da pesquisadora quanto a possível incidência de âncoras pardos, mas não houve contato com estes para saber de suas autoidentificações. Ressalta-se ainda que a maioria do jornalistas negros em tela, se caracterizam mais como pardos do que como negros retintos, deixando ainda mais espaçada a visibilidade que daqueles que possivelmente sofrem mais preconceito de raça/cor.

Já na TV Mirante, segunda emissora em que foi feito o levantamento, houve a incidência de aparição de 233 profissionais não negros em tela, onde cai quase pela metade o número de jornalistas negros, contabilizando 122. A diferença no quantitativo de profissionais ativos em cada emissora se dá por razões das próprias empresas e de seus contingentes de trabalho, mas isso não foi impedimento para a análise da inserção racial em seus telejornais.

Essa informação corrobora com os dados da pesquisa realizada pela Vaidapé (Santana; Salles, 2017), em que apenas 3,7% dos apresentadores brasileiros são negros. A pesquisa foi realizada com base em 204 programas, tendo como base sete emissoras do estado de São Paulo (maior metrópole do país). Dos 272 apresentadores observados, foram obtidos dados largamente contrastantes: apenas 10 apresentadores negros contra 261 brancos.

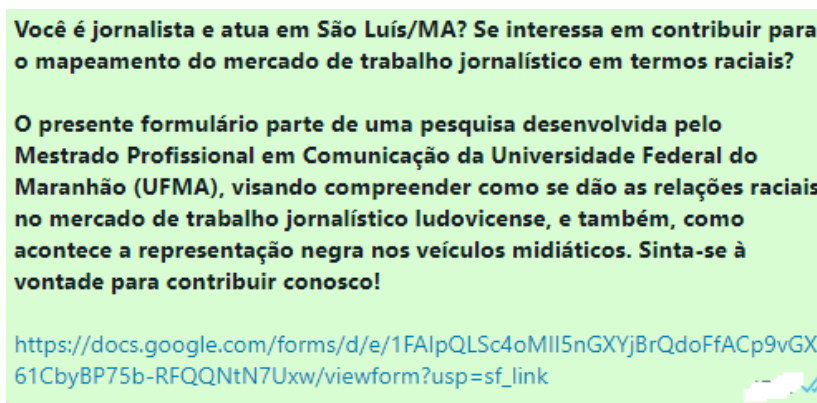
Aqui também se evidencia que grande parte dos negros apurados estão inseridos fenotipicamente como pardos, e não como negros chamados “retintos”. Mais uma vez observa-se, a partir desse parâmetro, a ainda resistência pelas características mais intrínsecas do povo negro advindo da África.

Cabe salientar que na ancoragem dos telejornais (até o momento em que foi realizada esta etapa) não foi identificado nenhum jornalista/apresentador preto ou pardo, o que reforça outro ponto da pesquisa, o qual apresenta o pouco espaço cedido apenas para os campos do entretenimento ou religioso, não havendo espaço para os segmentos que implicam níveis de maior seriedade e credibilidade, como é o caso do telejornalismo.

4.5 Aplicação de questionário com profissionais

Após as etapas anteriores apresentadas na investigação científica, elaborou-se um questionário via Google Forms, destinado a jornalistas em geral, brancos e negros (Apêndice C).

Figura 5 - Convite para preenchimento de formulário via Whatsapp



Fonte: Elaboração da Autora via WhatsApp (2022).

Esse primeiro questionário teve o objetivo de mapear o mercado de trabalho jornalístico como um todo para, a partir das respostas dos profissionais, entendermos qual a sua relação com o racismo e discriminação racial em seus ambientes. A divulgação e o

compartilhamento do questionário se deu via Whatsapp, por meio da técnica “bola de neve”,

Na amostragem bola-de-neve, escolhe-se inicialmente um grupo aleatório de entrevistados. Após serem entrevistados, solicita-se que identifiquem outros que pertençam à população alvo de interesse. Os entrevistados subsequentes são selecionados com base nessas referências. Em processo pode ser executado em ondas sucessivas, obtendo-se informações a partir de informações, o que os leva a um efeito bola-de-neve (Malhotra, 2006, p. 329).

A pandemia da COVID-19 ocasionou uma mudança na organização mundial, fato este que implicou em um distanciamento social, a fim de diminuir as chances de contágio e óbitos pela doença. Em decorrência disso, as transformações atingiram todas as esferas sociais, profissionais e acadêmicas, e os instrumentos de pesquisa, o que Costa (2018) descreve como “bola de neve virtual”, sendo enviados e disseminados pelas Redes Sociais Virtuais (RSV).

O método de levantamento de dados Bola de Neve Virtual inicia-se pelo envio/apresentação do link de acesso ao questionário eletrônico, por meio de e-mail ou de alguma RSV. Este método de encaminhamento do questionário corresponde à estratégia viral, uma vez que, no corpo da mensagem, além da apresentação da pesquisa, há um pedido para que a mesma seja repassada para/compartilhada com a rede de contatos de quem o recebeu/visualizou. O viral apoia-se no fato da mensagem ser enviada por um emissor do círculo social do receptor, dando a chance da mensagem ser encarada de forma amistosa (Costa, 2018, p. 6).

O método de coleta de dados “Bola de Neve virtual” possui também um aspecto de universalização. Embora muitas pessoas ainda não possuam acesso à internet, a grande maioria possui um aparelho (seja ele notebook, celular, ipod e etc) que possibilite o acesso, facilitado ainda mais pelas redes wifi. Além disso, este tipo de coleta oferta uma possibilidade de atualizações, de maneira que não depende de presença física, de tempo de deslocamento e de outros tipos de entraves. Apenas a vontade e a colaboração são necessárias para esta etapa.

Dentre as questões apresentadas, há uma seção dedicada aos jornalistas negros, com o objetivo de identificar quais as situações de discriminação vivenciadas nos locais de trabalho, e também como percebem as questões de visibilidade e representação negra na mídia ludovicense. Na finalização das respostas, os usuários puderam deixar seus contatos telefônicos para momentos futuros da pesquisa. Os questionamentos apresentados darão suporte à captação de percepções e experiências desses profissionais para a realização das entrevistas em profundidade dos sujeitos selecionados.

O questionário foi elaborado no período de 8 a 10 de agosto de 2022, disponibilizado via Google Forms e compartilhado pelo whatsapp, com envios para contatos da pesquisadora e grupos de interesse no que diz respeito ao telejornalismo local. Aqui iniciou-se a técnica bola de neve, pois, a partir do contato com pessoas conhecidas da pesquisadora, foram

gerados outros contatos para preenchimento das questões e participação do formulário.

É importante destacar que esse primeiro formulário foi aberto a jornalistas brancos e negros, no período de 11 de agosto a 11 de novembro de 2022 (contabilizando 3 meses), e sendo dividido em duas seções: uma de preenchimento de todos os participantes, e outra apenas para jornalistas negros. Ao todo foram 35 respostas recebidas.

As perguntas direcionadas a jornalistas brancos e negros de todas as áreas foram as seguintes: idade, cor/raça, identidade de gênero, escolaridade, como ingressaram no mercado jornalístico, se há formação em Jornalismo ou área correlata, se possuem mais de um emprego, qual(is) empresa(s) atua(m), quais funções desempenham e há quanto tempo estão no mercado de trabalho jornalístico, qual a carga horária de trabalho e se já ocuparam posição de chefia.

Em relação ao ambiente de trabalho, questionamos se há um número considerável de pessoas negras, se alguma pessoa negra ocupa cargo de chefia atualmente, se acham que os cargos de chefia são mais ocupados por pessoas brancas, se o local de trabalho dá abertura para pautas raciais, se consideram o mercado de trabalho jornalístico ludovicense desigual em termo raciais, se consideram que as pessoas negras são bem representadas pelos veículos de comunicação da cidade, como os negros mais aparecem nos telejornais, e se consideram que há um número de repórteres e apresentadores negros suficiente nos telejornais maranhenses.

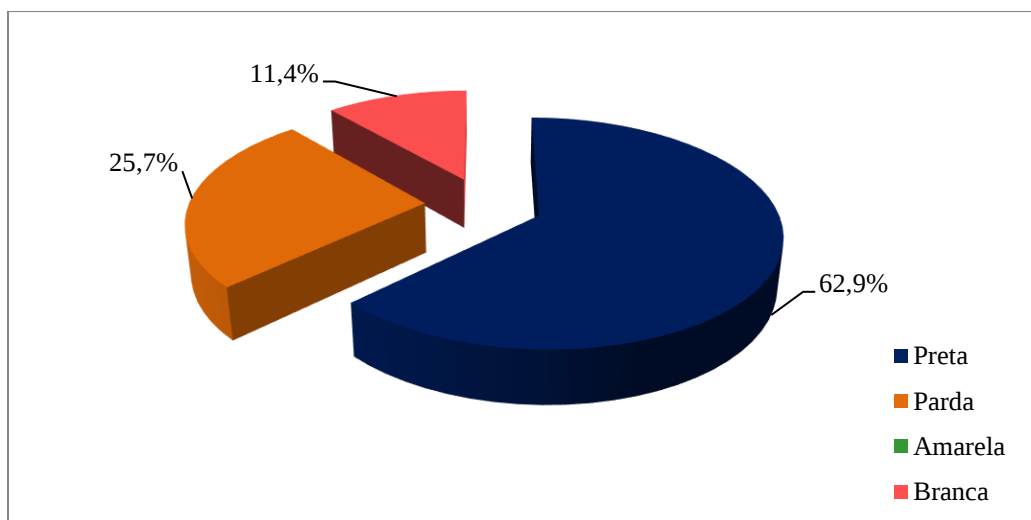
Já as questões reservadas a jornalistas negros foram estas: se já sofreram algum tipo de discriminação racial no trabalho, e em caso afirmativo, de onde partiu; se já houve alguma sugestão de mudança na aparência pelo fato de ser negro(a), e em caso afirmativo, para relatarmos o(s) caso(s). Por fim, deixamos um espaço aberto para contato via whatsapp para as etapas finais do trabalho.

4.5.1 Resultados

Após a apresentação das etapas já realizadas, apresentaremos a seguir os resultados do questionário aplicado aos jornalistas inseridos na capital de São Luis, com ressalva para os de cor/raça negra. Abaixo estão algumas das questões presentes no instrumento de pesquisa e comentários acerca dos resultados obtidos.

A maioria dos respondentes possui entre 26 e 35 anos (54%). O restante somatiza 22,9% que estão entre os 36 e 45 anos, 20% entre 18 e 25 anos, e 2,9% com mais de 45 anos.

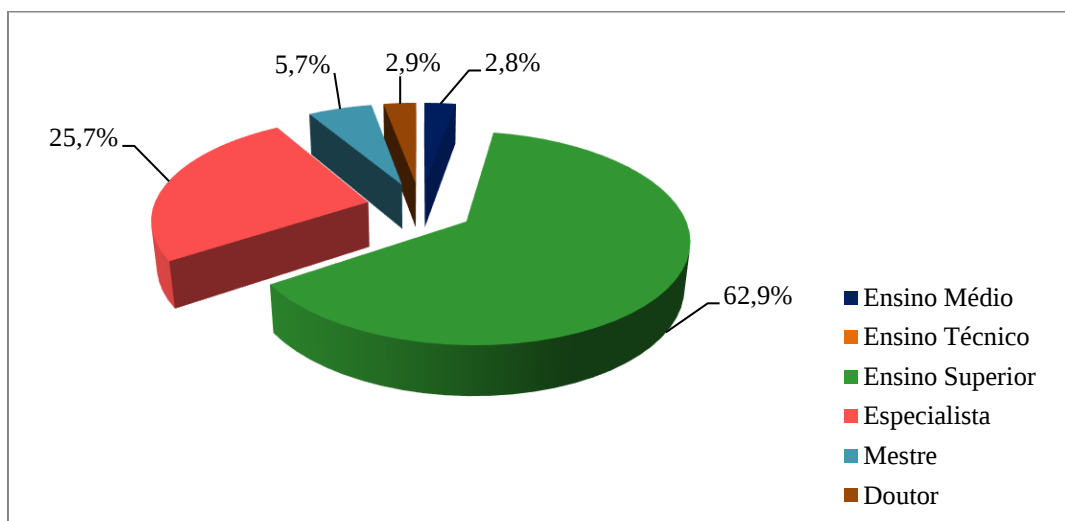
Gráfico 3 – Distribuição da amostra com base na cor/raça dos participantes



Fonte: Elaboração da Autora (2022).

Dentre os participantes, 62,9% se autodeclararam da raça/cor preta, 25,7% se consideram pardos, 11,4% preencheram como sendo da cor branca, e 0% da cor amarela. Em relação à gênero, 66,7% assinalaram como gênero feminino, e 33,3% são do gênero masculino.

Gráfico 4 – Distribuição da amostra com base na escolaridade



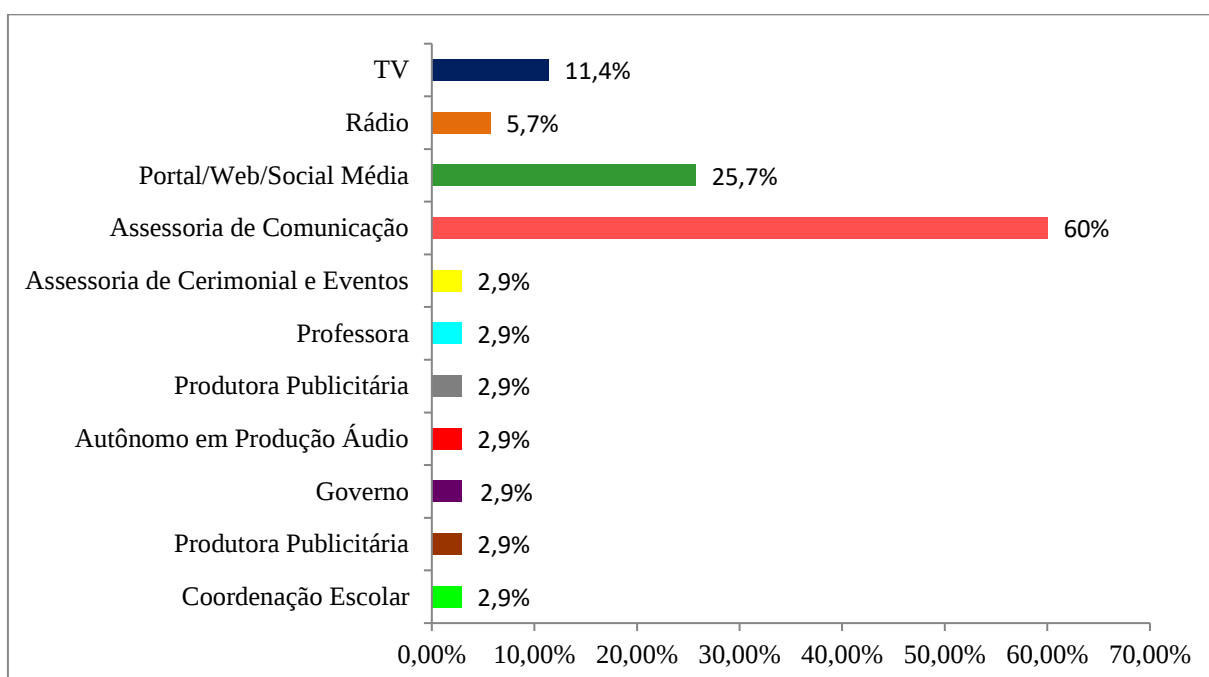
Fonte: Elaboração da Autora (2022).

Optamos por perguntar também sobre a escolaridade dos participantes, para que possamos verificar esse quesito em relação às oportunidades de cargo de chefia e possibilidades de destaque na área da comunicação. Na questão apresentada, 62,9% dos participantes tem o Ensino Superior Completo, 25,7% são especialistas em alguma área, 5,7%

de mestres e 2,9% respondeu como doutor. Houve ainda um respondente que assinalou a opção “ensino médio” (2,8%).

As demais perguntas se deram como base na identificação da escolaridade e do mercado de trabalho jornalístico. Perguntamos em como adentraram nesse mercado, se são formados na área ou em áreas correlatas; se trabalham em mais de um emprego; quais são as empresas em que atuam, até chegarmos ao telejornalismo. Desse modo, é possível a percepção de como está constituído o cenário de modo geral.

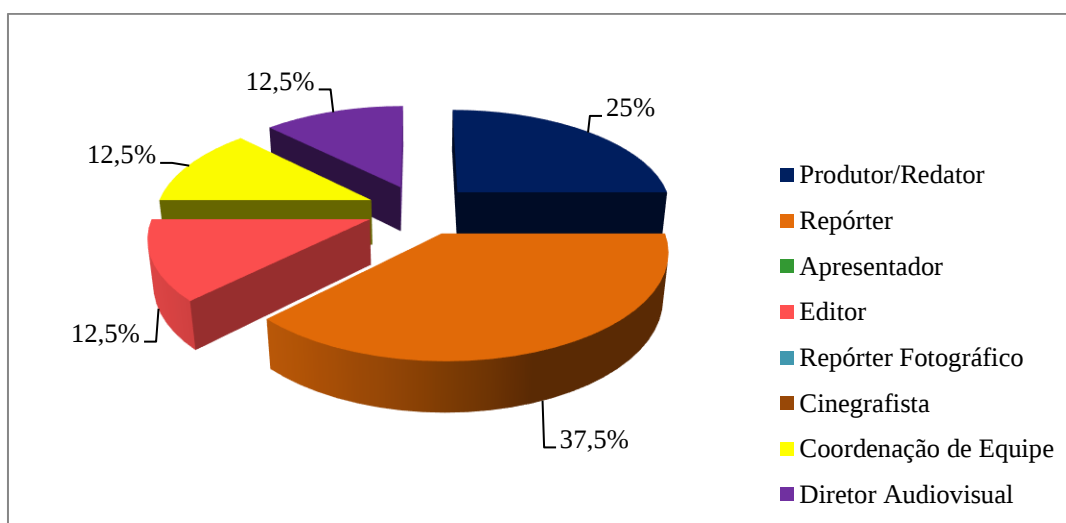
Gráfico 5 – Distribuição da amostra em relação as empresas em que atuam



Fonte: Elaboração da Autora (2022).

Quando perguntados sobre as empresas em que atuam (para avaliarmos se todos os jornalistas respondentes estão trabalhando diretamente com jornalismo), as respostas mostraram que a grande maioria se encontra nas assessorias de comunicação (60%). O segundo lugar ficou com Portal/Web/Social Media (25,7%), e apenas em terceiro lugar vieram as empresas de TV (com 11,4% das repostas), seguido do Rádio (5,7%). As porcentagens aqui mencionadas apontam para um grande contingente de jornalistas que estão fora dos veículos de comunicação em geral, mas sim nas empresas e instituições públicas e privadas. Isso pode se dar pela mínima oferta de vagas nas emissoras locais, e se tratando do telejornalismo, pouco abrem espaço para novos nomes e novos rostos. Quando associado ao rosto negro, as oportunidades podem se apresentar ainda menores.

Gráfico 6 - Distribuição da amostra levando em consideração as funções desempenhadas

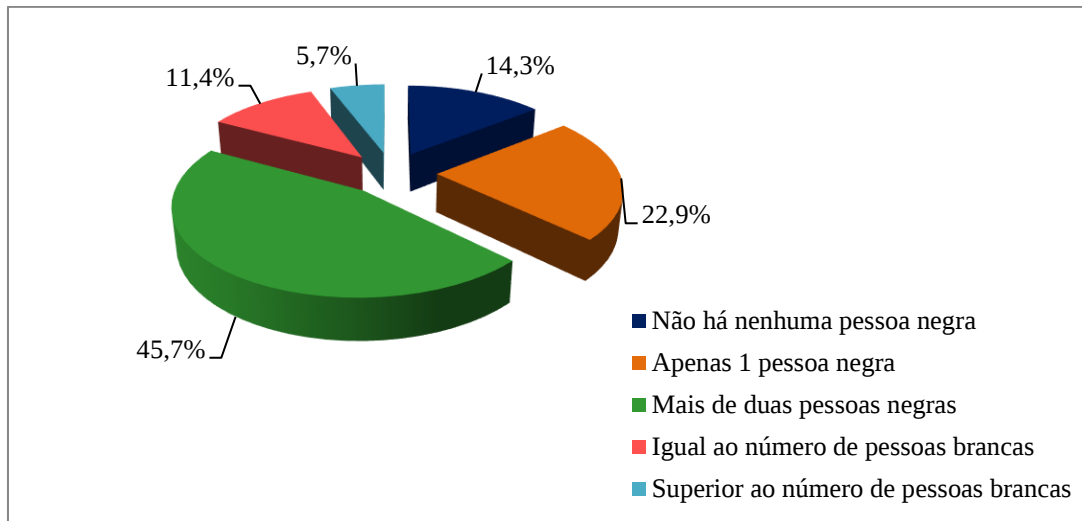


Fonte: Elaboração da Autora (2022).

Ao adentrarmos no campo da TV, obtivemos oito respostas. Perguntamos quais funções os participantes desempenham. Tivemos 35,7% (3 respondentes) que atuam como repórteres, 25% (2 respondentes) como produtor (a)/ redator (a), 12,5% (1 respondente) como editor(a), 12,5% (1 respondente) como diretor audiovisual e 12,5% (1 respondente) informou trabalhar na coordenação de equipe. Perguntamos ainda há quanto tempo trabalham no mercado e trabalho jornalístico, qual a carga horária de trabalho, e se já ocuparam posição de chefia.

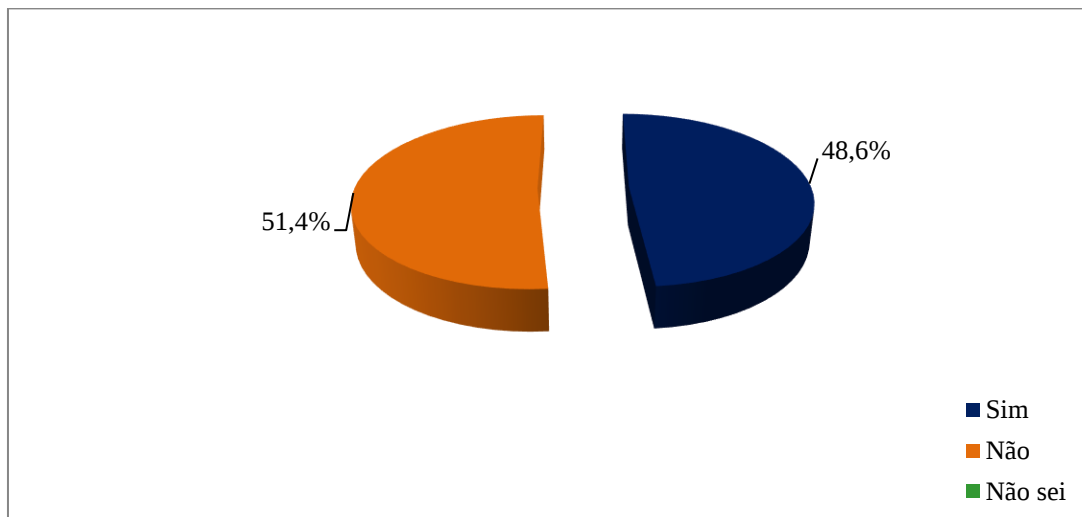
Em relação a temática racial, ainda aplicada para todos os jornalistas, perguntamos se há um número considerável de pessoas negras no setor trabalhado, se alguma pessoa negra ocupa cargo de chefia atualmente, se consideram que o local de trabalho dá abertura para pautas raciais, se consideram o mercado de trabalho desigual em termos raciais, se as pessoas negras são bem representadas na mídia; como os negros aparecem mais nos telejornais, e se há um número considerável de repórteres/apresentadores negros nas telas maranhenses.

Gráfico 7 – Distribuição da amostra em relação à presença de negros no setor de trabalho



Fonte: Elaboração da Autora (2022).

Gráfico 8 – Distribuição da amostra quando o assunto é negros em cargo de chefia



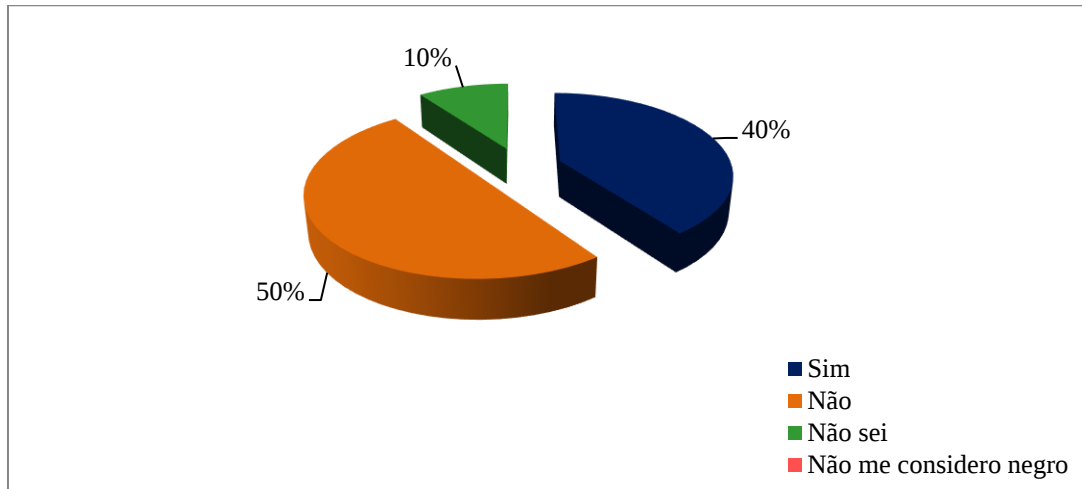
Fonte: Elaboração da Autora (2022).

Aqui destacamos as questões 15 e 16 do questionário, referentes à presença de negros nos setores de trabalho dos participantes, e aos cargos de chefia ocupados por negros. Na questão 15, 45,7% responderam que há mais de duas pessoas negras em seus setores, mas que esse quantitativo é muito baixo em relação ao de pessoas brancas. Já na questão 16, é possível perceber a falta de presença dos negros em cargos de chefia. Mais da metade dos entrevistados (51,4%) afirmam não haver negros em cargos de chefe em seus locais de trabalho.

Passando para o campo de preenchimento destinado aos jornalistas negros(as), a pesquisa buscou entender quais os preconceitos/episódios de discriminação sofridos em suas

atuações profissionais. Metade dos respondentes sinalizou que sim. Buscamos ainda saber se já houve alguma sugestão para mudança em sua aparência.

Gráfico 9 – Distribuição da amostra em relação a discriminação racial sofrida no ambiente de trabalho



Fonte: Elaboração da Autora (2022).

Conforme exposto acima no Gráfico acima, metade dos jornalistas participantes da pesquisa admitiram já terem passado por situações de discriminação racial em seus ambientes de trabalho. Esse quantitativo, é de certo modo, alarmante, já que revela a continuação de um mecanismo de dominação e segregação de pessoas, a partir de suas características étnico-raciais. Dentro dos 50% de respostas positivas à questão estão os casos de discriminação que foram detectados pelos respondentes ou racismo explícito. A questão seguinte a ser apresentada neste relatório expõe alguns depoimentos sobre episódios de racismo ocorridos no exercício da profissão.

Figura 6- Quais foram os episódios de discriminação racial

Se sim, explique como foi:

7 respostas

- Como tenho cabelo cacheado e decidi deixar crescer sugeriram que ficaria melhor visto se cortasse o cabelo baixinho porque não pegava bem
- Para alisar meu cabelo
- que eu deveria alisar meu cabelo e cortar
- Cabelo e roupa
- Prender o cabelo porque tava bagunçado
- Cortar cabelo
- Gravei um vídeo sobre a reinauguração do auditório, após aprovação do trabalho a chefia comentou que iria me levar no salão de beleza para diminuir o volume dos cabelos.

Fonte: Print do Google Forms (2022).

Dentre as perguntas e respostas no Questionário, a apresentada acima chamou a atenção. Todos os respondentes da questão apontaram preconceito racial, a partir de “incômodos” de terceiros com o cabelo crespo/cacheado. Apesar dos avanços na luta antirracista e da mobilização e defesa das características fenotípicas do negro como sendo parte de sua identidade, ainda fica visível a força do discurso de um grupo hegemônico, que defende que “cabelo bom é cabelo liso”. Retomamos aqui que, no caso do telejornalismo brasileiro, essa ideia se estendeu por muitos anos, quase não havendo repórteres e apresentadores negros de cabelos naturais no vídeo.

4.6 Aplicação de questionários com discentes de Comunicação

Como um segundo passo da pesquisa, elaboramos um questionário (também via Google Forms) voltado aos graduandos do curso de Comunicação Social. Esta etapa se deu por considerarmos pertinente o recorte com pessoas ainda em formação no campo da Comunicação, ou seja, por parte de quem ainda vai adentrar no mercado de trabalho jornalístico, para a promoção de reflexões acerca do tema.

Figura 7- Convite para preenchimento de formulário pelos estudantes de Graduação de São Luís

Você é graduando(a) de Comunicação Social em São Luís/MA? Se interessa em contribuir para o mapeamento do mercado de trabalho jornalístico em termos raciais?

O presente formulário parte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), visando compreender como se dão as relações raciais no mercado de trabalho jornalístico ludovicense, e também, como acontece a representação negra nos veículos midiáticos, pela ótica dos discentes.

***Sinta-se à vontade para contribuir conosco! Clique abaixo  ***

Fonte: Elaborado pela autora via Whatsapp (2023).

O questionário foi elaborado e distribuído aos estudantes de graduação (brancos e negros) também pela técnica bola de neve virtual (Costa, 2018), e compartilhado por esta pesquisadora para alguns de seus contatos. Esta etapa contou com a participação de universitários tanto da rede pública quanto da rede privada de ensino. O período em que o formulário ficou aberto foi de 23 de março a 31 de junho de 2023, totalizando dois meses e oito dias. Aqui justifica-se que o tempo em aberto foi menor (em relação ao primeiro questionário) por conta das outras etapas da pesquisa, que também exigiram atenção e celeridade para a finalização de todo o trabalho proposto.

Mesmo com menor tempo para preenchimento, obtivemos 36 respostas. Uma a mais que o primeiro questionário. Participaram graduandos das quatro habilitações do Curso de

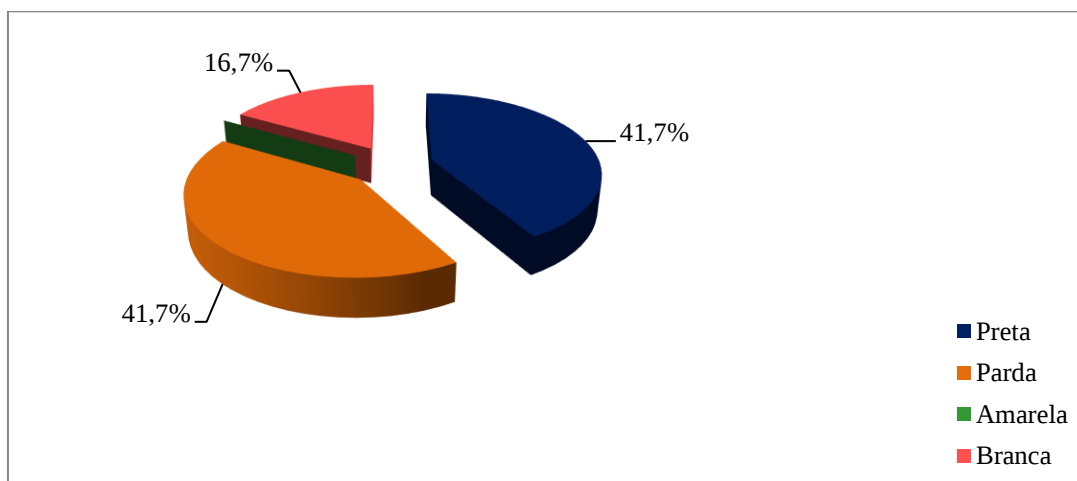
Comunicação Social (Jornalismo, Rádio e TV, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda). As perguntas tinham o intuito de entender como se configuram as relações raciais dentro das Instituições de Ensino Superior (IES). Também procuramos compreender como os estudantes enxergam as questões de racismo no mercado de trabalho, e mais especificamente, dentro do âmbito jornalístico televisivo.

Apresentaremos a seguir alguns dos resultados deste segundo questionário, aplicado aos graduandos de Comunicação das IES de São Luís. As primeiras questões foram de identificação dos sujeitos: idade, cor/raça e identidade de gênero. Em relação ao universo acadêmico, as perguntas se deram em relação à habilitação do curso, período do curso, se ingressaram por algum sistema de cotas, se já estão inseridos no campo jornalístico (por meio de estágio) e qual a área de atuação, se consideram que a IES possui um ambiente plural em termos raciais, qual a composição racial dos estudantes da sala de aula e de seus docentes, e se já presenciaram alguma atitude racista dentro da academia. Deixamos em aberto uma sessão para o preenchimento com o número de celular para aqueles que se disponibilizassem para a atividade de cunho acadêmico (roda de conversa) sobre a temática, a qual será apresentada mais à frente.

4.6.1 Resultados

A maioria dos respondentes possui entre 18 e 30 anos (88,9%), enquanto o restante somatiza 8,9% dentro da faixa etária de 31 a 45 anos, 2,8% com menos de 18 anos (apenas 1 participante), e nenhum participante assinalou ter mais de 45 anos. 58,3% são de Jornalismo, 25% de Relações Públicas, 13,9% de Rádio e TV e 2,8% de Publicidade e Propaganda.

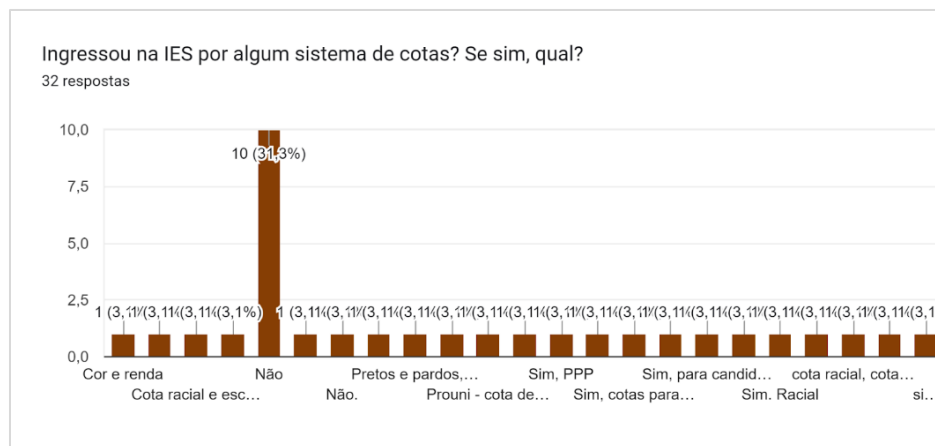
Gráfico 10 - Distribuição da amostra em relação à cor/raça dos participantes



Fonte: Elaboração da Autora (2023).

No quesito cor/raça, a maioria está dividida entre pretos e pardos, somatizando exatamente a mesma porcentagem (41,7% de pretos e 41,7% de pardos). Os que marcaram a cor branca somam 16,7%. Já em relação ao gênero, a grande maioria foi do gênero feminino (75%), já o restante somatiza 22,2% do gênero masculino e 2,8% não-binário (apenas um respondente). Assim como no questionário aplicado junto a profissionais jornalistas, realizado na primeira etapa da investigação, a maior participação foi de mulheres. Essa coleta corrobora com os dados do IBGE (2018), apresentados no capítulo 1, que apresenta as mulheres como maioria nas universidades, mas que apesar dos resultados da mostra, são menos valorizadas que os homens. E no que diz respeito à mulher negra, essa valorização se mostra bem mais distante.

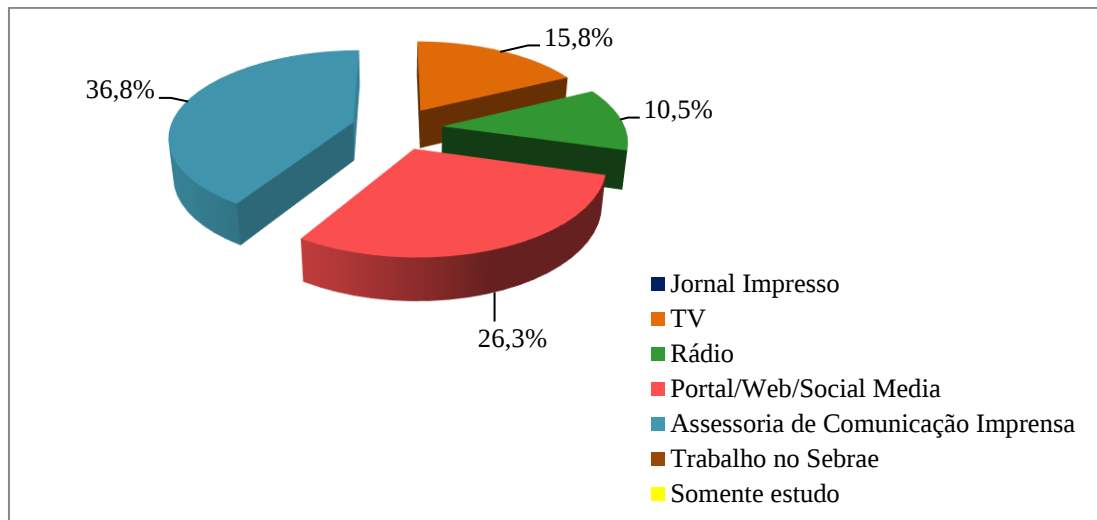
Gráfico 11 - Distribuição da amostra em relação ao ingresso nas IES por sistema de cotas



Fonte: Elaboração da Autora (2023).

Sobre a forma de ingresso nas IES - se utilizaram ou não o sistema de cotas raciais - 31,3% dos entrevistados sinalizaram que sim. Tendo em vista que grande parte dos respondentes é da cor/raça negra (distribuídos igualmente entre pretos e pardos), apenas uma parcela desses estudantes negros adentrou no Ensino Superior por meio das ações de política afirmativa.

Gráfico 12 - Distribuição da amostra em relação aos estudantes que já estão no mercado de trabalho jornalístico (estágio)

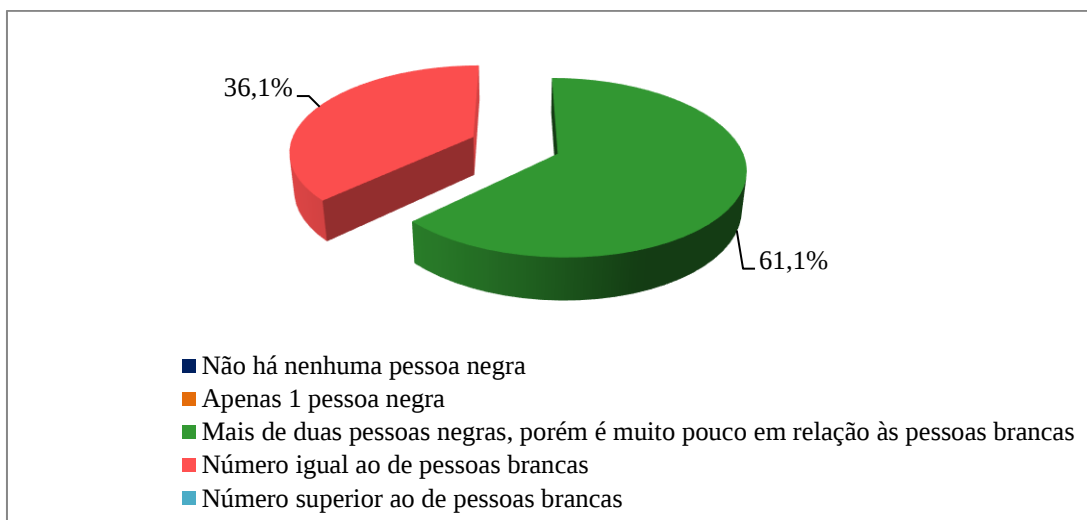


Fonte: Elaboração da Autora (2023).

Outro dado interessante é que menos da metade dos estudantes já está em nível de estágio, e destes, a maioria (60%) se encontra nas assessorias de comunicação de empresas/instituições. Outros 26% estão estagiando em portais da web, sites ou como social media, enquanto os que estão em veículos de comunicação televisiva somam 15,8%, perdendo apenas para os que estão em rádio (10,5%). Esses dados combinam com a avaliação do primeiro formulário, quando investigado onde se encontram os jornalistas locais, reforçando a interpretação de que não há oferta suficiente de vagas nos veículos de comunicação ludovicenses, em especial no que diz respeito ao jornalismo televisivo.

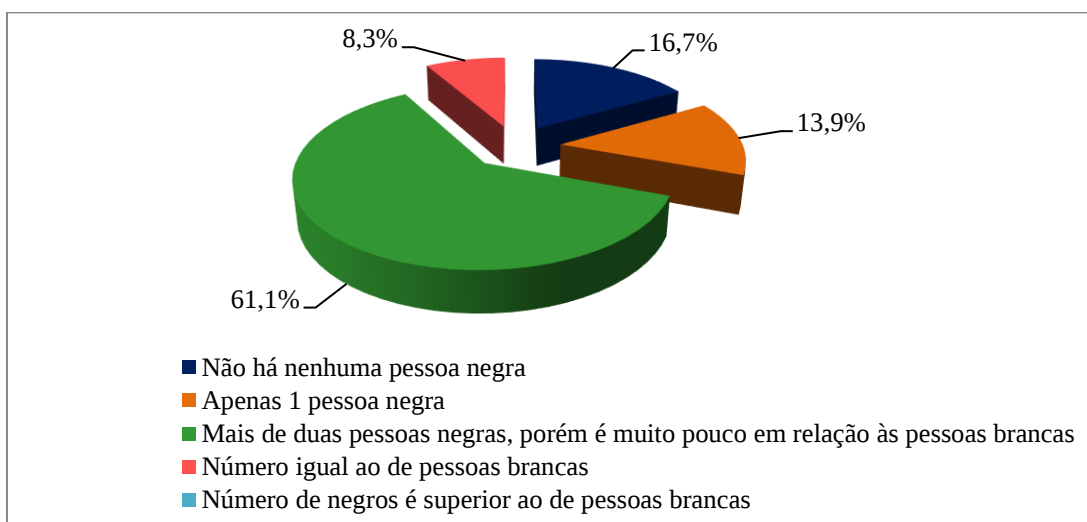
Dessa forma, entendemos que a pouca quantidade de vagas ofertadas no segmento do telejornalismo impacta negativamente na inserção de novos profissionais no mercado de trabalho, pois grande parte deles inicia sua trajetória nos estágios realizados. Levando em consideração tudo o que já foi exposto até aqui, a participação de estudantes e profissionais negros é ainda bem mais escassa, causando um grande déficit no quesito equidade racial.

Gráfico 13 - Distribuição da amostra em relação à composição racial dos estudantes em sala de aula



Fonte: Elaboração da Autora (2023).

Gráfico 14 - Distribuição da amostra em relação à composição racial dos docentes do curso



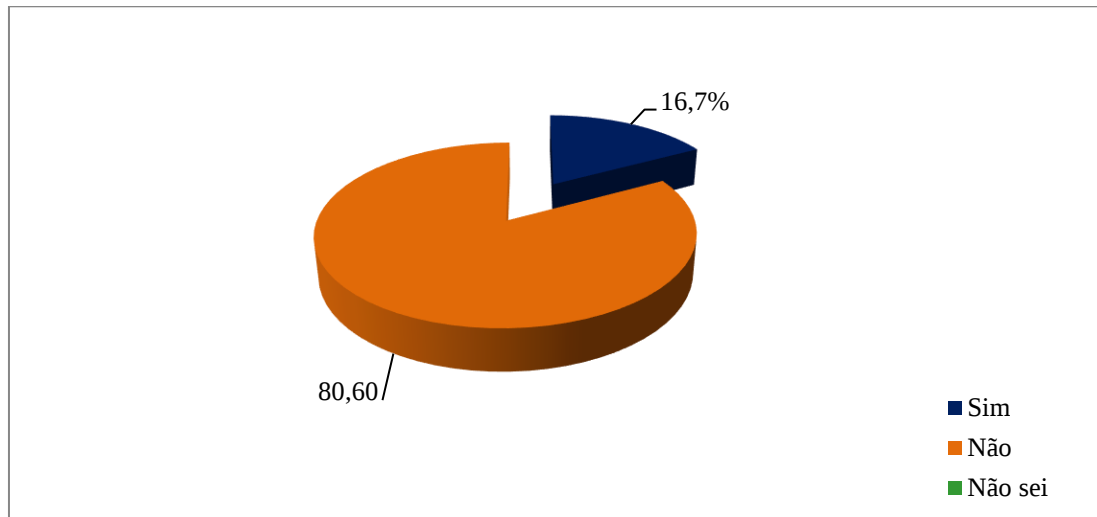
Fonte: Elaboração da Autora (2023).

Quando perguntados se consideram que a IES possui um ambiente plural em termos raciais, 63,9% responderam que sim, contra 19,4% que indicaram que não e 16,7% não sabem. No entanto, a respeito da composição racial da sua sala de aula, 61,1% indicaram que há mais de duas pessoas negras, mas este quantitativo é muito pouco em relação às pessoas brancas. A exata porcentagem (61,1%) também é apresentada na pergunta sobre a composição racial dos docentes do curso, indicando que há mais de dois docentes negros, mas isso é bem menor que a quantidade de docentes brancos.

As informações acima contrastam, de certo modo, com a indicação de um ambiente que é, de fato, plural. Dentro das salas de aula há alguns poucos alunos e poucos professores negros e negras. Embora a composição dos maranhenses seja de 74% de pessoas pretas e

pardas (IBGE, 2018), é perceptível que ainda existe uma lacuna racial dentro do Ensino Superior no estado, mesmo se tratando da capital São Luís.

Gráfico 15 - Distribuição da amostra em relação à terem presenciado alguma atitude racista no universo acadêmico



Fonte: Elaboração da Autora (2023).

Um número acentuado (80,6%) de estudantes afirmou não ter presenciado atitude racista na IES. Já outros 16,7% afirmam ter presenciado tal situação, e 2,8% não sabem se já presenciaram. Embora a grande maioria tenha respondido que não, isso pode se dar pelo racismo velado na sociedade, manifestado de variadas formas, que as vezes são sutis, possibilitando com que a vítima ou os pares não percebam a atitude de imediato ou não a classifiquem como uma manifestação racista. Em se tratando de direitos humanos, o quantitativo, mesmo que pequeno diante das negativas, já revela um cenário que requer mudança, não mais existindo os 16,7% de pessoas que presenciaram (e por vezes viveram) situações desconfortantes em relação à cor/raça.

Dessa forma, entendemos que os dados apresentados apontam para um cenário que acaba por afastar o “mito da democracia racial” (Ribeiro, 2019), que parte da ideia de que vivemos em uma “sociedade justa e igualitária”, na qual o racismo não mais existe.

Figura 8 - Quais foram as experiências racistas que presenciaram no universo acadêmico

Em caso afirmativo, o que aconteceu?

4 respostas

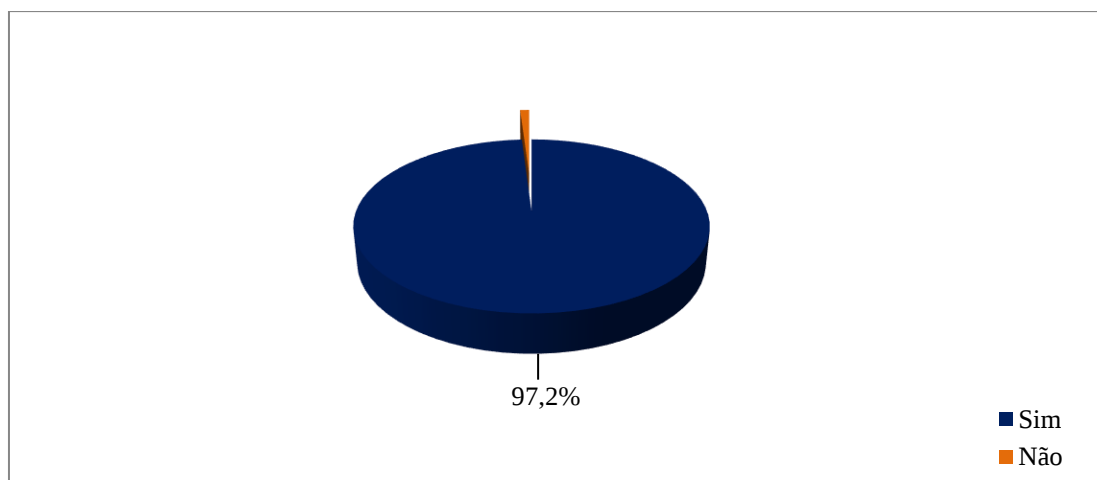
- A fala de uma professora que disse "elas até são bonitas, só que são negras"
- Um professor em específico, por várias vezes fazia "piadas" de cunho racista em relação ao cabelo de alunos negros durante as aulas, e fazia toda a turma se sentir bastante constrangida.
- Não são casos tão explícitos, mas é perceptível o tratamento, o processo de correção de trabalhos/atividades.
- Racismo velado

Fonte: Print da Interface do Google Forms (2023).

Como extensão da pergunta anterior, indagamos quais foram as experiências racistas vividas no universo acadêmico. Obtivemos quatro respostas subjetivas. Destaca-se aqui o fator estético como objeto de inferiorização do negro, a partir de piadas e comentários relacionados aos atributos físicos dos estudantes da raça. Assim como na etapa realizada com os profissionais de comunicação, o cabelo crespo/cacheado foi alvo de críticas e ridicularização por parte de pessoas brancas. Já o aspecto da beleza também foi atribuído à perspectiva europeia, quando é dito que tais mulheres "são bonitas, só que são negras". Aqui vemos novamente o fenótipo negro relacionado ao que é feio e grotesco.

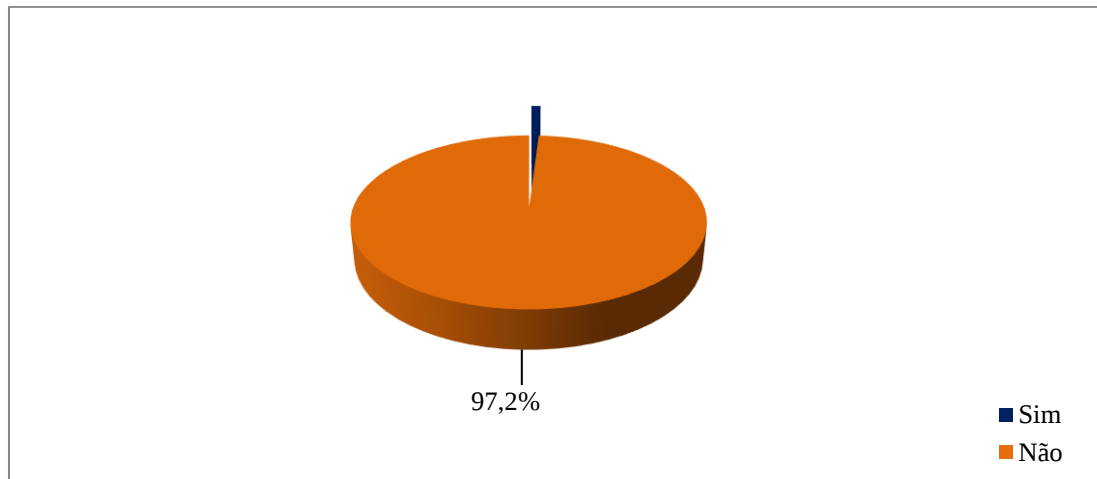
Já sobre as visões acerca do negro no mercado de trabalho jornalístico local, perguntamos se os respondentes acham o cenário desigual em termos raciais, se assistem aos telejornais de São Luís, se consideram que há um número de repórteres/apresentadores negros suficiente nas telas dos telejornais locais, onde os negros mais aparecem neste segmento, e se as pessoas negras são bem representadas pelos veículos de comunicação da cidade.

Gráfico 16 - Distribuição da amostra em relação ao acompanhamento de telejornais de São Luís



Fonte: Elaboração da Autora (2023).

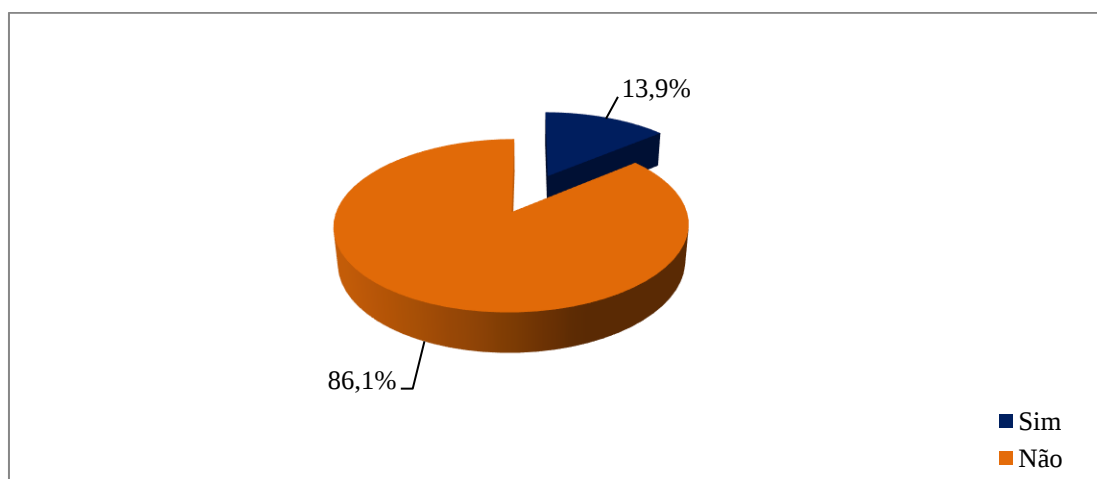
Gráfico 17 - Distribuição da amostra em relação ao número de repórteres negros nas telas dos telejornais locais



Fonte: Elaboração da Autora (2023).

Partindo para esse eixo, quando perguntados se acompanham dos telejornais de São Luís, quase a totalidade (97,2%) dos entrevistados sinalizou que sim, contra apenas 2,8% que responderam que não. É interessante destacar que a mesma porcentagem se deu quando questionados se consideram que há um número suficiente de profissionais negros no ar, em que 97,2% respondeu que não. Assim, compreendemos que existe uma constatação quase que unânime por parte dos entrevistados de que o telejornalismo local não reflete a composição racial da população maranhense no que diz respeito aos profissionais que o constituem.

Gráfico 18 - Distribuição da amostra em relação ao interesse de participação dos estudantes em atividade de discussão da temática



Fonte: Elaboração da Autora (2023).

Por fim, as demais questões se deram no intuito de entender se já discutiram em sala a temática do racismo e da visibilidade negra no jornalismo, e se consideram necessário que se fale mais sobre isso no seu curso de graduação. Retomando o intuito de informar e

conscientizar os discentes, apresentado na etapa do relatório de qualificação desta pesquisa, perguntamos aos participantes se teriam interesse em participar de uma atividade acadêmica com uma discussão sobre a temática. A resposta foi bastante positiva, já que 86,1% dos respondentes indicaram que gostaria de participar da discussão proposta, contra 13,9% que dispensaram. A partir dos apanhados obtidos nesta etapa e o cruzamento feito com os dados da pesquisa anterior, partimos para a realização desta atividade de discussão do tema.

4.7 Participação em oficina de produção e publicação de podcast

A presente pesquisadora realizou, nos dias 7 e 8 de outubro de 2022, a Oficina de Produção e Publicação de Podcast, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (modalidade profissional) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), de forma virtual e presencial, e teve como palestrante o mestre em Comunicação e técnico do laboratório de Rádio da UFMA, Saylon Sousa. Na etapa virtual, foi possível apreender os principais conceitos e categorias do produto podcast, assim como seus gêneros e linguagens.

Já na etapa presencial, o instrutor do curso explicou sobre questões técnicas para publicação de episódios, fases de pré-produção, produção e edição. Na oportunidade, foi proposta uma atividade de criação de podcast com todos os alunos, como forma de avaliar e praticar os ensinamentos adquiridos. A participação da pesquisadora na referida oficina foi fundamental para um maior entendimento do universo do produto proposto. Após a realização da oficina, firmamos parceria com o técnico do laboratório de rádio da UFMA para realização do nosso podcast, que será descrito no próximo capítulo.

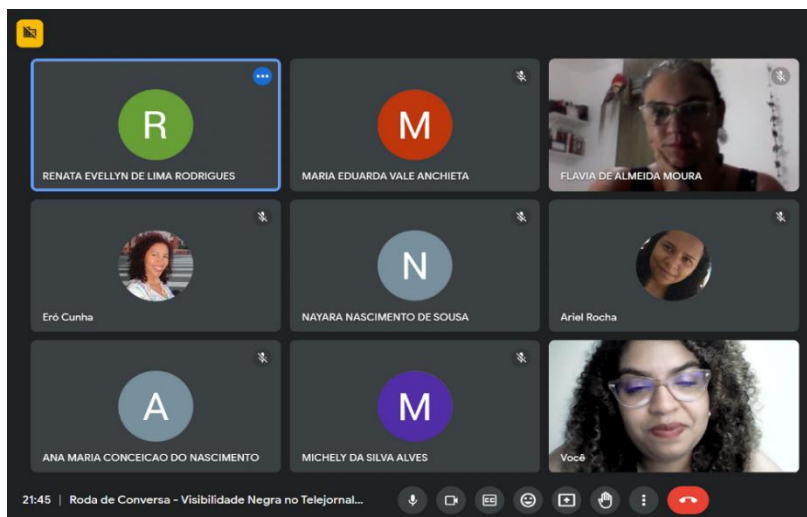
4.8 Roda de Conversa com graduandos de Comunicação

Como etapa decorrente do resultado da aplicação dos questionários com graduandos de Comunicação (disposto no item 4.6), realizamos, no dia 21 de junho de 2023, via plataforma Google Meet, a roda de conversa com o tema da visibilidade negra no telejornalismo local, destinada a esse público. Embora o questionário tenha sido divulgado em sua grande proporção para os graduandos de São Luís, não obtivemos participação deste estudantes durante a roda de conversa.

Esta atividade teve duração de quase duas horas, e contou com a participação de sete pessoas, todas mulheres. Seis delas fazem parte dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Comunicação (habilitação em Jornalismo) da UFMA, na cidade de Imperatriz/MA. A outra

participante é professora da rede pública de ensino e membro da Coordenação de Educação da Igualdade Racial de Imperatriz (CEIRI), além de também fazer parte do movimento negro na região tocantina, no Maranhão.

Figura 9 – Realização da “Roda de Conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local” com estudantes de Graduação em Comunicação



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Aqui pontuamos e agradecemos à mobilização realizada pela professora Leila Lousa – membro integrante da banca de defesa deste trabalho – que, ao tomar conhecimento da realização da atividade, divulgou às suas alunas e as incentivou a participarem. Também destacamos que algumas das alunas também desenvolvem pesquisa dentro da temática racial na comunicação.

A ação foi desenvolvida com base em um roteiro pré-definido (Apêndice G) por esta pesquisadora com perguntas que abordavam desde o negro na TV (em um contexto geral) até a temática central do negro no telejornalismo local. Como houve a participação massiva de pessoas de Imperatriz, foi oportuna a troca de experiências e relatos sobre as duas cidades, o qual tornou o debate ainda mais rico de informações acerca do contexto estudado no âmbito do estado do Maranhão.

Algumas das perguntas que nortearam a conversa foram estas: qual a importância do negro na TV; onde se encontram os negros na mídia televisiva (em relação à novelas, séries, programas de entretenimento e outros) e se estão na linha de frente dos programas; como enxergam o telejornalismo maranhense e ludovicense em questões de raça (aqui também inserimos o telejornalismo imperatrizense); se acham que o espaço ocupado pelos

telejornalistas negros locais afeta na percepção da população local e sobre como podemos aumentar a visibilidade dos telejornalistas negros na mídia regional.

É importante destacar que mesmo com o roteiro elaborado previamente, a conversa aconteceu de maneira livre. As participantes puderam opinar sobre os pontos colocados, mas também explorar outros campos dentro da temática racial. Debates sobre a discriminação com o cabelo crespo ou cacheado, as vivências gerais do negro no mercado de trabalho e até as taxas de desemprego mais presente entre indivíduos da raça negra também aconteceram no encontro virtual.

Relataremos agora algumas das principais ideias debatidas. Em relação à primeira pergunta lançada, sobre qual a importância de profissionais negros na TV, algumas participantes manifestaram a necessidade de representatividade e também ações para acabar com a realidade de pouquíssimos negros nos espaços midiáticos. Aqui podemos relacionar essa afirmativa ao conceito de “negro único”, utilizado por Ribeiro (2019) que expressa justamente a ideia de colocar um ou dos negros para dar uma sensação de inclusão racial.

Um das participantes logo relatou que sente falta de jornalistas pretos na televisão por ser uma mulher preta. Disse também ser muito ligada ao meio artístico, por isso consome muito novelas, e que somente agora está vendo mais a participação dos negros nesse campo. Citou ainda a novela “Vai Lá Pé”, da Rede Globo, que tem predominância de negros no elenco, mas que isso aconteceu muito tarde, somente neste ano de 2023. Segundo a discente, geralmente as novelas destinam vagas de pessoas negras para “papeis de pessoas negras” (de acordo com o entendimento deles, que muitas vezes é sobrecarregado de pré-conceitos).

Outra estudante citou algumas leituras já realizadas no sentido da construção do imaginário negro, tendo em vista no que é disseminado nas mídias. Uma de suas principais pontuações foi sobre como é importante nós termos contato com essas imagens e com a diversidade existente, pois sem isso, não conseguimos construir o nosso imaginário. Indagou ainda que se o negro nunca é visto em posição de poder, como vamos ter isso no nosso raciocínio social e entender que é possível sim alcançar esses espaços. A fala da aluna nos revela o quanto a questão citada tem relação com o entendimento coletivo de que aquilo que é visto é o que se concebe como possível.

No decorrer da roda de conversa, outras questões afins também foram abordadas. Ao conversarmos sobre os outros segmentos televisivos que não possuem tantos negros, ou então, que as participações são estereotipadas e muitas vezes avacalhadas, não pudemos deixar de citar o racismo existente no humor, veiculado em programas de televisão (Moreira, 2019). Citamos alguns casos mais conhecidos, como na Rede Globo, maior emissora de TV do país,

através de programas como Zorra Total e Casseta e Planeta. Também surgiu na roda, a partir dos casos comentados, a discussão da ridicularização e da sexualização do corpo negro, sobretudo no que diz respeito ao gênero feminino.

Ao adentrarmos no campo do telejornalismo maranhense e ludovicense, temática central de nossa pesquisa, entendemos como foi pertinente fazer uma troca sobre os olhares não só do Maranhão como um todo, mas especialmente dos contextos ludovicense e imperatrizense, dado que todas as participantes da roda de conversa eram da cidade de Imperatriz.

Em decorrência da falta de adesão dos estudantes de São Luís (os quais participaram dos questionários e, inclusive, preencheram a ficha de inscrição para a atividade), não pudemos nos ater apenas à realidade ludovicense, anteriormente proposta. No entanto, destacamos que a troca de experiências sobre as duas maiores cidades do estado foi bastante proveitosa para o desenrolar de nossa conversa.

Sobre a realidade de Imperatriz, os apanhados não foram muito diferentes da realidade presente em São Luís em relação aos veículos midiáticos. As participantes narraram que, embora seja uma cidade maranhense, Imperatriz se identifica mais com outros estados próximos, e que enxergam que o local não se vê como tendo uma identidade negra. Por esse fator, a TV local possui pouquíssimos repórteres negros e nenhum presente na bancada.

Já no que concerne à pergunta sobre como podemos aumentar a visibilidade dos telejornais negros no Maranhão, e em especial em São Luís e Imperatriz (considerando a realidade vivida na localidade nas participantes), obtivemos a resposta sobre a atuação da academia no sentido de assistir os profissionais recém-formados junto às empresas jornalísticas. Uma das respostas que destacamos abaixo é da participante Eró Cunha, professora da rede pública de ensino, membro da Coordenação de Educação da Igualdade Racial de Imperatriz (CEIRI) e integrante do movimento negro de Imperatriz:

A própria população pode se manifestar para uma presença negra nesses espaços dos telejornais maranhenses, principalmente a gente pegando a estatística de que é um estado extremamente negro, e nós queremos nos ver nesses espaços também. E outra coisa, a própria instituição UFMA pode fazer esse trabalho com processos de estágio e uma comunicação mais estreita com esses espaços de mercado de trabalho, à procura até dos próprios profissionais para a entrega de currículos, de estar buscando essas vagas e esses espaços. E o sindicato dos jornalistas, além do movimento negro, claro, também deve se mobilizar no sentido dessa exigência, não só para a comunidade negra. A gente fala do negro, mas eu não lembro de nenhum indígena também. Então, se a gente fala dessa questão de inclusão, vamos incluir também outros que nunca são contemplados. Não basta só a gente falar, pesquisar, se no momento de levar currículo, de pleitear as vagas, e estar ali mesmo buscando esses espaços, a gente também não tiver essa articulação (Eró Cunha, 2023, Imperatriz).

Para os momentos finais do encontro, perguntamos sobre as impressões das participantes sobre a roda de conversa, as quais demonstraram ter gostado bastante da iniciativa e de como foi tudo conduzido. Ressaltaram ainda a necessidade de se ter mais momentos como este no contexto acadêmico. Destacamos abaixo a opinião de outra participante, a aluna Maria Eduarda Vale Anchieta.

Desde que entrei na faculdade essas são coisas que eu acho indispensável para nossa rotina como estudantes, sabe porquê...a gente tem uma visão mais ampla de tudo, de todas as vivências. A gente compartilha experiências e a gente não se sente sozinho nessas rodas de conversa, nesses minicursos que a faculdade promove. O ser humano precisa escutar isso (a temática racial) pra ter o mínimo de empatia, de compaixão com o próximo, que acho a faculdade também nos ensina muito isso, a ter empatia. Então, eu achei incrível a roda de conversa. Obrigada mesmo por disponibilizar que eu possa participar. Todos esses assuntos voltados para o meio racial, eu sinto a necessidade de fazer parte, de estar escutando e compartilhando experiências também, porque por muito tempo eu fiquei calada, fui silenciada. Então, é um momento muito importante. Eu tô desenvolvendo minha caminhada acadêmica e a minha caminhada de vida. Muito obrigada (Maria Eduarda Vale Anchieta, 2023, Imperatriz).

Como resultado das experiências trocadas e das reflexões geradas e dos depoimentos aqui expostos, entendemos que a realização da roda de conversa foi uma estratégia oportuna e bem sucedida para o que se propôs, e que esse foi um importante passo dentro do nosso processo metodológico para a culminância deste trabalho. Retomando a ideia de que deveríamos adentrar os espaços daqueles que ainda estão em processo de construção dentro do universo acadêmico, a roda de conversa cumpriu o objetivo ao qual se destinou.

A partir dessa mobilização, debatemos aspectos fundamentais do contexto estudados e colhemos opiniões e sugestões, que serviram não somente para a realização do produto final, mas que também podem ser levadas adiante por entidades, pelas IES e pelas organizações de luta trabalhista e social.

5 PODCAST, MOBILIZAÇÃO SOCIAL E DEMOCRATIZAÇÃO DA MÍDIA

Com aproximadamente de 30 milhões de ouvintes, o Brasil é o terceiro país do mundo que mais consome *podcast* (Agora MT, 2022), e entrou em contínuo crescimento justamente após a pandemia da COVID-19, com o surgimento de programas e produções no mais diversos formatos, feitos em várias partes do país. Dentro dos programas, os conteúdos discorrem entre diversas temáticas, desde vivência e experiências das pessoas a discussões em temas do cotidiano, políticos, educativos e de entretenimento, tendo as entrevistas (55% da preferência) como a categoria que mais agrada aos ouvintes.

O podcast pode ser descrito como um recurso digital que se assemelha ao rádio possuindo a diferença de que poder ser gravado, armazenado e disponibilizado na internet. Segundo Silva e Ferreira (2019, p. 109), “é um formato radiofônico que pode integrar vários tipos de gêneros em um único formato de arquivo de áudio, com duração variável e integração sonora diversa”. Para Sousa (2022), autor do Guia Interativo “*Podcast para organizações*”, o podcast é uma mídia digital nativa do ciberespaço desenvolvida em 2004 através de experimentos envolvendo distribuição de arquivos de mídia usando uma ferramenta chamada *Real Simple Syndication* (RSS), comumente referido como Feed RSS.

O Feed RSS, garante que ao anexar um arquivo de mídia (texto, foto, áudio ou vídeo de qualquer formato) ele será distribuído em massa para todos os usuários do feed, esse tipo de tecnologia, torna o *podcast* uma mídia única, que mesmo *off-line*, dá a possibilidade de acessos sem restrição. O *podcast* – como toda mídia digital – evoluiu, e tem alcançado status junto ao público e também as diversas marcas. Ganhando espaço em diversos serviços de *streaming* e áudio, e fazendo com que essas mesmas empresas invistam neste tipo de produção.

No contexto do Brasil, segundo Sousa (2022), numa estimativa apresentada pela pesquisa da Associação Brasileira de *Podcasters* (ABPOD, 2022), o país somou mais de 34,6 milhões de usuários de *podcast* ativos em 2020, indicando até 100% a mais do que o ano de 2019. No contexto de distanciamento físico em um ainda um pouco presente, os meios digitais nos mantêm em constante conexão. Por essa razão, falamos de um tipo de mídia flexível, com diversas formas de apresentação, que pode ser utilizado por professores em sala de aula, disponibilização *online* em ambientes de informação e de pesquisa como bibliotecas e museus.

Hoje, a internet e as tecnologias relacionadas à comunicação, como o *podcast*, vem transformando as formas de interação e de relacionamento entre as diversas camadas sociais

de consumidores destes conteúdos. Através destas transformações, surgiram atividades do âmbito profissional que se integraram ao mercado de trabalho da era tecnológica, outras se readequaram as novas realidades. Entre essas profissões, surgiram os *podcasters*, semelhante a radialista, porém o *podcast*, introduz uma proximidade maior entre *podcasters* e os “podouvintes”, trazendo uma sensação atemporal e que pode ser ouvido sempre que é publicado, pois, enquanto estiver na rede permanece disponível para acesso. Ele é uma fonte de memória passível de consulta e um espaço de troca de interesses entre quem produz e quem consome, é a experiência da escuta.

No meio jornalístico, o cenário também foi readaptado com a disseminação dos podcast. Algumas emissoras de rádio e TV e programas de jorna passaram a transmitir seus conteúdos por esta ferramenta que cada vez mais ganhou vez no cotidiano das pessoas, facilitando a atualização e o conhecimento do que está acontecendo no mundo, de uma maneira mais dinâmica, próximo (já que o comunicador *podcaster* estabelece uma proximidade com o ouvinte, com a pretensão de tornar-se um parceiro de quem o escuta), e muitas vezes mais prática, devido a sua facilidade de acesso.

Já no meio social, essa experiência é particularmente singular. Segundo Lenharo e Cristovão (2016), as diversas formas de participação fornecida nos ambientes virtuais, favorecem uma construção de envolvimento mais alinhado e menos passivo entre os participantes, isso porque segundo a autora, essa “participação” nos processos de produção e consumo de bens culturais (principalmente aqueles que circulam e circularam por muitos anos nas esferas de mais poder e prestígio) sempre favoreceram os grupos hegemônicos. Sendo a internet capaz de nivelar esse desequilíbrio de consumo, justamente por remeter ao sentido de vivências dos indivíduos, como um ser social de escolher o que quer ouvir, mas também levar como um ato político a identificação com determinado produto. Tudo isso torna a experiência da escuta uma democratização do acesso, personalização da informação e facilidade de interação com o comunicador.

Mesmo que hoje os avanços tecnológicos não sejam plenamente capazes de mudar a estrutura social do acesso à informação, contribuir para o surgimento de espaços de resposta e participação social permite que pessoas das mais diversas camadas sociais, principalmente excluídas, aproveitem brechas deixadas pelos novos modelos midiáticos. Dessa forma são trazidos à tona temas que tocam as vidas dos ouvintes que se encontram nessas camadas e não apenas temas relacionados a grupos hegemônicos.

Pensar desta maneira, em práticas que permitam aos indivíduos se apropriar de ferramentas digitais, é o caminho para construção de novos posicionamentos na sociedade no

contexto virtual, para que também as mídias sonoras digitais passem a ser fontes de informação que auxilie no processo de formação do conhecimento, produção de saber crítico e contribuição de informação que podem engajar aprendizagens. Desta forma, pessoas negras têm utilizado desses materiais para produzir conteúdos com foco nas relações raciais como temas principais, mais uma vez trazendo a escolha de escuta e da proximidade com o ouvinte de forma relevante.

É sabido que muitas das mídias foram apropriadas de maneira desigual entre os grupos sociais, por questões ligadas às condições econômicas e sociais. Ao citarmos essas mídias, fontes de informações relevantes nos últimos tempos, trazemos o rádio, que por muito tempo foi um dos meios de comunicação mais utilizado pela população, para atualização de notícias e de entretenimento. Porém Cardoso e Villaça (2022), atribui ao *podcast* características mais emancipatórias e as vezes desafiadoras - sob o ponto de vista democrático da produção e distribuição - comparados ao rádio, surgindo como uma tecnologia alternativa e mais flexível, com possível direito de resposta, tendo em vista o uso de celulares para o acesso, ainda que não acessado por toda população.

Como citado anteriormente, é importante destacar que essa é uma ferramenta que pode ser inserida nas práticas de disseminação de conteúdo por qualquer grupo. Utilizando de um mecanismo de fala e de escuta, com acesso nos mais diversos ambientes de formação e educação, ainda sim, tem poucas participações de produção negra se comparada à produção branca. Essa invisibilidade da produção midiática da população negra, descende do processo histórico de silenciamento de vozes, carregado de desvalorização dos seus trabalhos e desumanização dos seus corpos, como já trabalhado em capítulos anteriores. Dessa maneira, se faz necessário ocupar mais espaços dentro da produção midiática, como forma de resistência, de divulgação de informação e de combate ao racismo, fortalecendo a comunidade negra e expondo as diversas violências que são atreladas ao preconceito, além de discutir às questões relacionadas ao mercado de trabalho, principalmente no que diz respeito ao sujeito de nossa pesquisa: o jornalista negro.

Atualmente, dentro da podosfera (nome dado ao mundo cibernético dos *podcasts*), a “podosfera preta” tem levantado debates relevantes ao povo negro, com temáticas que são atravessados pelas vivências e experiências da comunidade negra, mas não se restringem somente a isso. São diversas as temáticas dos *podcasts* feitos por pessoas negras que promovem discussões necessárias em diferentes áreas que mostram a resistência em manter a representatividade.

Em um dos principais serviços de streaming, o Spotify, podemos encontrar alguns conteúdos dedicados ao povo negro, em que são geradas discussões em torno de várias temáticas do cotidiano racial. Um dos podcasts que podemos citar é o “Vidas Negras, uma série original do Spotify que traz assuntos como: as “imagens históricas da mulher negra”, a “estética negra” e a “imprensa negra”, que traz referências à histórias de mulheres negras jornalistas, tomando como personagem a jornalista Maria Julia Coutinho. Como episódios que duram entre 40 minutos a uma hora, o Vidas Negras é um exemplo de podcast que possui alto poder de sensibilização e conscientização da luta negra para uma maior visibilidade da raça.

Outro campo de estudo é quanto aos podcasts ditos jornalísticos, realizados por jornalistas e que contém entrevistas com pessoas de outros campos de atuação. O podcast “Vozes: Histórias e reflexões”, lançado pela rádio CBN no final de 2018, comandado por Gabriela Viana, apresenta episódios semanais, que buscam o debate e o diálogo de temas profundos da sociedade, buscando a reflexão de todos eles.

A partir dos exemplos citados acima, pensou-se no produto desta dissertação. A elaboração do podcast sobre a visibilidade negra dos jornalistas negros de São Luís tem o objetivo de gerar conteúdos a partir das opiniões dos especialistas negros e dos estudantes de jornalismo sobre a temática, como também a percepção das vivências dos jornalistas negros – homens e mulheres que possivelmente tiveram/tem uma trajetória mais difícil que a de colegas de pele clara. A oferta do podcast, produto deste trabalho, atuará na reflexão das relações raciais nos meios de comunicação em São Luís, e estima ser esta mídia como uma fonte democratização da informação, do poder social que a escuta pode gerar, e do conhecimento para mobilizações sociais e para o saber crítico.

Para além disso, este produto tem o objetivo de ser uma forma de ampliar os estudos e a prática do jornalismo em seus novos formatos, assim levando em conta as inovações advindas do instrumento proposto, principalmente no que diz respeito às ferramentas radiofônicas. Desse modo, a produção do podcast trabalha com os dois eixos propostos neste trabalho: análise da visibilidade negra dos telejornalistas negros em São Luís (eixo sociológico), como também o estudo da mídia utilizada e suas tecnologias, seus formatos e sua disseminação. A partir da próxima seção, trataremos sobre questões mais pontuais do planejamento de construção do produto podcast.

5.1 Planejamento de construção do produto podcast

Os próximos tópicos a serem apresentados a seguir abordam a construção do Produto Final desta pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA - modalidade profissional. As etapas a seguir discorrem sobre as etapas de pré-produção, a definição do público de interesse, a escolha dos entrevistados, a proposta do nome e dos episódios, o tempo de produção, bem como as parcerias para produção, edição e finalização. O trabalho teve como base alguns manuais e guias, como o “Guia Interativo - Podcast para Organizações”, de Sousa (2022) e o “Podcast Descomplicado”, de Bontempo (2020).

5.1.1 Pré-produção

Como exposto no capítulo metodológico, a entrevista com pesquisadores para maior apropriação da temática estudada foi de grande importância para se pensar na elaboração do podcast. A partir da escuta prévia dos entrevistados nesse primeiro momento, podemos extrair suas análises e opiniões sobre o contexto dos negros no mercado de trabalho, e sobre a visibilidade aos jornalistas da raça nos veículos de comunicação. Dessa forma, a entrevista é o meio precursor e norteador das etapas de produção do produto proposto, tendo o intuito de compreender a partir das falas de estudiosos (intelectuais e militantes) os conceitos-base do racismo estrutural, para chegar aos que vivem na realidade estudada (telejornalistas negros).

Para fins de pesquisa, propusemos a análise de conteúdo de pelo menos três episódios de cada um dos podcast citados anteriormente, o “Vidas Negras” e o “Vozes: Histórias e Reflexões”. Os objetos de estudo estão disponibilizados no Spotify, ouvidos e analisados através dessa plataforma. A partir de então, buscamos apreender os conceitos que circundam as produções, o que envolve seu formato, sua linguagem, estrutura dos episódios, quantidade de entrevistados, conduta dos (as) jornalistas apresentadores (as) e etc.

5.1.2 Definição do público de interesse

Neste quesito, destacamos a importância de ter uma comunicação eficaz, de acordo com o público desejado. Para isso, definimos, com base nos estudos sobre racismo e conceitos expostos pelos entrevistados, e levando em consideração também a linguagem e o enfoque que se quer alcançar, um campo maior de público de interesse, a fim de conscientizar não apenas os indivíduos de raça/cor semelhantes, mas toda uma sociedade.

Estimou-se como público de principal interesse jovens e adultos de todas as raças, com idade entre 18 e 49 anos. Neste leque estão inseridos estudantes de jornalismo, jornalistas formados (atuantes ou não), telejornalistas, especialistas, educadores, sociólogos e demais pessoas que demonstrem interesse pelo tema e pela incitação à reflexão. Ressalta-se aqui que os episódios possuem divisões específicas para contemplar cada um tipo de público descrito nesta seção.

A escolha de um público de interesse plural como esse abre caminhos para que a temática da representatividade racial negra seja uma pauta de todos, e não apenas dos negros. A maioria dos participantes dos episódios são negros(as), o que nos dá o tom de “lugar de fala” e “representatividade” (Ribeiro, 2019), proporcionando com que os indivíduos negros se sintam representados, acolhidos e “visíveis”. Contudo, também tivemos a participação de professores e pesquisadores não-negros, mas que se dedicam ao estudo da problemática racial e/ou midiática e detém todo um hall de conhecimento nas áreas.

5.1.3 Escolha dos entrevistados/participantes

Esta etapa se deu de acordo com as análises das entrevistas iniciais com especialistas, e de acordo com as captações dos entrevistados no questionário feito aos jornalistas de São Luís, assim como no questionário readaptado e aplicado para estudantes de jornalismo em São Luís. A partir desses levantamentos, fizemos a escolha de representantes desses eixos de estudo. Destaca-se aqui a importância dessa fase de pesquisa, norteando toda a produção e dando o “tom” ao podcast. A entrevista enquanto prática jornalística é uma modalidade de interação para captação de informações. Nessa etapa, propusemos um plano de entrevistas individuais com os escolhidos para que fosse possível o aprofundamento de questões da temática.

Moura e Rocha (2017) destacam a importância de uma escolha acertada dos entrevistados de acordo com suas habilidades e competências. Assim, os mesmos falarão com autoridade e representatividade do grupo social abordado. “Interrogar os atores e utilizá-los enquanto recurso para a compreensão das realidades sociais constitui uma das vantagens das Ciências Sociais sobre as ciências da natureza, as quais se interessam por objetos desprovidos das palavras” (Moura; Rocha, 2017, p. 165).

5.1.4 Formato do podcast

Neste tópico apresentamos a proposta de formato que foi utilizada para os episódios do produto podcast deste trabalho, no que diz respeito à definição do nome, o tempo de duração e a proposta dos episódios pensados para o estudo e conscientização do tema.

- a) Escolha do Nome - Após a reflexão sobre o estudo que foi proposto até aqui, aliando os eixos sociológico e tecnológico/comunicacional, buscamos um nome que compilasse com a perspectiva da visibilidade negra no telejornalismo. Observamos os nomes atribuídos a outros podcast que tem proposta similar a que queremos e extraímos que o nome deveria ser de até três palavras, sendo estas inseridas como uma espécie de palavras-chave que identificam a temática e facilitam a procura e acesso dos públicos de interesse na(s) plataforma(s) a serem distribuídas. Com essas apreensões, chegamos à proposta do nome com as palavras “Negro, Pauta e Tela”, os quais significam, respectivamente os campos estudados na pesquisa e que serão discutidos ao longo dos episódios que serão destrinchados mais à frente;
- b) Tempo de Duração - Além dos quesitos descritos acima, outro item delimitado é o foi o tempo de duração dos episódios. Atualmente, os podcasts são muito diversos neste sentido, desde gravações curtas, até a duração de 8 minutos (geralmente presentes em gêneros educativos, como aula rápidas), 20 a 30 minutos, até de 1h a 2h. Levamos em consideração a profundidade do tema, a sua utilização e o seu caráter de conscientização, sugerimos inicialmente episódios de 30 minutos, mas para garantir a fluidez e assertividade dos roteiros propostos, reduzimos para o tempo de 20 minutos, tempo médio de escuta e rotina de acesso entre as faixas etárias envolvidas (jovens e adultos entre 18 e 49 anos);
- c) Proposta dos episódios - após a categorização dos temas estudados e da sondagem com os possíveis entrevistados, foi necessário o estudo dos episódios a serem disponibilizados, assim como sua estrutura e assuntos. Elaborou-se então uma proposta de série de seis podcasts, a partir dos públicos envolvidos nas etapas metodológicas anteriores da pesquisa. Estimamos cada episódio com a presença de dois a quatro participantes para o debate dos temas. Seguem abaixo:
 - Episódio 1 - “Racismo no Brasil”. Construção de um debate histórico e conceitual sobre essa temática. De modo geral, buscamos a reflexão sobre os marcos da escravidão, o racismo estrutural e suas consequências para a

população negra em diversos aspectos sociais, para depois direcionarmos ao campo da educação e do mercado de trabalho. Primeiro episódio constituído pela presença de duas especialistas (professores e/ou militantes) para o debate do assunto;

- Episódio 2 - “Tem Negro no Ensino Superior?”. Episódio dedicado à análise da presença do negro no Ensino Superior, de acordo com uma abordagem histórica, e levando em consideração a inserção de programas assistencialistas, como o estabelecimento das cotas raciais no Ensino Superior. Entrevistas com professores e sociólogos/cientistas sociais para a análise da presença do negro no Ensino Superior, sobretudo nas universidades públicas do país.
- Episódio 3 - “Tem Negro estudando Jornalismo?”. Aqui propusemos a presença de um professor/coordenador do Ensino Superior em Jornalismo para analisar a inserção dos estudantes negros no referido campo. Também pensamos na presença de um ou dois estudantes negros, para falar sobre suas impressões acerca da realidade vivida em sala de aula no que diz respeito às disparidades raciais e sociais. Pretendemos ainda pincelar sobre quais são as aspirações em relação ao campo do telejornalismo, e como enxergam o futuro para entrada na área;
- Episódio 4 - “Tem Negro na TV e no Telejornalismo?”. Neste episódio, utilizamos alguns dos dados do questionário, referentes à presença negra nas telas maranhenses. Propusemos a participação de jornalistas negros para debater, de uma forma histórica e reflexiva, sobre a presença do negro na TV e no Telejornalismo;
- Episódio 5 - “Qual a visibilidade dos telejornalistas negros em São Luís?”. Pela complexidade e sensibilidade do tema, uma vez que analisamos as principais emissoras de TV e os profissionais negros envolvidos em suas telas, optamos por não utilizar esses sujeitos como entrevistados. Neste penúltimo episódio, propusemos novamente a participação de professores e militantes para análise da presença dos profissionais negros no telejornalismo em São Luís, avaliando suas aparições enquanto apresentadores e reportéres de jornal, em relação à quantidade de telejornalistas de cor/raça branca;
- Episódio 6 - “É preciso abrir caminhos”. Para o último episódio, pensamos em reunir um sujeito de cada área temática (um estudante de jornalismo, um

professor e/ou militante e um profissional negro jornalista), para recordar as principais pautas trabalhadas nos episódios anteriores e levantadas reflexões sobre novas possibilidades e caminhos a serem percorridos para mudança de cenário, diminuindo assim as injustiças de participação racial, mais especificamente no campo estudado, o telejornalismo.

5.1.5 Parcerias para produção

A partir de contatos anteriores e da participação desta pesquisadora na Oficina de Produção e Publicação de Podcast, com o mestre Saylon Sousa, técnico-radialista do Laboratório de Rádio da Universidade Federal do Maranhão, propusemos uma parceria com o referido técnico para auxílio na produção do podcast. Após as etapas metodológicas, contamos com o espaço do laboratório de rádio (de acordo com a disponibilidade e os recursos oferecidos) para captação técnica e instrumental dos episódios do podcast. Após a concretização do produto, pretendemos uma parceria de publicação e distribuição (além do Spotify ou outro dispositivo cabível) na própria programação da Rádio Universidade FM.

5.2 Construção do Podcast

Para essa etapa do trabalho, contamos diretamente com o auxílio do mestre em Comunicação e técnico do laboratório de Rádio da UFMA, Saylon Sousa, egresso do mesmo Programa de Mestrado desta pesquisadora. A partir de conversas mais técnicas, pudemos organizar o modelo dos roteiros do podcast, de maneira mais adequada para o propósito a que se destina. Essas conversas se formaram no que diz respeito ao texto dos roteiros, à captação e qualidade de áudio, tanto desta pesquisadora quanto dos entrevistados, e também, à gravação e edição dos materiais dos episódios.

Em encontros com a professora Flávia Moura, orientadora deste trabalho, debatemos mais uma vez sobre as reflexões propostas em cada podcast, o formato e o tempo de cada episódio. Analisamos mais uma vez esses dois últimos fatores, considerando que o público a ser atingido é variado, englobando jovens e adultos. Chegamos ao consenso de que os episódios seguiram o formato de reportagem e que teriam o tempo previsto de 20 minutos, como informado no item 5.1.4. No entanto, alguns episódios extrapolaram essa estimativa, dada à importância de manter os depoimentos dos entrevistados de maneira consistente, sem cortes que comprometessem a essência da mensagem.

Nos momentos de organização dos roteiros, buscamos deixar os textos e participações bem elencados a cada temática. Dentre os participantes dos episódios estão professores, sociólogos, pesquisadores da mídia televisiva e da temática do racismo, ativistas, estudantes e telespectadores.

Destacamos aqui que todos os seis roteiros propostos para o produto foram desenvolvidos, levando em consideração as abordagens e especificidades de cada um. No entanto, pela necessidade de celeridade na execução do produto e concretização deste trabalho, finalizamos três deles. Para a construção, observamos as propostas da etapa de pré-produção, expostas em tópico anterior. A coleta dos áudios dos entrevistados se deu por meio do WhastApp, no prazo estipulado de 13 de agosto de 2023 a 20 de agosto de 2023, e a gravação dos três episódios ocorreu no dia 21 de agosto de 2023, no laboratório de rádio da UFMA.

Ressaltamos que, pelo fato de que alguns dos sujeitos que confirmaram interesse em participar do podcast não terem dado retorno, e, considerando que muitas das respostas em áudio só foram recebidas depois do prazo estipulado, tivemos que reconduzir os roteiros, realizando nova gravação no dia 26 de agosto de 2023. As modificações acarretaram também em um novo trabalho de edição para cada episódio.

5.2.1 Resumo dos episódios gravados

Iniciamos pelo episódio de número 1, com o título “Racismo no Brasil”, para adentrarmos ao universo a ser debatido. Nesse primeiro episódio, tratamos sobre o contexto histórico-cultural que envolve o sofrimento vivido pelos negros na escravidão e as consequências desse período para a população, no que tange à falta de oportunidades no mercado de trabalho. Foram apresentados alguns dados em relação às desigualdades sociais e econômicas que envolvem o racismo. Também abordamos sobre a educação antirracista e as iniciativas que buscam igualdade e representatividade.

Participaram desse episódio como entrevistados: a professora Socorro Guterres, secretária adjunta da Secretaria de Estado de Igualdade Racial; a professora Leila Sousa, do curso de Comunicação Social da UFMA em Imperatriz e membro do Núcleo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis; e a professora Eronilde Cunha, coordenadora de Educação da Igualdade Racial de Imperatriz e Ativista do Movimento Negro de Imperatriz.

Após isso, seguimos para o quarto episódio, que tem como título “Tem Negro na TV e no Telejornalismo?”, em que buscamos debater sobre a participação do negro na mídia

televisiva em seus vários campos de atuação como novelas, programas de entretenimento, programas de humor, até chegarmos ao telejornalismo. Utilizamos dados (VaidaPé, 2017) que mostram a escassa presença desses atores. Também utilizamos dados do questionário elaborado nesta pesquisa de mestrado sobre o mercado de trabalho jornalístico local. Por fim, falamos sobre questões estéticas dos afrodescendentes, que por vezes se tornam um empecilho para a ascensão nas telas.

Participaram desse episódio como entrevistados: o professor Álvaro Roberto Pires, antropólogo e membro do Coletivo de Intelectuais Negras e Negros (CDINN); a professora Rosinete Ferreira, docente do Departamento de Comunicação Social da UFMA em São Luís; e o jornalista Naasson Saldanha, repórter lotado em uma emissora de TV de São Luís.

Em seguida, partimos para o quinto e principal episódio de nosso podcast, com o título “Qual a visibilidade dos telejornalistas negros em São Luís?”, o qual se propôs à discussão da presença dos profissionais nos telejornais negros locais. Levamos em consideração dados que evidenciam a composição racial do estado do Maranhão, relacionando-os com a realidade da capital. Utilizamos ainda alguns dados do questionário elaborado dentro do âmbito desta pesquisa de mestrado, no que diz respeito à suficiência ou não de repórteres e apresentadores negros em tela, destacando também o acompanhamento de telejornais realizado em etapa anterior. Por fim, inserimos um bloco falando sobre a ótica da audiência em relação às questões de identificação e representatividade.

Participaram desse episódio como entrevistados: a professora Rosinete Ferreira, do Departamento de Comunicação Social da UFMA em São Luís; a professora Letícia Cardoso, também professora do Departamento de Comunicação Social da UFMA em São Luís; a jornalista Lara Souza e o estudante de Jornalismo Ítalo Silva.

Destacamos também a participação da professora Flávia Moura, orientadora deste trabalho, como comentarista de todos os episódios. Entendemos que um trabalho de cunho acadêmico deve ter a inserção do professor responsável, como uma forma de coroação ao que foi proposto e desenvolvido.

Por fim, ressaltamos a alegria de ter desenvolvido este podcast como produto final do Mestrado. Nossa intenção é que este seja disponibilizado em uma plataforma de grande alcance, como o Spotify, assim como desejamos levá-lo para outras distribuições, de acordo com as possibilidades. Com ele, esperamos alcançar não só os profissionais da Comunicação, mas também diversos segmentos da sociedade. Pretendemos ir ao encontro de parcerias nas instituições públicas e privadas que tenham interesse na divulgação do material, assim como nas IES e escolas técnicas que tenham o audiovisual como um dos seus campos de atuação.

No momento, os três episódios do Podcast “Negro, Pauta e Tela” encontram-se disponíveis para a banca examinadora diretamente no link: https://drive.google.com/drive/folders/1fn2SGL_wpPKos3sCat-oJVgiEDoqdnAS?usp=drive_link, com acesso pelo e-mail institucional.

5.2.2 Identidade visual

Para a identidade visual do podcast, também contamos com a colaboração de Saylon Sousa. Conversamos sobre as intenções e interações do podcast, a fim de inserirmos uma capa que transmitisse a concepção do nosso trabalho. Segue abaixo a imagem da capa desenvolvida:

Figura 10 – Imagem capa desenvolvida para o podcast “Negro, Pauta e Tela”



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A imagem contém cores vibrantes, como o amarelo e o roxo. Como ícone central, temos um desenho de uma mão (de cor branca) segurando um microfone. Nesse mesmo ícone, a mão é tomada (em parte) pela cor marrom, utilizada para associar aos telejornalistas negros. Há ainda a inserção da palavra em inglês “Let’s Go”, que traduzida, significa “Vamos Lá”, sendo uma forma de chamada para mudanças de cenário.

6 CONCLUSÃO

Como analisado durante todo o percurso do trabalho, a televisão se estabelece como importante ferramenta de construção da opinião pública e conjuntura social, pois, mesmo atualmente, muitas pessoas continuam a tê-la como principalmente fonte de informação e influência em seu cotidiano. A temática do racismo ganhou notoriedade devido a situações que foram divulgadas na mídia, mas principalmente pela luta antirracista levantada pelo movimento negro no país. Foi preciso que esses grupos de pensamento contra hegemônico se levantassem insistentemente em prol de uma mobilização social para diminuição de segregação e preconceitos.

Os objetivos deste trabalho foram divididos no estudo e na análise da visibilidade dos telejornalistas negros (primeiramente no cenário nacional, e consequentemente o regional), para a partir dos dados alcançados nessa perspectiva, produzirmos o outro eixo de interesse e validação da pesquisa: a série de podcast sobre a temática, produto final do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/ Mestrado Profissional.

Buscamos entender o cenário do racismo imbricado nos veículos de comunicação, sobretudo no telejornalismo brasileiro. A partir da composição racial dos telejornalistas (repórteres e apresentadores), observamos que a participação dos profissionais negros ainda é bastante ínfima, chegando a pontuar menos da metade em relação aos profissionais brancos. Quando ocorre a inserção de algum jornalista negro nas telas, isto nos leva a pensar na utilização do “negro único” (Ribeiro, 2019), em uma falsa sensação de “democracia racial”.

São poucos os profissionais negros de destaque na grande mídia, e quando presentes no telejornalismo - campo que traz consigo um caráter de seriedade e de poder de informação a todos os brasileiros -, estes profissionais são por vezes descredibilizados ou sofrem chacotas, como vimos no capítulo sobre ataques racistas.

O telejornalismo, enquanto mídia de amplo alcance, deve se preocupar com pautas que envolvam as necessidades dos vários grupos sociais, para ser um instrumento de diminuição de fronteiras, e de maior participação social. Levantar pautas de luta a partir dos quadros de funcionários dentro das emissoras, assim como gerar oportunidades de visibilidade para grupos mais oprimidos faz parte da função social do jornalismo.

Como mencionado anteriormente, os debates sobre racismo tiveram crescimento nos últimos anos devido à pressão dos grupos envolvidos na luta antirracista, mas muitas vezes essa temática é consumida apenas por seus pares. Por esse motivo, propusemos uma abordagem com a pluralidade dentro do campo estudado (jornalistas de todas as raças/cores)

para depois afunilarmos e nos aprofundarmos nas perspectivas e anseios dos jornalistas negros.

A partir da metodologia aplicada e dos dados obtidos, partimos para a investigação com graduandos de Comunicação, pois, como já exposto anteriormente, consideramos como parte importante do trabalho o estudo com quem ainda está nas salas de aula e logo mais adentrarão no mercado de trabalho. A partir desse apanhado, realizamos uma roda de conversa com discentes que desmonstraram interesse pelo tema, incluindo quem também desenvolve estudos na temática racial. Todo o apanhado teórico e metodológico foi de grande importância para a efetivação da pesquisa e assertividade na escolha e no desenvolvimento do produto aqui proposto, o podcast.

Há de se considerar que este é um formato midiático bastante presente na atualidade e que cada vez mais desponta como uma maneira de manter-se informado a todo tempo, sobretudo de forma dinâmica. Por essa possibilidade, temas mais complexos estão sendo inseridos nesta nova ferramenta de gênero jornalístico, especialmente em entrevistas, para que sejam encarados de forma mais leve, potencializando sua capacidade de conscientização e sensibilização.

Levamos em consideração, ainda, que o podcast é um formato capaz de atrair vários públicos, tanto um público novo (que não está acostumado a muitas leituras e acompanhamento de mídias tradicionais), quanto um público mais veterano (acostumado com vários veículos de informação, mas sempre se inteirando das novas possibilidades).

Tendo o objetivo de incitar mudanças de cenário e abrir possibilidades para que mais negros possam estar inseridos no mercado de trabalho, pretendemos contribuir para uma maior inserção de profissionais telejornalistas negros nas telas dos telejornais, promovendo assim, a representatividade necessária para a raça, sobretudo por sua inserção no Estado do Maranhão, segundo estado com maior representação racial negra (IBGE, 2018). Dessa forma, a capital de São Luís deve oferecer em suas mídias mais oportunidades para os profissionais pretos e pardos, a fim de englobar, de fato, a população que a constitui.

Obtivemos uma ampla participação professores, pesquisadores e jornalistas nos episódios finalizados do podcast. Estimamos uma potencial audiência dos sujeitos estudados, os telejornalistas negros. Ademais, pretendemos, a partir da veiculação e divulgação do produto construído neste trabalho, promover a conscientização em várias camadas sociais. Acreditamos que a transformação é possível quando o coletivo se move neste sentido.

REFERÊNCIAS

- AGORA MT. **Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo**. [S.l.:s.n.], 2022. Disponível em: <https://www.agoramt.com.br/2022/03/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- ALMEIDA, S. L. de. Racismo Estrutural. In: RIBEIRO, D. (org). **Feminismos plurais**. São Paulo, Editora Pólen, 2018.
- ABPOD - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE *PODCASTERS*. **O que é a PodPesquisa Produtor?** [S.l.:s.n.], 2022. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.
- BARRETO, L. Jornalismo Antirracista. In: FEITH, R. (org.). **Tempestade perfeita**: sete visões da crise do jornalismo profissional. Rio de Janeiro: Intrínseca Editora, 2021.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERSANI, H. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 175-196, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2018.148025>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BONTEMPO, R. **Podcast descomplicado**: crie podcasts impossíveis de serem ignorados. [S.l.]: Bicho de Goiaba, 2020.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Garante à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades. Brasília, DF: Senado Federal, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/12288.htm. Acesso em: 10 out. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm. Acesso em: 5 nov. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991**. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1991. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm. Acesso em: 5 nov. 2022.
- BRASIL. **Projeto de Lei nº 12.288 de 20 de julho de 2020**. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/12288.htm. Acesso em: 5 nov. 2022.

CAOS, S. **Como engajar as Empresas com a diversidade racial**. [S.l.:s.n.], 2018. Disponível em: https://voluntariadoempresarial.org.br/wp-content/uploads/2018/09/black_in_relatorio_completo-1.pdf. Acesso em: 5 nov. 2022.

CARDOSO, M.; VILLAÇA, L. Podcast no Brasil: disrupção de modelos de comunicação ou submissão à lógica de grupos hegemônicos de poder?. **Revista Alterjor**, v. 25, n. 1, p. 111-126, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v25i1p111-126. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/193021>. Acesso em: 4 nov. 2022.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 24 jan. 2022.

CLUBE DE CRIAÇÃO. **Potências (in)visíveis**: a realidade da mulher negra no mercado de trabalho. [S.l.:s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.clubedecriacao.com.br/ultimas/potencias-invisiveis/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Bahia, v. 7, n.1, p. 15-37, jan./abr.2018. DOI <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v7i1.24649>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330543597_Bola_de_Neve_Virtual_O_Uso_das_Redes_Sociais_Virtuais_no_Processo_de_Coleta_de_Dados_de_uma_Pesquisa_Cientifica. Acesso em: 15 nov. 2022.

GLOBO REPÓRTER. **Um debate sobre o racismo**. Reprodução do debate ocorrido no Programa “Em Pauta”, na GloboNews. [S.l.:s.n.], 5 jun. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8607371/>. Acesso em: 8 fev. 2022.

GLOBO. Maria Júlia Coutinho, a Maju, é vítima de comentários racistas no Facebook. **G1**, 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

GLOBOPLAY. **Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política**. Programa Conversa com o Bial. [S.l.:s.n.], maio 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8563377/>. Acesso em: 8 fev. 2022.

GOMES, N. L. Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. **Contemporânea**, n. 2, p. 37-60, jul.–dez. 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2021.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 1997.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, S. Que “negro” é esse na cultura popular negra? **Revista Lugar Comum**, Rio de Janeiro, UFRJ, n. 13-14, p. 147-159, jan./ago. 2001.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conheça o Brasil**. População: cor ou raça. [S.l.:s.n.], 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/>. Acesso em: 24 jun. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conheça o Brasil**. População: cor ou raça. 2018. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/>. Acesso em: 2 fev. 2022.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Repositório do conhecimento**. [S.l.:s.n.], 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10102>. Acesso em: 5 nov. 2022.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Brasília: Ministério do Planejamento Desenvolvimento e Gestão, 2014. Disponível em: https://ipea.gov.br/retrato/pdf/160706_lista_completa_tabelas_retrato_desigualdades_genero_raca_atualizada_2014.pdf. Acesso em: 5 nov. 2022.

JOUKS JOU. **A negação do Brasil**. [S.l.:s.n.], 2018. 1 vídeo (1h e 46 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EvNPhyS863o>. Acesso em: 10 out. 2022.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LENHARO, R. I.; CRISTOVÃO, V. L. L. PODCAST, PARTICIPAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 307-335, 1 mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698136859>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/fqTjw5mQ9ZLYBVCjdLDsxSm/?lang=pt>. Acesso em: 4 nov. 2022.

MAIA, C. P.; SILVA, R. J. da. Sexo e as Negas: Empoderamento ou Reforço dos Estereótipos das Mulheres Negras na Mídia. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 2, n. 1, 2016. DOI: 10.9771/cgd.v2i1.16736. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/16736>. Acesso em: 19 jul. 2022.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Tradução Laura Bocco. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOURA, C. Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo. **Afro-Ásia**, v. 14, 1983.

MOURA, F. A.; ROCHA, L. L. L. F. Memória e história: entrevista como procedimento de pesquisa em Comunicação. **Revista Comunicação Midiática**, v. 12, n. 2, p. 161-176, 2017.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 2. ed. Brasília: Fundação Palmares, 2002.

PIZA, E.; ROSEMBERG, F. Cor nos censos brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, n.40, p. 122-137, fev. 1999.

PORTAL DOS JORNALISTAS. **Perfil racial e de gênero da imprensa brasileira**. [S.l.:s.n.], 2021. Disponível em: <https://perfilracial.portaldosjornalistas.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2022.

PORTAL FIES. **Fies**. Brasília, DF: MEC, 2022. Disponível em: <http://portalfies.mec.gov.br/?pagina=home>. 4 nov. 2022.

PORTAL ÚNICO DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR. **Programa Universidade para Todos**. Brasília, DF: MEC, 2022. Disponível em: <https://acessounico.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. [S.l.]: Summus Editorial, 2000.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

SAMPAIO, E. O. Racismo institucional: desenvolvimento social e políticas públicas de caráter afirmativo no Brasil. **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, Campo Grande, v. 4, n. 6, p. 77-83, mar. 2003. Disponível em: [http://www.desenvolvimento.local.ucdb.br/Revista Interacoes6_elias_oliveira_pdf](http://www.desenvolvimento.local.ucdb.br/Revista%20Interacoes6_elias_oliveira_pdf). Acesso em: 8 nov. 2022.

SANTANA, H.; SALLES, I. Por que os negros não apresentam programas de televisão. **Revista Vaidapé**, São Paulo, 27 jun. 2017. Disponível em: <http://vaidape.com.br/2017/06/pesquisa-apresentadores-negros-na-televisao>. Acesso em: 18 fev. 2023.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 27, p. 1-20, 2020.

SILVA, D. M. F. da; FERREIRA, R. G. S. O uso do podcast na disseminação de informações étnico-raciais. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 5, n. esp., p. 109-117, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/146569>. Acesso em: 5 nov. 2022.

SILVA, T. D. População negra, educação e mudança institucional. **Revista da ABPN**, v. 11, p.163-175, abr. 2019. DOI: 10.31418/2177-2770.2019.v11.c.1.p163-175. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2fc9/70a25bb05a18251d3a4fc4a9b90199d0b8ad.pdf>. Acesso em: 8 nov 2022.

SOUSA, S. **Guia interativo**. [S.l.:s.n.], 2022. Disponível em: <https://www.podcastparaorganizacoes.info/>. Acesso em: 5 nov. 2022.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular 2008.

WILLIAMS, R. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Tradução de Márcio Serelle e Mário F. I. Viggiano. São Paulo: Boitempo, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Tabela de acompanhamento de telejornais de São Luís. Emissoras – TV Difusora e TV Mirante

Análise da visibilidade racial dos repórteres e apresentadores em telejornais de São Luís		
EMISSORA - TV DIFUSORA		
Telejornal: Bom Dia Maranhão		
DATA	JORNALISTAS NÃO NEGROS	JORNALISTAS NEGROS
25.04.2022	5	2
26.04.2022	3	2
27.04.2022	4	2
28.04.2022	3	1
29.04.2022	7	1
02.05.2022	3	3
03.05.2022	4	2
04.05.2022	6	1
05.05.2022	5	0
06.05.2022	6	0
TOTAL:	46	20
Telejornal: Jornal da Difusora 1ª edição / Hora D		
DATA	JORNALISTAS NÃO NEGROS	JORNALISTAS NEGROS
25.04.2022	3	2
26.04.2022	1	4
27.04.2022	2	3
28.04.2022	7	2
29.04.2022	3	3
02.05.2022	6	3
03.05.2022	6	1
04.05.2022	7	1
05.05.2022	2	1
06.05.2022	5	1
TOTAL:	42	21
Telejornal: Jornal da Difusora 2ª edição		
DATA	JORNALISTAS NÃO NEGROS	JORNALISTAS NEGROS
25.04.2022	4	0
26.04.2022	4	1
27.04.2022	3	2

28.04.2022	3	1
29.04.2022	3	3
02.05.2022	6	1
03.05.2022	1	1
04.05.2022	5	1
05.05.2022	5	0
06.05.2022	4	1
TOTAL:	38	11

Análise da visibilidade racial dos repórteres e apresentadores em telejornais de São Luís		
EMISSORA - TV MIRANTE		
Telejornal: Bom Dia Mirante		
DATA	JORNALISTAS NÃO NEGROS	JORNALISTAS NEGROS
25.04.2022	8	5
26.04.2022	9	3
27.04.2022	7	4
28.04.2022	9	4
29.04.2022	8	5
02.05.2022	9	5
03.05.2022	7	5
04.05.2022	9	2
05.05.2022	7	4
06.05.2022	6	5
TOTAL:	79	42
Telejornal: JMTV 1ª edição		
DATA	JORNALISTAS NÃO NEGROS	JORNALISTAS NEGROS
25.04.2022	6	3
26.04.2022	8	4
27.04.2022	7	4
28.04.2022	9	2
29.04.2022	9	4
02.05.2022	8	5
03.05.2022	6	4
04.05.2022	8	5
05.05.2022	8	4
06.05.2022	9	4
TOTAL:	78	39
Telejornal: JMTV 2ª edição		
DATA	JORNALISTAS NÃO NEGROS	JORNALISTAS NEGROS
25.04.2022	8	3
26.04.2022	6	5
27.04.2022	7	4
28.04.2022	9	4
29.04.2022	6	5
02.05.2022	7	3
03.05.2022	8	4

04.05.2022	8	5
05.05.2022	8	3
06.05.2022	9	5
TOTAL:	76	41

APÊNDICE B - Declaração de pesquisa para mapeamento dos profissionais negros (repórteres e apresentadores) nas emissoras de TV de São Luís



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – MESTRADO
PROFISSIONAL

DECLARAÇÃO

Eu, Flávia de Almeida Moura, professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Mestrado Profissional, SIAPE 1702717, declaro para os devidos fins que Jesilene Corrêa e Silva Coêlho, Matrícula UFMA 202111312, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Mestrado Profissional da Universidade Federal do Maranhão está desenvolvendo a pesquisa intitulada “A COR DA MÍDIA: visibilidade e representação negra no telejornalismo ludovicense” sob a minha orientação.

A pesquisa é voltada ao estudo da visibilidade e da representação negra no jornalismo televisivo, sobretudo em telejornais ludovicenses. Tem como objetivo compreender como se dá a visibilidade dos comunicadores negros na mídia televisiva ludovicense e, a partir disso, construir um produto que atenda às necessidades desse grupo e promova reflexões.

Para a coleta de dados, a pesquisa visa o mapeamento dos profissionais negros (repórteres e apresentadores) nas emissoras de TV de São Luís. Desse modo, contamos com a colaboração das mesmas para a cessão de dados sobre o perfil dos seus funcionários para fins exclusivos da pesquisa, de acordo com as normas éticas que regem o desenvolvimento do trabalho científico no âmbito universitário.

Sem mais,

FLAVIA DE ALMEIDA MOURA

Professora UFMA/SIAPE 1702717

Coordenadora do projeto de pesquisa

São Luís, 19 de abril de 2022.

APÊNDICE C – Questionário aplicado à jornalistas de São Luís via link do Google Forms

Questões Raciais no Mercado de Trabalho Jornalístico em São Luís/MA

Este formulário é destinado aos jornalistas que atuam em São Luís/MA, e parte de uma pesquisa desenvolvida pelo Mestrado Profissional em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).
Visa entender como se dão as relações raciais no mercado de trabalho jornalístico, e também, como acontece a representação negra nos veículos midiáticos. Sinta-se à vontade para contribuir conosco!

E-mail *

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

Dados Pessoais

Descrição (opcional)

Qual sua idade? *

☐ 18 a 25 anos

☐ 26 a 35 anos

☐ 36 a 45 anos

☐ mais de 45 anos

Qual sua cor/raça? *

☐ Preta

☐ Parda

☐ Amarela

☐ Branca

☐ Outros...

Qual sua identidade de gênero? *

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Transgênero

☐ Não-Binário

☐ Outros...

Escolaridade *

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Técnico

☐ Ensino Superior

☐ Especialista

☐ Mestre (a)

☐ Doutor (a)

Dados Profissionais

Descrição (opcional)

Como ingressou no mercado jornalístico? *

☐ Graduação em Jornalismo

☐ Graduação em outra área da Comunicação/ área afim

☐ Sem formação acadêmica

☐ Outros...

Se assinalou que tem "graduação em outra área da comunicação/ área afim", qual o curso de formação?

Texto de resposta curta

Trabalha em mais de um emprego? *

☐ Sim

☐ Não

Caso tenha respondido afirmativamente, ambos os trabalhos são na área da comunicação?

☐ Sim

☐ Não

Empresa(s) em que atua: *

☐ TV

☐ Rádio

☐ Portal/Web/Social Media

☐ Assessoria de Comunicação/ Imprensa

☐ Outros...

Caso tenha assinalado TV, qual função desempenha?

- ☐ Produtor (a) / Redator (a)
- ☐ Repórter
- ☐ Apresentador (a)
- ☐ Editor (a)
- ☐ Repórter Fotográfico
- ☐ Cinegrafista
- ☐ Outros...

Há quanto tempo trabalha no mercado de trabalho jornalístico? *

- ☐ Menos de 1 ano
- ☐ Entre 1 e 5 anos
- ☐ Entre 6 a 10 anos
- ☐ Mais de 10 anos

Qual a sua carga horária semanal de trabalho? *

- ☐ 20 horas
- ☐ 30 horas
- ☐ 40 horas
- ☐ Mais de 40 horas
- ☐ Sem carga horária fixa

Já ocupou cargo de chefia? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, qual foi o cargo?

Texto de resposta curta

Há um número considerável de pessoas negras no setor em que você trabalha? *

- ☐ Não há nenhuma pessoa negra

- ☐ Apenas 1 pessoa negra
- ☐ Mais de duas pessoas negras, porém é muito pouco em relação às pessoas brancas
- ☐ Número igual ao de pessoas brancas
- ☐ Número superior ao de pessoas brancas

Alguma pessoa negra ocupa cargo de chefia em seu local de trabalho atualmente? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Na sua percepção, os cargos de chefia no mercado de trabalho jornalístico da sua cidade são mais ocupados por pessoas brancas? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Você considera que seu local de trabalho dá abertura para a produção de pautas focadas em questões raciais? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Às vezes
- ☐ Não sei

Considerando que o Maranhão possui mais da metade de pessoas pretas ou pardas, você avalia o mercado de trabalho jornalístico desigual em termos raciais? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez
- ☐ Não sei
- ☐ Opção 5

Você considera que as pessoas negras são bem representadas pelos veículos de comunicação da cidade? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Na sua opinião, onde os negros mais aparecem nos telejornais? *

- ☐ Aparecem mais em vt's policiais
- ☐ Aparecem mais em vt's folclóricos ou religiosos
- ☐ Aparecem mais como especialistas de algum assunto
- ☐ Aparecem mais como jornalistas
- ☐ Outros...

Você considera que há um número de repórteres/apresentadores negros suficiente nas telas dos telejornais maranhenses? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Após a seção 1 Continuar para a próxima seção ▼

Seção 2 de 2

Pretos(as) ou Pardos(as) - Experiência com a discriminação racial



Nesta seção respondem apenas os participantes que assinalaram as opções de cor/raça preta ou parda. Caso não preencha esta seção, favor avançar para o final do formulário.

Caso você tenha assinalado sua cor/raça como preta ou parda, responda: você já sofreu algum tipo de discriminação racial no ambiente de trabalho?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei
- ☐ Não me considero negro (a), portanto prefiro não responder

Em caso afirmativo, de onde a discriminação partiu?

- ☐ Colega de Trabalho
- ☐ Chefia
- ☐ Fonte/Entrevistado
- ☐ Outros...

Caso você tenha assinalado sua cor/raça como preta ou parda, responda: já houve algum tipo de sugestão para que você mudasse algo em sua aparência pelo fato de ser negro (a)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, explique como foi:

Texto de resposta longa

Tem interesse/disponibilidade de participar de etapas futuras desta pesquisa?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, por favor digite abaixo o seu contato de whatsapp (com DDD):

Texto de resposta curta

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para participantes do Podcast “Negro, Pauta e Tela”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A presente pesquisa, sob o título: **“A COR DA MÍDIA: análise da visibilidade dos telejornalistas negros em São Luís/MA”**, realizada em 2022, no âmbito do Mestrado Profissional em Comunicação, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus São Luís, sob a orientação da professora doutora Flávia de Almeida Moura, terá como procedimento metodológico a pesquisa de campo com entrevistas individuais. A pesquisa tem como objetivo o estudo a presença de jornalistas (âncoras e repórteres) negros nos telejornais de São Luís, como também evidenciar a necessidade de equidade racial no contexto estudado.

O resultado do estudo será apresentado como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação pela UFMA, que também terá sua utilização para criação de um produto temático. Em concordância com a pesquisadora, o(a) entrevistado(a) autoriza a gravação do depoimento em áudio e/ou vídeo e, posteriormente, a publicação do conteúdo. Fica assegurada ao entrevistado a possibilidade de manter contato com a pesquisadora responsável pelos dados, para esclarecimentos necessários. Para isso, os dados de contato são: Jesilene Corrêa e Silva Coêlho. Rua D, nº. 5, Planalto Anil II – (98) 988619737 - jesilene.correa@discente.ufma.br.

Desse modo, o (a) entrevistado (a) subscreve o formulário abaixo autorizando o uso de seus relatos no referido trabalho acadêmico.

Eu, _____, carteira
de identidade nº _____, endereço

_____,
telefone _____, venho, por meio deste, comprovar minha participação voluntária na pesquisa realizada pela mestrandia Jesilene Corrêa e Silva Coêlho, da Universidade Federal do Maranhão, intitulada **“A COR DA MÍDIA: análise da visibilidade dos telejornalistas negros em São Luís/MA”**. Estou ciente de que responderei as entrevistas de maneira voluntária e verídica, no que tange a finalidade desta pesquisa. Estou ciente, também, que posso deixar de responder qualquer pergunta sem que nenhuma implicação recaia sobre mim, além de concordar, para fins científicos, com a utilização das informações obtidas nesse estudo.

Assinatura

São Luís, MA

_____/_____/_____

APÊNDICE E – Questionário aplicado aos graduandos dos cursos de Comunicação de São Luís via link do Google Forms

VISIBILIDADE NEGRA NOS TELEJORNAIS DE SÃO LUÍS - FORMULÁRIO PARA DISCENTES DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Este formulário é destinado aos estudantes de Jornalismo das IES de São Luís/MA. Faz parte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), visando entender como se dão as relações raciais no mercado de trabalho jornalístico, e também, como acontece a representação negra nos veículos midiáticos da capital maranhense, pela ótica dos discentes. Sinta-se à vontade para contribuir conosco!

Nome *

Texto de resposta curta

E-mail *

Texto de resposta curta

Qual sua idade? *

☐ menos de 18 anos

☐ 18 a 30 anos

☐ 31 a 45 anos

☐ Mais de 45 anos

Qual sua identidade de gênero? *

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Transgênero

☐ Não-binário

Qual sua cor/raça? *

☐ Preta

☐ Parda

☐ Amarela

☐ Branca

Qual a sua Instituição de Ensino Superior (IES)?

Digite seu texto aqui.

Qual habilitação do curso de Comunicação Social você cursa? *

☐ Jornalismo

☐ Rádio e TV

☐ Relações Públicas

☐ Publicidade e Propaganda

☐ Outros...

Em qual período você está? *

☐ 1º Período

☐ 2º Período

☐ 3º Período

☐ 4º Período

☐ 5º Período

☐ 6º Período

☐ 7º Período

☐ 8º Período

☐ Outros...

Ingressou na IES por algum sistema de cotas? Se sim, qual?

Texto de resposta curta

Você já trabalha no campo jornalístico local? *

- ☐ Somente estudo
- ☐ Sou estagiário
- ☐ Sim, já estou no mercado de trabalho há algum tempo

Se já está no mercado de trabalho jornalístico, em qual área atua?

- ☐ Jornal Impresso
- ☐ TV
- ☐ Rádio
- ☐ Portal/Web/Social Media
- ☐ Assessoria de Comunicação/Imprensa
- ☐ Outros...

Você considera que sua IES possui um ambiente plural em termos raciais? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não Sei

Há um número considerável de pessoas negras na sua sala de aula? *

- ☐ Não há nenhuma pessoa negra
- ☐ Apenas 1 pessoa negra
- ☐ Mais de duas pessoas negras, porém é muito pouco em relação às pessoas brancas
- ☐ Número igual ao de pessoas brancas
- ☐ Número superior ao de pessoas brancas

Qual a composição racial dos docentes do seu curso? *

- ☐ Não há nenhuma pessoa negra
- ☐ Apenas 1 pessoa negra

- ☐ Mais de duas pessoas negras, porém é muito pouco em relação às pessoas brancas
- ☐ Número igual ao de pessoas brancas
- ☐ Número de negros é superior ao de pessoas brancas

Já presenciou alguma atitude racista no universo acadêmico? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não Sei

Em caso afirmativo, o que aconteceu?

Texto de resposta longa

Considerando que o Maranhão possui mais da metade de pessoas pretas ou pardas, você avalia o mercado de trabalho jornalístico desigual em termos raciais? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez
- ☐ Não sei

Você costuma assistir os telejornais de São Luís? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Você considera que há um número de repórteres/apresentadores negros suficiente nas telas dos telejornais locais? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Você considera que há um número de repórteres/apresentadores negros suficiente nas telas * dos telejornais locais?

☐ Sim

☐ Não

Na sua opinião, onde os negros mais aparecem nos telejornais locais? *

☐ Aparecem mais em vt's policiais

☐ Aparecem mais em vt's folclóricos ou religiosos

☐ Aparecem mais como especialistas de algum assunto

☐ Aparecem mais como repórteres/âncoras

☐ Outros...

Você acha que as pessoas negras são bem representadas pelos veículos de comunicação da * cidade?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não Sei

Você já discutiu em sala a temática do racismo e visibilidade negra no jornalismo? *

☐ Sim

☐ Não

Considera necessário que se fale mais sobre isso no seu curso de graduação? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Não Sei

Tem interesse em participar de uma palestra ou mesa de debate sobre o assunto? *

☐ Sim

☐ Não

Em caso afirmativo, por favor digite abaixo o seu contato de whatsapp (com DDD): *

Texto de resposta curta

.....

APÊNDICE F – Formulário de inscrição para a Roda de Conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local com graduandos(as) dos cursos de Comunicação

Formulário de Inscrição - Roda de Conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local (evento on-line)

Olá, discente! É um alegria saber de seu interesse em participar da roda de conversa sobre a temática da visibilidade negra no telejornalismo local.

Lembrando que o evento ocorrerá no dia 21 de junho (quarta-feira), às 20h. Para confirmar sua participação, por favor preencha o formulário abaixo.



*** Indica uma pergunta obrigatória**

Enviar por e-mail *

☐

Nome Completo *

Sua resposta

Instituição de Ensino Superior em que estuda *

Sua resposta

Curso *

☐ Jornalismo

☐ Rádio e TV

☐ Relações Públicas

☐ Publicidade e Propaganda

Confirme abaixo o e-mail para acesso à plataforma Google Meet: *

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

APÊNDICE G – Roteiro de perguntas da roda de conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local com graduandos(as) dos cursos de Comunicação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - MESTRADO PROFISSIONAL
DISCENTE: JESILENE CORRÊA E SILVA COELHO
ORIENTADORA: PROFA. DRA. FLÁVIA DE ALMEIDA MOURA

Roteiro - roda de conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local
Data 21 de junho, 20h

1. *Apresentação da facilitadora, da orientadora e da pesquisa desenvolvida*
 2. *Rápida contextualização sobre a temática e os objetivos desenvolvidos (apresentação de alguns dados)*
 3. *Debate: Discussão sobre as causas e consequências da falta de representatividade negra na TV. (cinema, novelas, entretenimento, jornais e demais programas televisivos)*
 - Qual a importância da participação de profissionais negros na TV?
 - Onde eles se encontram na TV? (Quais novelas, séries, programas de entretenimento possuem sujeitos negros em sua linha de frente? Acha proporcional a presença negra e branca?)
 - Como vocês enxergam o telejornalismo maranhense e ludovicense em questões de raça?
 - Quais são os repórteres e apresentadores negros que possuem destaque na TV ludovicense? Há representatividade?
 - Acha que o espaço ocupado pelos telejornalistas negros afeta na percepção sobre a população local?
 - Como podemos aumentar a visibilidade dos telejornalistas negros em São Luís/MA?
- Nota: caso o debate não ocorra com fluidez, fazer alguns comentários ou outras provocações para que possam interagir mais.*
4. *Conclusão: síntese das ideias discutidas, agradecimentos e encerramento (falas da facilitadora e da orientadora).*

APÊNDICE H - Imagem do Convite para a “Roda de Conversa sobre visibilidade negra no telejornalismo local” com estudantes de Graduação em Comunicação

21/06
quarta-feira
20H



**RODA DE CONVERSA
(ON-LINE)**

VAMOS DEBATER SOBRE:

**"VISIBILIDADE
NEGRA NO
TELEJORNALISMO
LOCAL"**

O evento faz parte da pesquisa que estuda a temática da visibilidade aplicada aos telejornalistas negros(as) de São Luís/MA, sendo realizada pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

***PARA PARTICIPAR É
NECESSÁRIO PREENCHER O
FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO.
LINK ABAIXO:**

<https://forms.gle/Xrgof115YkZ1Bout8>

TE AGUARDAMOS LÁ!

APÊNDICE I - Termo de Autorização de Uso de Obras – Direitos Autorais – para música utilizada no podcast



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE OBRAS - DIREITOS AUTORAIS -

Eu, abaixo assinado, _____ (nome completo),
_____, (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão),
portador(a) da Cédula de Identidade n.º _____, inscrito(a) no CPF/MF sob n.º _____,
e-mail _____ residente e domiciliado(a) na
Rua _____ (endereço completo),
considerando os direitos assegurados aos autores de obras literárias, artísticas e científicas
insculpidos nos incisos XXVII e XXVIII do art. 5º da Constituição Federal, bem como nos termos da
Lei Federal n.º 9.610/98 e dos Decretos n.º 57.125/65 e n.º 75.699/75, pelo presente termo e sob
as penas da lei declaro e reconheço ser o único titular dos direitos morais e patrimoniais
de autor da obra _____ (música, texto, fotografia, gravura etc.),
intitulada _____ (denominação completa) e por conseguinte
AUTORIZO a utilização e/ou exploração da mencionada obra por parte do Programa de Pós-
Graduação em Comunicação – modalidade profissional – da Universidade Federal do Maranhão,
com sede na Cidade Universitária Dom Delgado, Av. dos Portugueses, 1966 – Bacanga, CEP:
65080-805, especialmente no produto final, fruto da pesquisa de mestrado de Jesilene Corrêa e
Silva Coêlho, CPF: 021.615.183-05, residente e domiciliada na rua
D, Quadra 11, Casa 05 Planalto Anil II; sob orientação da professora doutora Flávia de Almeida
Moura, CPF: _____, residente e domiciliada
_____.

A presente autorização é concedida a título gratuito, para uso sem tempo determinado em
território nacional e internacional, para o podcast "Negro, Pauta & Tela", produzido por Jesilene
Corrêa e Silva Coêlho como parte da pesquisa "A COR DA MÍDIA: análise da visibilidade dos
telejornalistas negros em São Luís/MA", de forma irrestrita e contemplando, dentre outros meios:
a reprodução parcial ou integral; edição, adaptação, transformação, utilização direta ou indireta,
mediante execução musical; e em seus respectivos formatos de distribuição e demais
desdobramentos possíveis.

Por ser expressão de minha livre e espontânea vontade firmo este termo em 02 (duas) vias
de igual teor e forma sem que nada haja, no presente ou no futuro, a ser reclamado a título de
direitos autorais, conexos ou qualquer outro.

_____, de _____ de _____.

Autor da autorização (assinatura): _____

APÊNDICE J - Roteiro do primeiro episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”

ROTEIRO 1 EPISÓDIO “RACISMO NO BRASIL”

TEC – RODA VINHETA ABERTURA

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): OLÁ, OUVINTES! BEM-VINDOS AO PODCAST NEGRO, PAUTA E TELA. AQUI, A PROPOSTA É TRAZER DISCUSSÕES RELACIONADAS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E ÀS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO, FOCANDO DE MANEIRA ESPECIAL NO QUE DIZ RESPEITO AO TELEJORNALISMO NO CENÁRIO REGIONAL.

EU SOU JESILENE CORRÊA. A TODOS QUE NOS OUVEM: SOU UMA MULHER DE PELE NEGRA, TENHO 1.63 DE ALTURA, OLHOS CASTANHOS ESCUROS E CABELOS CACHEADOS COM MECHAS DOURADAS, NA ALTURA DOS OMBROS.

PARA COMEÇAR, NESTE PRIMEIRO EPISÓDIO VAMOS FALAR SOBRE O RACISMO NO BRASIL, UM PROBLEMA HISTÓRICO E ESTRUTURAL QUE AFETA MILHÕES DE PESSOAS NEGRAS NO PAÍS. VAMOS APRENDER CONCEITOS, ANALISAR DADOS E FATOS SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL, ALÉM DE SUGERIR FORMAS DE COMBATER ESSE MAL QUE CORRÓI A NOSSA DEMOCRACIA! FIQUE LIGADO E REFLITA COM A GENTE!

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): O BRASIL É UM PAÍS MARCADO PELA DIVERSIDADE ÉTNICA E CULTURAL, FRUTO DA MISCIGENAÇÃO ENTRE VÁRIOS POVOS, DENTRE ELES, O POVO NEGRO. NO ENTANTO, ESSA DIVERSIDADE NÃO SE TRADUZ EM IGUALDADE DE OPORTUNIDADES E DE DIREITOS PARA TODOS OS SEUS CIDADÃOS.

O RACISMO É UMA FORMA DE DISCRIMINAÇÃO BASEADA NA IDEIA DE QUE EXISTEM RAÇAS HUMANAS SUPERIORES E INFERIORES, E QUE AS PESSOAS DEVEM SER TRATADAS DE FORMA DIFERENTE POR CAUSA DA COR DA SUA PELE, DA SUA ORIGEM ÉTNICA OU DA SUA CULTURA.

O BRASIL TEM UMA ORIGEM HISTÓRICA LIGADA À ESCRAVIDÃO DOS POVOS AFRICANOS TRAZIDOS PARA CÁ PELOS COLONIZADORES PORTUGUESES, E DUROU MAIS DE 300 ANOS. E A ESCRAVIDÃO DEIXOU MARCAS PROFUNDAS NA SOCIEDADE. MESMO APÓS A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO EM 1888, OS NEGROS CONTINUARAM

SENDO MARGINALIZADOS E EXCLUÍDOS DOS DIREITOS BÁSICOS DE CIDADANIA, COMO EDUCAÇÃO, SAÚDE, MORADIA E TRABALHO.

LOC (HOST – JESILENE): ELES FORAM ABANDONADOS À PRÓPRIA SORTE, SEM TERRA, SEM TRABALHO, SEM EDUCAÇÃO. ELES FORAM ESTIGMATIZADOS PELA SOCIEDADE BRANCA QUE CONTINUOU A DOMINAR O PODER POLÍTICO E ECONÔMICO DO PAÍS. ELES FORAM ALVO DE VIOLÊNCIA E PRECONCEITO QUE PERSISTEM ATÉ HOJE.

SOBRE ESSE CONTEXTO, CONVERSAMOS COM A PROFESSORA SOCORRO GUTERRES, SECRETÁRIA ADJUNTA DA SECRETARIA DE ESTADO DE IGUALDADE RACIAL DO MARANHÃO, PARA SABERMOS QUAIS AS MARCAS DESSE PASSADO DE ESCRAVIDÃO QUE AINDA ESTÃO PRESENTES NA SOCIEDADE. VAMOS OUVIR:

TEC – INSERIR SONORAS 1 - SOCORRO GUTERRES

00:00 A 01:12 / - “Essa população escravizada...”

LOC (HOST – JESILENE): NA SOCIEDADE ATUAL, EXISTEM VÁRIAS FORMAS DE MANIFESTAR O RACISMO, DENTRE ELES O INDIVIDUAL, O INSTITUCIONAL E O ESTRUTURAL. NA OPINIÃO DE SOCORRO GUTERRES, TODAS ESSAS PRÁTICAS SÃO NOCIVAS, PORÉM UMA SE DESTACA EM MAIOR GRAU. VAMOS SABER:

TEC – INSERIR SONORA 2 - SOCORRO GUTERRES

00:00 A 01:34 – “De fato, o racismo está presente na sociedade...”

LOC (HOST – JESILENE): FALEMOS ENTÃO DE ALGUNS DADOS E FATOS QUE MOSTRAM COMO O RACISMO SE REFLETE NAS DESIGUALDADES SOCIAIS E ECONÔMICAS ENTRE BRANCOS E NEGROS NO BRASIL.

DE ACORDO COM O IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA), EM 2019, OS NEGROS REPRESENTAVAM 56% DA POPULAÇÃO BRASILEIRA, MAS TAMBÉM ERAM 75% DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO, 66% DOS DESEMPREGADOS E 64% DOS POBRES.

ALÉM DISSO, OS NEGROS GANHAVAM EM MÉDIA 57% DO SALÁRIO DOS BRANCOS E TINHAM UMA EXPECTATIVA DE VIDA SEIS ANOS MENOR. ESSES NÚMEROS REVELAM COMO O RACISMO ESTRUTURA AS RELAÇÕES SOCIAIS E IMPEDE QUE OS NEGROS TENHAM AS MESMAS OPORTUNIDADES E DIREITOS QUE OS BRANCOS.

PARA COMENTAR ESSA QUESTÃO, CONVIDAMOS A PROFESSORA E JORNALISTA LEILA SOUSA, DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFMA EM IMPERATRIZ. JUNTO A SEUS ALUNOS E ALUNAS, A PROFESSORA LEILA DESENVOLVE,

NO NÚCLEO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR MARIA FIRMINA DOS REIS, ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA RACIAL E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR CAUSA DO RACISMO. VAMOS OUVIR O QUE ELA TEM A NOS DIZER:

TEC – INSERIR SONORA 3 - LEILA SOUSA

00:01 A 02:55 – “A população negra ela é mais vulnerável...”

LOC (HOST – JESILENE): CIDA BENTO TRAZ EM SEU LIVRO CHAMADO “O PACTO DA BRANQUITUDE” UMA SITUAÇÃO OCORRIDA COM O COLEGUINHA DE COR BRANCA DE SEU FILHO. O MENINO, AO VER UM GAROTO NEGRO LIMPANDO O PARA-BRISA DE UM CARRO, LOGO O CHAMOU DE DESCENDENTE DE ESCRAVO. DEPOIS DISSO, SEU FILHO COMEÇOU A VER OS NEGROS DE MANEIRA MUITO NEGATIVA, INCLUINDO A SI PRÓPRIO.

ESSE FATO TRAZ UMA REFLEXÃO DO QUANTO ESSA CONCEPÇÃO DE “DOMINAÇÃO RACIAL” AINDA É DISSEMINADA EM VÁRIOS ÂMBITOS, COMO O SOCIAL E O ECONÔMICO, MESMO QUE NÃO SEJA DIRETAMENTE DOUTRINADA. SOBRE O EXEMPLO, A PROFESSORA LEILA COMENTA:

TEC – INSERIR SONORA 4 - LEILA SOUSA

01:00 A 02:46 – “Bom, nesse aspecto sobre a superioridade racial...”

LOC (HOST – JESILENE): TAMBÉM CONVERSAMOS COM ERONILDE CUNHA, MAIS CONHECIDA COMO ERÓ CUNHA, PROFESSORA, COORDENADORA DE EDUCAÇÃO DA IGUALDADE RACIAL DE IMPERATRIZ E ATIVISTA DO MOVIMENTO NEGRO DE IMPERATRIZ, QUE CONTOU PRA GENTE SOBRE ALGUMAS SITUAÇÕES DISCRIMINATÓRIAS VIVIDAS NOS AMBIENTES QUE OCUPA, PRINCIPALMENTE NO AMBIENTE ESCOLAR.

UM DOS CASOS QUE MAIS LHE MARCOU ENVOLVE NÃO SÓ QUESTÕES DE RAÇA, MAS TAMBÉM DE CLASSE SOCIAL. A HISTÓRIA É DE UM MENINO NEGRO BOLSISTA, FILHO DA FAXINEIRA DA ESCOLA. VAMOS ACOMPANHAR:

TEC – INSERIR SONORA 5 - ERONILDE CUNHA

01:47 A 02:00 – “Esse garoto...ele era negro, pele retinta...”

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERISTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): SABEMOS QUE NÃO HÁ UMA SOLUÇÃO MÁGICA PARA ESSE PROBLEMA COMPLEXO E ENRAIZADO NA SOCIEDADE, MAS HÁ ALGUMAS

ações que podem contribuir para a conscientização e a transformação da realidade. Uma delas é a educação antirracista, que visa ensinar as crianças e os jovens sobre a diversidade cultural e étnica do Brasil, valorizando as contribuições dos povos negros para a nossa história e cultura. Sobre isso, vamos ouvir mais uma vez a professora Leila Sousa.

TEC – INSERIR SONORA 7 - LEILA SOUSA

00:00 A 01:57 – “Eu acho que a educação antirracista...”

LOC (HOST – JESILENE): ALÉM DISSO, É IMPORTANTE APOIAR INICIATIVAS QUE PROMOVAM A INCLUSÃO E A REPRESENTATIVIDADE DOS NEGROS EM DIFERENTES ESPAÇOS DE PODER E DECISÃO, COMO A POLÍTICA, A MÍDIA, A ARTE E A CIÊNCIA.

PARA FINALIZAR NOSSO EPISÓDIO, TRAZEMOS O COMENTÁRIO DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA, JORNALISTA E DOUTORA EM COMUNICAÇÃO. VAMOS ESCUTAR O QUE ELA TEM PRA DIZER A RESPEITO DE TUDO QUE FOI DEBATIDO:

TEC – INSERIR SONORA 8 – FLÁVIA MOURA

00:00 A 02:00 – “O trabalho de Jesilene traz à tona...”

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): ESSE FOI O PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODCAST “NEGRO, PAUTA E TELA”, QUE DISCUTE TEMAS RELACIONADOS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E AS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO NO ESTADO DO MARANHÃO.

FALAMOS SOBRE O RACISMO NO BRASIL, UM PROBLEMA HISTÓRICO E ESTRUTURAL QUE AFETA MILHÕES DE PESSOAS NEGRAS NO PAÍS. VIMOS O QUE É RACISMO, COMO ELE SE MANIFESTA, QUAIS SÃO AS SUAS CONSEQUÊNCIAS E COMO PODEMOS COMBATÊ-LO.

ESTE TRABALHO É FRUTO DA PESQUISA DE MESTRADO “A COR DA MÍDIA: ANÁLISE DA VISIBILIDADE DOS TELEJORNALISTAS NEGROS DE SÃO LUÍS/MA”, DEFENDIDO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – MODALIDADE PROFISSIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, REALIZADA POR ESTA APRESENTADORA, EU, JESILENE CORRÊA, SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA.

A MÚSICA QUE VOCÊ ESTÁ OUVINDO É “A COR DA PELE”, DE CHICO NÔ, CEDIDA A ESTE PODCAST”.

ESPERAMOS QUE VOCÊ TENHA GOSTADO E APRENDIDO COM ESTE EPISÓDIO. AGRADECEMOS A SUA ATENÇÃO E TE CONVIDAMOS A CONTINUAR NOS ACOMPANHANDO. UM ABRAÇO E ATÉ A PRÓXIMA!

APÊNDICE K - Roteiro do segundo episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”

ROTEIRO 2º EPISÓDIO “O NEGRO NO ENSINO SUPERIOR”

TEC – RODA VINHETA ABERTURA

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): OLÁ, OUVINTES! BEM-VINDOS AO PODCAST NEGRO, PAUTA E TELA. ESTE PODCAST É RESULTADO DE UMA PESQUISA QUE FAZ PARTE DO MESTRADO PROFISSIONAL EM COMUNICAÇÃO, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. AQUI, A PROPOSTA É TRAZER DISCUSSÕES RELACIONADAS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E ÀS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO, TRABALHANDO DE MANEIRA ESPECIAL NO QUE DIZ RESPEITO AO CENÁRIO REGIONAL.

EU SOU JESILENE CORRÊA, APRESENTADORA DESTE PODCAST. A TODOS QUE NOS OUVEM: SOU UMA MULHER DE PELE NEGRA, TENHO 1,63 DE ALTURA, OLHOS CASTANHOS ESCUROS E CABELOS CACHEADOS ESCUROS COM MECHAS DOURADAS, NA ALTURA DOS OMBROS.

NESTE SEGUNDO EPISÓDIO, VAMOS APRESENTAR UM PANORAMA DA SITUAÇÃO DOS NEGROS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO, DESTACANDO OS DADOS ESTATÍSTICOS, OS DEPOIMENTOS DE ESTUDANTES E PROFESSORES, OS PROJETOS E INICIATIVAS DE APOIO E DE RESISTÊNCIA, OS IMPACTOS E OS DESAFIOS DESSA REALIDADE. PARA ISSO, UTILIZAMOS COMO FONTES AS PESQUISAS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), DO INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP) E DO SITE QUERO BOLSA. FIQUE ATENTO E REFLITA COM A GENTE!

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERISTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): VIVEMOS EM UM PAÍS MARCADO POR PROFUNDAS DESIGUALDADES RACIAIS, QUE SE REFLETEM EM DIVERSOS ASPECTOS DA VIDA SOCIAL, ECONÔMICA, POLÍTICA E CULTURAL E EDUCACIONAL. UM DESSES ASPECTOS É O ACESSO E A PERMANÊNCIA DOS NEGROS (PRETOS E PARDOS) NO ENSINO SUPERIOR, QUE HISTORICAMENTE FOI NEGADO OU DIFICULTADO A ESSA PARCELA DA POPULAÇÃO.

NO ENTANTO, NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, HOUE AVANÇOS SIGNIFICATIVOS NESSE CAMPO, GRAÇAS À LUTA DO MOVIMENTO NEGRO E À IMPLEMENTAÇÃO DE

POLÍTICAS PÚBLICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA. MAS, AINDA HÁ OBSTÁCULOS A SEREM VENCIDOS.

LOC (HOST – JESILENE): VAMOS COMEÇAR PELOS NÚMEROS DA INCLUSÃO RACIAL NO ENSINO SUPERIOR. SEGUNDO O CENSO DEMOGRÁFICO DE 2010, O BRASIL TEM UMA POPULAÇÃO DE 190,7 MILHÕES DE HABITANTES, SENDO QUE 56% SE DECLARAM NEGROS (PRETOS OU PARDOS). NO ENTANTO, ESSA PROPORÇÃO NÃO SE REFLETIA NA COMPOSIÇÃO DO ENSINO SUPERIOR. DE ACORDO COM O CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DE 2019, O BRASIL TINHA 8,4 MILHÕES DE ESTUDANTES MATRICULADOS EM CURSOS PRESENCIAIS OU A DISTÂNCIA DE GRADUAÇÃO, SENDO QUE 38% SE DECLARARAM NEGROS (PRETOS OU PARDOS). ISSO SIGNIFICA QUE HÁ UMA SUB-REPRESENTAÇÃO DOS NEGROS NO ENSINO SUPERIOR EM RELAÇÃO À SUA PARTICIPAÇÃO NA POPULAÇÃO TOTAL.

NO ENTANTO, ESSE CENÁRIO VEM MUDANDO NOS ÚLTIMOS ANOS. SEGUNDO O SITE QUERO BOLSA, QUE REÚNE DADOS SOBRE BOLSAS DE ESTUDO E FINANCIAMENTO ESTUDANTIL, O NÚMERO DE ALUNOS NEGROS NO ENSINO SUPERIOR CRESCEU QUASE 400%, ENTRE 2010 E 2019, PASSANDO DE 1 MILHÃO PARA 3,2 MILHÕES. EM 2018, PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA, OS NEGROS FORAM MAIORIA (50,3%) NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR. ESSES AVANÇOS SÃO FRUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS COMO A LEI FEDERAL DE COTAS (LEI Nº 12.711/2012), QUE RESERVA 50% DAS VAGAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS E INSTITUTOS FEDERAIS PARA ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS, COM CRITÉRIOS DE RENDA E RAÇA.

CONVERSAMOS COM... (INSERIR NOME - PROFESSOR ESPECIALISTA/MESTRE EM EDUCAÇÃO)

TEC – INSERIR SONORA 01 ENTREVISTADO 01 - PROFESSOR ESPECIALISTA/MESTRE EM EDUCAÇÃO) (A SER COLETADO)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO ÁUDIO

LOC (HOST – JESILENE): A LEI FEDERAL DE COTAS FOI APROVADA EM 2012, APÓS UMA LONGA TRAJETÓRIA DE REIVINDICAÇÕES DO MOVIMENTO NEGRO E DE EXPERIÊNCIAS PIONEIRAS EM ALGUMAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS. A LEI DETERMINA QUE AS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DEVEM RESERVAR PELO MENOS 12,5% DAS VAGAS PARA COTISTAS EM CADA PROCESSO SELETIVO E ATINGIR A PROPORÇÃO DE 50% EM QUATRO ANOS. ALÉM DISSO, A LEI ESTABELECE QUE AS VAGAS RESERVADAS DEVEM SER DISTRIBUÍDAS ENTRE OS CANDIDATOS AUTODECLARADOS PRETOS, PARDOS OU INDÍGENAS (PPI) EM PROPORÇÃO IGUAL À

SUA REPRESENTAÇÃO NA POPULAÇÃO DO ESTADO ONDE ESTÁ LOCALIZADA A INSTITUIÇÃO. SERÁ QUE ISSO ACONTECE MESMO AQUI NO MARANHÃO?

CONVERSAMOS COM O PROFESSOR DOUTOR LEONARDO SILVA SOARES, PRÓ-REITOR DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, PARA SABER COMO ESTÁ SENDO APLICADA A LEI NA INSTITUIÇÃO. (OBS: SE NÃO FOR ELE, PODE SER ALGUM OUTRO REPRESENTANTE DA PRÓ-REITORIA)

TEC – INSERIR SONORA 02 ENTREVISTADO 2 - PRÓ-REITORIA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL (A SER COLETADO)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO AUDIO

LOC (HOST – JESILENE): MESMO COM OS DADOS APRESENTANDO UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES NEGROS NO ENSINO SUPERIOR, OUTRO PONTO TAMBÉM PRECISA SER LEVADO EM CONSIDERAÇÃO. COMO ESSA COMUNIDADE ESTÁ SENDO RECEBIDA NAS INSTITUIÇÕES? E QUANTO A PERMANÊNCIA DESSES ESTUDANTES, QUAL A REALIDADE LOCAL?

TEC – INSERIR SONORA 03 ENTREVISTADO 2 - PRÓ-REITORIA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL (A SER COLETADO)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO AUDIO

LOC (HOST – JESILENE): PROGRAMAS COMO O PROUNI E O FIES TAMBÉM FORAM E SÃO DE GRANDE AUXÍLIO PARA O INGRESSO DE ESTUDANTES DE BAIXA RENDA NAS IES DA REDE PRIVADA. LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO QUE A POPULAÇÃO NEGRA ESTÁ INSERIDA EM SUA GRANDE MAIORIA NESTA CATEGORIA, DEVIDO À POBREZA E AOS OBSTÁCULOS VIVIDOS PELOS PIORES ÍNDICES ECONÔMICOS E SOCIAIS, ESTES TAMBÉM DEVEM SER PORTA DE ACESSO PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR. MAS SERÁ QUE AS INSTITUIÇÕES PRIVADAS POSSUEM UMA BOA PARCELA DE ESTUDANTES NEGROS EM SEUS AMBIENTES?

QUEM FALA COM A GENTE AGORA É O(A) COORDENADOR(A) DE ENSINO DA FACULDADE.... (INSERIR ALGUÉM DE ALGUMA FACULDADE PARTICULAR: CEUMA, ESTÁCIO...)

TEC – INSERIR SONORA 03 ENTREVISTADO 2 (A SER COLETADO)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO AUDIO

LOC (HOST – JESILENE): MESMO COM A EXECUÇÃO DE PROGRAMAS ASSISTENCIALISTAS, EXISTE UM OUTRO OBSTÁCULO EM MUITOS ESPAÇOS ACADÊMICOS: A EXISTÊNCIA DO RACISMO. O PRECONCEITO IMPLÍCITO E EXPLÍCITO

PERSISTE NO COTIDIANO, POR PARTE DE COLEGAS, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS E OUTROS PARTICIPANTES DESSES AMBIENTES, E TRAZEM DOR E VERGONHA. ESSAS SITUAÇÕES GERAM SOFRIMENTO PSICOLÓGICO, BAIXA AUTOESTIMA, ISOLAMENTO OU DESISTÊNCIA DOS ESTUDOS.

LOC (HOST – JESILENE): PARA COMENTAR ESSA QUESTÃO, CONVIDAMOS A CIENTISTA SOCIAL, FULANA DE TAL... VAMOS OUVIR:

TEC – INSERIR SONORA 04 ENTREVISTADO 3 - CIENTISTA SOCIAL (A SER COLETADO)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO AUDIO

LOC (HOST – JESILENE): É IMPORTANTE OUVIR AS VOZES DAQUELES QUE DE ALGUMA FORMA VIVEM OU VIVERAM ESSA REALIDADE. POR ISSO, CONVERSAMOS TAMBÉM COM QUEM FAZ PARTE DO UNIVERSO DE ALUNOS NEGROS E COTISTAS, PARA SABERMOS SOBRE AS SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO VIVIDAS OU PRESENCIADAS NO AMBIENTE ACADÊMICO:

TEC – INSERIR SONORA 05 ENTREVISTADO 4 - ESTUDANTE COTISTA NEGRO (A SER COLETADO)

00:01 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO AUDIO

LOC (HOST – JESILENE): COMO SOCIEDADE, TEMOS A RESPONSABILIDADE DE GARANTIR QUE A BUSCA PELO CONHECIMENTO NÃO SEJA PREJUDICADA POR FATORES COMO A COR DA PELE. A PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE E INCLUSÃO NÃO É APENAS UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA SOCIAL, MAS TAMBÉM ENRIQUECE A ACADEMIA E IMPULSIONA O PROGRESSO LOCAL, REGIONAL E NACIONAL.

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): VAMOS OUVIR AGORA O COMENTÁRIO DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA, JORNALISTA E DOUTORA EM COMUNICAÇÃO:

TEC – INSERIR SONORA FLÁVIA MOURA ÁUDIO 06

00:01 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO AUDIO

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): ESSE FOI O EPISÓDIO NÚMERO 2 DO PODCAST “NEGRO, PAUTA E TELA”, O PROGRAMA QUE DISCUTE TEMAS RELACIONADOS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E AS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO NO ESTADO DO MARANHÃO. HOJE FALAMOS SOBRE O INGRESSO DOS NEGROS NO ENSINO SUPERIOR, AS POLÍTICAS PÚBLICAS IMPLEMENTADAS EM IES DO MARANHÃO, OS ÍNDICES DE PERMANÊNCIA DESSES SUJEITOS, E AINDA, A REALIDADE DE DISCRIMINAÇÃO SOFRIDA POR ELES NOS AMBIENTES ACADÊMICOS.

ESTE TRABALHO É FRUTO DA PESQUISA DE MESTRADO “A COR DA MÍDIA: ANÁLISE DA VISIBILIDADE DOS TELEJORNALISTAS NEGROS DE SÃO LUÍS/MA”, DEFENDIDO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – MODALIDADE PROFISSIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, REALIZADA POR ESTA APRESENTADORA, JESILENE CORRÊA, SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA.

ESPERAMOS QUE VOCÊ TENHA GOSTADO E APRENDIDO COM ESTE EPISÓDIO. AGRADECEMOS A SUA ATENÇÃO E TE CONVIDAMOS A CONTINUAR NOS ACOMPANHANDO. UM ABRAÇO E ATÉ A PRÓXIMA!

APÊNDICE L - Roteiro do terceiro episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”

ROTEIRO 3º EPISÓDIO - “TEM NEGRO ESTUDANDO JORNALISMO?”

TEC – RODA VINHETA ABERTURA

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): OLÁ, OUVINTES! BEM-VINDOS AO PODCAST NEGRO, PAUTA E TELA. AQUI, A PROPOSTA É TRAZER DISCUSSÕES RELACIONADAS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E ÀS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO, TRABALHANDO DE MANEIRA ESPECIAL NO QUE DIZ RESPEITO AO CENÁRIO REGIONAL.

EU SOU JESILENE CORRÊA. A TODOS QUE NOS OUVEM: SOU UMA MULHER DE PELE NEGRA, TENHO 1,63 DE ALTURA, OLHOS CASTANHOS ESCUROS E CABELOS CACHEADOS ESCUROS COM MECHAS DOURADAS, NA ALTURA DOS OMBROS.

NESTE TERCEIRO EPISÓDIO DAMOS SEGUIMENTO À TEMÁTICA DO NEGRO NO ENSINO SUPERIOR, SÓ QUE AGORA APLICADO A ÁREA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL, ÁREA ESSA QUE ENGLOBA O OBJETO DE NOSSA PESQUISA. AQUI APRESENTAREMOS INFORMAÇÕES SOBRE O INGRESSO DE PESSOAS NO CURSOS DE COMUNICAÇÃO, ESPECIALMENTE NA UNIVERSIDADE PÚBLICA. FALAREMOS TAMBÉM SOBRE A PRESENÇA DE PROFESSORES NEGROS E TAMBÉM, AS VIVÊNCIAS EM SALA DE AULA E AS EXPECTATIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO. FIQUE ATENTO E REFLITA COM A GENTE!

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): VOCÊ SABE QUAL A IMPORTÂNCIA DA ÁREA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL PARA A SOCIEDADE? É A PARTIR DELA QUE ESTUDAMOS A COMUNICAÇÃO HUMANA E A INTERAÇÃO ENTRE PESSOAS DENTRO DA SOCIEDADE. OS CURSOS ABORDAM OS PROCESSOS DE INFORMAÇÃO, CREDIBILIDADE, ENTRETENIMENTO E PERSUAÇÃO DE SUJEITOS E GRUPOS, PODENDO INFLUENCIAR NOSSA IDENTIDADE CULTURAL E SOCIAL.

NESSE SENTIDO, É PRECISO ENTENDER SE ESSE CENÁRIO CONSEGUE REFLETIR A COMPOSIÇÃO RACIAL DO ESTADO NOSSO ESTADO. TEM NEGRO ESTUDANDO COMUNICAÇÃO? E NO JORNALISMO, OS AMBIENTES SÃO PLURAIS NO SENTIDO RACIAL?

LOC (HOST – JESILENE): AO LONGO DA HISTÓRIA, A PRESENÇA DE NEGROS

NO JORNALISMO FOI MARCADA POR SUBREPRESENTAÇÃO E DESIGUALDADES. AS REDAÇÕES, FREQUENTEMENTE DOMINADAS POR VOZES BRANCAS, REFLETIAM UMA PERSPECTIVA LIMITADA DA SOCIEDADE. EM TEMPOS ATRÁS, AS FACULDADES DE JORNALISMO TINHA POUCA PRESENÇA NEGRA, EM DECORRÊNCIA DA DOMINAÇÃO RACIAL NOS VEÍCULOS MIDIÁTICOS.

DE ACORDO COM O QUE VIMOS NO EPISÓDIO DOIS, O NÚMERO DE NEGROS NO ENSINO SUPERIOR AUMENTOU CONSIDERAVELMENTE, MAS AINDA HÁ OBSTACULOS. E NOS CURSOS DE JORNALISMO, COMO ESTÁ O CENÁRIO ATUALMENTE?

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): PARA INICIARMOS O DEBATE, É NECESSÁRIO ENTENDERMOS COMO SE DÁ O INGRESSO DOS ESTUDANTES NEGROS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO MARANHÃO POR AQUELES QUE ESTÃO À FRENTE DAS COORDENAÇÕES.

CONVERSAMOS COM A COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, PROFESSORA MICHELLY SANTOS DE CARVALHO, QUE CONTA PARA GENTE UM POUCO DA ENTRADA DE ESTUDANTES NEGROS NO CURSO.

TEC – INSERIR SONORA 01 - PROFESSORA MICHELLY SANTOS DE CARVALHO (A SER COLETADO)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO ÁUDIO

LOC (HOST – JESILENE): POR CONTA DO PASSADO DE SOFRIMENTO A POPULAÇÃO NEGRA SOFRE ATÉ HOJE OS IMPACTOS DA OPRESSÃO, PRECISANDO, MUITAS VEZES, TRIPLICAR OS ESFORÇOS PARA ALCANÇAR RESULTADOS. EM RELAÇÃO À PERMANÊNCIA DESSES ESTUDANTES NOS CURSOS, QUAIS OS DESAFIOS?

TEC – INSERIR SONORA 02 - PROFESSORA MICHELLY SANTOS DE CARVALHO (A SER COLETADO)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO ÁUDIO

LOC (HOST – JESILENE): CONSIDERAMOS IMPORTANTE A INVESTIGAÇÃO NAS FACULDADES PRIVADAS QUE OFERECEM O CURSO, PARA ENTENDERMOS COMO SE DÁ A PRESENÇA DOS ESTUDANTES NEGROS NESSES LOCAIS, JÁ QUE HISTORICAMENTE É MARCADA É MAIOR GRAU POR ESTUDANTES DE COR CLARA.

CONVERSAMOS COM O(A) COORDENADOR(A) DE COMUNICAÇÃO/JORNALISMO

DA FACULDADE... (A DEFINIR) PARA NOS FALAR UM POUCO SOBRE A INSERÇÃO A PRESENÇA DE ALUNOS NEGROS ASPIRANTES À JORNALISTAS. EXISTE UMA MAIOR EVASÃO DE ESTUDANTES NEGROS DO QUE DE BRANCOS, NOS CURSOS DE JORNALISMO?

TEC – INSERIR SONORA 03 - COORDENADOR(A) DE COMUNICAÇÃO/ JORNALISMO - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADO)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO ÁUDIO

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): VAMOS ENTÃO ENTENDER MELHOR ESSA REALIDADE COM QUEM PARTE DO CENÁRIO PRINCIPAL QUE ESTAMOS ESTUDANDO NESTE EPISÓDIO: OS ESTUDANTES NEGROS NO CURSO DE JORNALISMO, PARA QUE FALEM PRA GENTE DE SUAS MOTIVAÇÕES, EXPECTATIVAS E DESAFIOS NA BUSCA PELA FORMAÇÃO ACADÊMICA.

CONSIDERANDO QUE PARTE DOS ESTUDANTES QUE SE FORMAM EM OUTROS MUNICÍPIOS DO ESTADO, TAMBÉM BUSCAM OPORTUNIDADES DE EMPREGO NA CAPITAL, NESTE EPISÓDIO CONVIDAMOS ENTREVISTADOS DA CAPITAL SÃO LUÍS E DE IMPERATRIZ, SEGUNDA MAIOR CIDADE DO MARANHÃO, PARA ENTENDERMOS MELHOR A REALIDADE LOCAL DENTRO DOS CURSOS DE JORNALISMO.

LOC (HOST – JESILENE): FALAMOS COM ALUNOS(AS)... DO CURSO DE JORNALISMO DA UFMA EM IMPERATRIZ E EM SÃO LUÍS. VAMOS OUVIR... (INSERIR NOMES - ESTUDANTES DO CURSO DE JORNALISMO EM IMPERATRIZ E SÃO LUÍS)

TEC – INSERIR SONORA 04 - ALUNA DE JORNALISMO DA UFMA EM IMPERATRIZ - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADA)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO ÁUDIO

TEC – INSERIR SONORA 05 - ALUNA DE JORNALISMO DA UFMA EM ISÇAO LUÍS - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADA)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO ÁUDIO

LOC (HOST – JESILENE): MUITOS ESTUDANTES POSSUEM HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO, E ALMEJAM UM FUTURO BRILHANTE. ELES ESTÃO ENGAJADOS EM TRAZER PERSPECTIVAS ÚNICAS PARA SUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO, ENFRENTANDO DESAFIOS COM DETERMINAÇÃO E PAIXÃO PELA MUDANÇA, NO QUE DIZ RESPEITO AO SOCIAL E AO RACIAL . QUEM CONVERSA AGORA COM A GENTE É ...

QUEM CONVERSA AGORA COM A GENTE É ... (INSERIR NOME - ESTUDANTE DO CURSO DE JORNALISMO COM HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO E ENGAJAMENTO NAS LUTAS SOCIAIS/RACIAIS)

TEC – INSERIR SONORA 06 - ESTUDANTE DO CURSO DE JORNALISMO COM HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO E ENGAJAMENTO NAS LUTAS SOCIAIS/RACIAIS (A SER COLETADO)

01:00 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO ÁUDIO

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): A REPRESENTATIVIDADE IMPORTA MAIS DO QUE NUNCA. TER ESTUDANTES E PROFISSIONAIS NEGROS NA COMUNICAÇÃO SOCIAL NÃO É APENAS UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA, MAS TAMBÉM ENRIQUECE O PANORAMA MIDIÁTICO. É VITAL PARA CONTAR HISTÓRIAS AUTÊNTICAS, CORRIGIR DISTORÇÕES E CONSTRUIR UMA SOCIEDADE MAIS INCLUSIVA.

LOC (HOST – JESILENE): À MEDIDA QUE AVANÇAMOS, É IMPERATIVO CONTINUAR FORTALECENDO A PRESENÇA DO NEGRO NAS FACULDADES DE JORNALISMO. ISSO REQUER ESFORÇOS COLETIVOS: DESDE POLÍTICAS INCLUSIVAS ATÉ A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA. JUNTOS, PODEMOS MOLDAR UMA INDÚSTRIA DA COMUNICAÇÃO MAIS REPRESENTATIVA E IMPACTANTE.

LOC (HOST – JESILENE): VAMOS OUVIR O COMENTÁRIO DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA, JORNALISTA E DOUTORA EM COMUNICAÇÃO, PARA ESTE EPISÓDIO:

TEC – INSERIR SONORA FLÁVIA MOURA ÁUDIO 06

00:01 A 02:00 –INSERIR PRIMEIRA FRASE DO AUDIO

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): ESSE FOI O EPISÓDIO NÚMERO TRÊS DO PODCAST “NEGRO, PAUTA E TELA”, O PROGRAMA QUE DISCUTE TEMAS RELACIONADOS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E AS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO NO ESTADO DO MARANHÃO. HOJE FALAMOS SOBRE A PRESENÇA DO NEGRO NOS CURSOS DE JORNALISMO, OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA A PERMANÊNCIA NA FACULDADE E QUAIS AS PERSPECTIVAS PARA UM FUTURO MAIS IGUALITÁRIO.

ESTE TRABALHO É FRUTO DA PESQUISA DE MESTRADO “A COR DA MÍDIA: ANÁLISE DA VISIBILIDADE DOS TELEJORNALISTAS NEGROS DE SÃO LUÍS/MA”,

DEFENDIDO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – MODALIDADE PROFISSIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, REALIZADA POR ESTA APRESENTADORA, JESILENE CORRÊA, SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA.

ESPERAMOS QUE VOCÊ TENHA GOSTADO E APRENDIDO COM ESTE EPISÓDIO. AGRADECEMOS A SUA ATENÇÃO E TE CONVIDAMOS A CONTINUAR NOS ACOMPANHANDO. UM ABRAÇO E ATÉ A PRÓXIMA!

APÊNDICE M - Roteiro do quarto episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”

ROTEIRO 4º EPISÓDIO - “TEM NEGRO NA TV E NO TELEJORNALISMO?”

TEC – RODA VINHETA ABERTURA

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): OLÁ, OUVINTES! BEM-VINDOS AO **PODCAST NEGRO, PAUTA E TELA**. AQUI, A PROPOSTA É TRAZER DISCUSSÕES RELACIONADAS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E ÀS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO, FOCANDO DE MANEIRA ESPECIAL NO TELEJORNALISMO, NO QUE DIZ RESPEITO AO CENÁRIO REGIONAL.

EU SOU JESILENE CORRÊA. A TODOS QUE NOS OUVEM: SOU UMA MULHER DE PELE NEGRA, TENHO 1.63 DE ALTURA, OLHOS CASTANHOS ESCUROS E CABELOS CACHEADOS ESCUROS COM MECHAS DOURADAS, NA ALTURA DOS OMBROS.

ESTE É O NOSSO QUARTO EPISÓDIO! PARA ENTENDERMOS COMO TEM SIDO A PARTICIPAÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA TELEVISÃO E NO TELEJORNALISMO, VAMOS MERGULHAR NA HISTÓRIA, NAS CONQUISTAS E NOS DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFISSIONAIS NEGROS NA MÍDIA TELEVISIVA. DAS TELAS DA TV E DOS ESPAÇOS DOS TELEJORNAIS, COMO ESSA REPRESENTAÇÃO IMPACTA A PERCEPÇÃO DE MUNDO DA SOCIEDADE? FIQUE ATENTO E REFLITA COM A GENTE!

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): QUANDO SINTONIZAMOS A TV (SEJA PARA VER UM PROGRAMA, UM FILME OU UMA NOVELA), OU ATÉ MAIS QUANDO ASSISTIMOS A UM TELEJORNAL, LOGO PODEMOS PERCEBER A DIFERENÇA DA REPRESENTAÇÃO RACIAL NAS TELAS. A PARTICIPAÇÃO DO NEGRO NESSES E EM OUTROS PRODUTOS DA MÍDIA TELEVISIVA AINDA É LIMITADA.

A SUBREPRESENTAÇÃO DO NEGRO NAS TELENÓVELAS, POR EXEMPLO, É UM PROBLEMA PERSISTENTE QUE LANÇA LUZ SOBRE QUESTÕES MAIS PROFUNDAS DE VISIBILIDADE E REPRESENTATIVIDADE. É NOTÁVEL QUE PERSONAGENS NEGROS FREQUENTEMENTE OCUPAM PAPÉIS SECUNDÁRIOS, ESTEREOTIPADOS OU REDUZIDOS A ENREDOS ESPECÍFICOS. EM ALGUMAS TELENÓVELAS, OS PERSONAGENS NEGROS MUITAS VEZES SÃO ASSOCIADOS A PAPÉIS DE EMPREGADOS

DOMÉSTICOS, MOTORISTAS OU OUTROS PAPÉIS DE APOIO.

PARA ALÉM DAS NOVELAS, AS SÉRIES DE TV, PROGRAMAS DE ENTRETENIMENTO OU PROGRAMAS JORNALÍSTICOS POSSUEM POUCOS SUJEITOS NEGROS EM SUA LINHA DE FRENTE. A AUSÊNCIA DE PERSONAGENS NEGROS COMO PROTAGONISTAS OU FIGURAS CENTRAIS PODE CONTRIBUIR PARA UMA NARRATIVA QUE NÃO REFLETE AS POTENCIALIDADES DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL.

SOBRE ESSA QUESTÃO, CONVERSAMOS COM ÁLVARO ROBERTO PIRES, PROFESSOR, ANTROPÓLOGO E MEMBRO DO CDINN (COLETIVO DE INTELLECTUAIS NEGRAS E NEGROS). VAMOS ACOMPANHAR:

TEC – INSERIR SONORA 1 - PROF. ALVARO PIRES

00:00 A 01:32 – “PODE-SE DIZER QUE O GRAU MENSURADO PARA A AUSÊNCIA DE NEGROS E NEGRAS...”

LOC (HOST – JESILENE): A FALTA DE DIVERSIDADE NOS PRODUTOS MÍDIÁTICOS REFORÇA UMA IDEIA PREJUDICIAL DE MODO GERAL, MAS PRINCIPALMENTE ÀS GERAÇÕES MAIS JOVENS. QUANDO CRIANÇAS E ADOLESCENTES NÃO VEEM PERSONAGENS NEGROS EM POSIÇÕES DE DESTAQUE NA MÍDIA, ISSO PODE AFETAR QUESTÕES QUE ENVOLVEM AUTOESTIMA E SENSO DE PERTENCIMENTO. QUAIS AS OUTRAS CONSEQUÊNCIAS DESSA FALHA?

TEC – INSERIR SONORA 2 - PROF. ALVARO PIRES

00:00 A 01:02 – “Certamente a falta de personagens negros e negras...”

LOC (HOST – JESILENE): A MÍDIA COMO FORMADORA DE OPINIÃO É CAPAZ DE MOLDAR PENSAMENTOS, COSTUMES E COMPORTAMENTOS, E NESSE SENTIDO O TELEJORNALISMO É UM PRODUTO POTENCIAL. OCORRE QUE, DA MESMA FORMA QUE A NOVELA E OS DEMAIS SEGMENTOS DA TV, TAMBÉM NÃO REFLETEM A VERDADEIRA COMPOSIÇÃO RACIAL NO BRASIL.

DE ACORDO COM A PESQUISA REALIZADA PELA VAIDAPÉ, EM 2017, APENAS 3,7% DOS APRESENTADORES BRASILEIROS SÃO NEGROS. DOS 272 APRESENTADORES OBSERVADOS, APENAS 10 APRESENTADORES NEGROS CONTRA 261 BRANCOS. SERIA O TELEJORNALISMO TAMBÉM RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL?

LOC (HOST – JESILENE): CONVERSAMOS COM A PROFA. ROSINETE FERREIRA, QUE É PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFMA E QUE ESTUDA FENÔMENOS COMUNICACIONAIS E PSICOSSOCIAIS QUE ENVOLVAM TEMAS PERMEADOS PELO AUDIOVISUAL

TEC – INSERIR SONORA 3 - ROSE FERREIRA

01:53 A 04:09 – “No que concerne ao telejornal, ao campo da comunicação...”

LOC (HOST – JESILENE): AQUI NO MARANHÃO, HÁ UM CERTO NÚMERO DE REPÓRTERES E APRESENTADORES NEGROS, MAS O QUANTITATIVO AINDA É CONSIDERADO TÍMIDO, EMBORA ESTEJAMOS EM UMA CAPITAL DE UM DOS ESTADOS COM MAIOR POPULAÇÃO NEGRA DO PAÍS, SEGUNDO O IBGE 2018.

UM DESSES REPÓRTERES NEGROS É NAASSON SALDANHA, JORNALISTA QUE ATUALMENTE TRABALHA EM UMA EMISSORA DE TV EM SÃO LUÍS, JÁ TENDO PASSAGEM POR OUTRAS QUATRO EMISSORAS. NAASSON CONTA UM POUCO SOBRE COMO É ESTAR NA FRENTE DAS TELAS, E COMO ENXERGA AS QUESTÕES DE VISIBILIDADE DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA EM TODO O BRASIL:

TEC – INSERIR SONORAS 4 - NAASSON SALDANHA

01:00 a 01:54 – “A gente percebe que esse movimento, essa questão de pessoas negras...”

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): NO QUESTIONÁRIO APLICADO DURANTE O NOSSO TRABALHO DE CAMPO NO MESTRADO, TEMOS ALGUNS RESULTADOS QUE APONTAM PARA A ESCASSA PARTICIPAÇÃO NEGRA NOS AMBIENTES TELEVISIVOS E TELEJORNALÍSTICOS.

APENAS 11,4% DOS PARTICIPANTES AFIRMOU TRABALHAR EM EMISSORAS DE TV. APROXIMADAMENTE 46% RESPONDE QUE EXISTEM POUCAS PESSOAS NEGRAS EM RELAÇÃO ÀS DE COR BRANCA, E 51,4% AFIRMOU QUE NÃO EXISTEM NEGROS COM CARGOS DE CHEFIA ONDE TRABALHAM. SERÁ NÃO HÁ REPRESENTATIVIDADE PARA QUEM ESTÁ TRILHANDO ESSE CAMINHO PROFISSIONAL?

LOC (HOST – JESILENE): SOBRE ESTE ASSUNTO, VOLTAMOS A OUVIR A PROFESSORA ROSE FERREIRA.

TEC – INSERIR SONORAS 5 E 6 - ROSE FERREIRA

00:00 A 00:46 – “Empresa nenhuma abre para essa população...”

00:00 A 00:48 – “Essa posição de destaque...”

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): OUTRO PONTO QUE TAMBÉM PODEMOS EVIDENCIAR

É SOBRE AS SITUAÇÕES DE PRECONCEITO VIVIDAS PELOS JORNALISTAS NEGROS.

A TV TEM UM HISTÓRICO DE PROFISSIONAIS BRANCOS NAS BANCADAS, E ISSO DUROU POR LONGOS ANOS. ALGUNS PROFISSIONAIS DE ESCALA NACIONAL JÁ NARRARAM TER PASSADO POR SITUAÇÕES CONSTRANGEDORAS EXERCENDO O JORNALISMO. GLÓRIA MARIA FOI UMA DELAS. EM UM DOS EPISÓDIOS DO PROGRAMA “CONVERSA COM BIAL”, EM 2020, GLÓRIA COMENTOU QUE NO INÍCIO DA CARREIRA, RECEBIA CARTAS E TELEFONEMAS, DIZENDO QUE AQUELE NÃO ERA O SEU LUGAR... ALÉM DE OUTRAS OFENSAS E EXPRESSÕES PEJORATIVAS.

TAMBÉM EM 2020 FOI AO AR O EPISÓDIO ESPECIAL DO PROGRAMA “EM PAUTA” DA GLOBONEWS, QUE ABORDOU A TEMÁTICA DO RACISMO APÓS O EPISÓDIO OCORRIDO COM GEORGE FLOYD, HOMEM NEGRO QUE FOI MORTO SUFOCADO POR POLICIAIS BRANCOS NO ESTADOS UNIDOS. LILIAN RIBEIRO FOI UMA DAS COMENTARISTAS. EM SUA PARTICIPAÇÃO, LILIAN DESTACOU QUE SEMPRE UTILIZA DA TÁTICA DE ESTAR SEMPRE COM MICROFONE EM PUNHO PARA NÃO QUE NÃO DUVIDEM DE QUEM ELA É, NÃO DUVIDEM DE SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL. MAS SERÁ QUE MESMO COM SINAIS CLAROS NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO, OS PROFISSIONAIS NEGROS ESTÃO ISENTOS DE DISCRIMINAÇÃO?

VAMOS OUVIR, MAIS UMA VEZ, O JORNALISTA NAASSON SALDANHA, QUE CONTA PRA GENTE SOBRE A PRESENÇA DO RACISMO EM SUAS VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS:

TEC – INSERIR SONORA 7 - NAASSON SANDANHA

00:13 A 02:28 – “Tem uma situação em específico...”

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERISTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): APESAR DOS PROGRESSOS, AINDA EXISTEM DESAFIOS ENFRENTADOS PELA COMUNIDADE NEGRA NA TV E NO TELEJORNALISMO. QUESTÕES QUE AQUI FORAM CITADAS, COMO A SUBREPRESENTAÇÃO EM CARGOS DE LIDERANÇA E A PERSISTÊNCIA DE ESTEREÓTIPOS PODEM AUMENTAR AS BARREIRAS, CASO NÃO SEJAM COMBATIDAS. A CORRETA PERCEPÇÃO DAS LACUNAS EXISTENTES INFLUENCIA NOSSA COMPREENSÃO DAS QUESTÕES SOCIAIS, NOSSA VISÃO DE MUNDO E NOSSA CAPACIDADE DE PROMOVER A MUDANÇA.

LOC (HOST – JESILENE): VAMOS OUVIR A PROFESSORA FLÁVIA MOURA, JORNALISTA E DOUTORA EM COMUNICAÇÃO, QUE COMENTA ESTE PODCAST:

TEC – INSERIR SONORA 8 FLÁVIA MOURA

00:00 A 01:48 – “Infelizmente essa presença negra no telejornalismo brasileiro...”

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERISTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): ESSE FOI O QUARTO EPISÓDIO DO PODCAST “NEGRO, PAUTA E TELA”, QUE DISCUTE TEMAS RELACIONADOS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E AS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO E JORNALÍSTICO NO ESTADO DO MARANHÃO. HOJE FALAMOS SOBRE A PRESENÇA E REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA TELEVISÃO E NO TELEJORNALISMO, CONSIDERANDO MARCO DA HISTÓRIA E OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFISSIONAIS NEGROS NA MÍDIA TELEVISIVA.

ESTE TRABALHO É FRUTO DA PESQUISA DE MESTRADO “A COR DA MÍDIA: ANÁLISE DA VISIBILIDADE DOS TELEJORNALISTAS NEGROS DE SÃO LUÍS/MA”, DEFENDIDO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – MODALIDADE PROFISSIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, REALIZADA POR ESTA APRESENTADORA, JESILENE CORRÊA, SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA.

A MÚSICA QUE VOCÊ ESTÁ OUVINDO É A COR DA PELE, DE CHICO NÔ, CEDIDA A ESTE PODCAST

ESPERAMOS QUE VOCÊ TENHA GOSTADO E APRENDIDO COM ESTE EPISÓDIO. AGRADECEMOS A SUA ATENÇÃO E TE CONVIDAMOS A CONTINUAR NOS ACOMPANHANDO. UM ABRAÇO E ATÉ A PRÓXIMA!

APÊNDICE N - Roteiro do quinto episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”

ROTEIRO 5º EPISÓDIO - “QUAL A VISIBILIDADE DOS TELEJORNALISTAS NEGROS EM SÃO LUÍS?”

TEC – RODA VINHETA ABERTURA

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): OLÁ, OUVINTES! BEM-VINDOS AO **PODCAST NEGRO, PAUTA E TELA**. AQUI, A PROPOSTA É TRAZER DISCUSSÕES RELACIONADAS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E ÀS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO, FOCANDO DE MANEIRA ESPECIAL NO QUE DIZ RESPEITO AO CENÁRIO REGIONAL.

EU SOU JESILENE CORRÊA. A TODOS QUE NOS OUVEM: SOU UMA MULHER DE PELE NEGRA, TENHO 1.65 DE ALTURA, OLHOS CASTANHOS ESCUROS E CABELOS CACHEADOS ESCUROS COM MECHAS DOURADAS, NA ALTURA DOS OMBROS.

CHEGAMOS AO QUINTO EPISÓDIO! O PENÚLTIMO E PRINCIPAL EPISÓDIO DA NOSSA SÉRIE! AQUI VAMOS DEBATER SOBRE A PRESENÇA DE JORNALISTAS NEGROS NA MÍDIA TELEVISIVA, SEJA NA FUNÇÃO DE APRESENTADORES OU REPÓRTERES DOS TELEJORNAIS DE SÃO LUÍS. É IMPORTANTE ESCLARECER QUE, PELA COMPLEXIDADE E SENSIBILIDADE DO TEMA, OPTAMOS POR INSERIR COMO ENTREVISTADOS PROFESSORES, ACADÊMICOS E PESQUISADORES EM MÍDIA, ALÉM DE TELESPECTADORES. FIQUE ATENTO E REFLITA COM A GENTE!

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): JÁ PERCORREMOS OS DEBATES SOBRE O RACISMO NO BRASIL, A INSERÇÃO DO NEGRO NO ENSINO SUPERIOR E NA COMUNICAÇÃO (E MAIS PROPRIAMENTE NO JORNALISMO), A PARTICIPAÇÃO DO NEGRO NA TV E NO TELEJORNALISMO... E AGORA CHEGAMOS AO FOCO CENTRAL DESTES PODCAST: À ANÁLISE RELACIONADA AOS TELEJORNALISTAS NEGROS DA CIDADE DE SÃO LUÍS.

NOS ÚLTIMOS ANOS, A DISCUSSÃO SOBRE A REPRESENTATIVIDADE NA MÍDIA TEM GANHADO CADA VEZ MAIS ESPAÇO. A FALTA DE DIVERSIDADE ÉTNICA EM MUITOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO DO PAÍS TEM SIDO CADA VEZ MAIS DEBATIDA. ESTAMOS EM UM ESTADO COM GRANDE PARTE DA POPULAÇÃO QUE SE RECONHECE COMO NEGRA, SEGUNDO O IBGE (2018), ONDE 74% DE PESSOAS SE AUTODECLARAM NEGRAS (ENTRE PRETOS E PARDOS).

MAS SERÁ QUE OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO DA CAPITAL MARANHENSE SÃO REPRESENTATIVOS? OS PROFISSIONAIS QUE COMPÕEM OS TELEJORNAIS LOCAIS REFLETEM A COMPOSIÇÃO RACIAL DA CAPITAL DO ESTADO?

EM NOSSA PESQUISA DE MESTRADO. QUANDO PERGUNTAMOS AOS ENTREVISTADOS SE O MERCADO DE TRABALHO JORNALÍSTICO DA REGIÃO É CONSIDERADO DESIGUAL EM TERMOS RACIAIS, 88,6% RESPONDEU QUE SIM, CONTRA APENAS 5,7% QUE AFIRMOU QUE NÃO, E 5,7% NÃO SOUBE RESPONDER. JÁ EM RELAÇÃO À QUESTÃO QUE AVALIA O NÚMERO DE REPÓRTERES NEGROS COMO SUFICIENTE OU NÃO, HOVE UNANIMIDADE. TODOS OS RESPONDENTES AFIRMARAM QUE NÃO HÁ UM NÚMERO SATISFATÓRIO DE APRESENTADORES E REPÓRTERES NEGROS NAS TELAS MARANHENSES E LUDOVICENSES.

LOC (HOST – JESILENE): CONVERSAMOS COM ROSINETE FERREIRA, QUE É PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFMA E QUE ESTUDA FENÔMENOS COMUNICACIONAIS E PSICOSSOCIAIS QUE ENVOLVAM TEMAS PERMEADOS PELO AUDIOVISUAL. ELA INICIA NOSSO DEBATE FALANDO SOBRE COMO ENXERGA A PARTICIPAÇÃO DESSES PROFISSIONAIS NOS TELEJORNAIS LOCAIS.

TEC – INSERIR SONORA 1 - ROSE FERREIRA

00:01 A 01:58 – “Se formos fazer uma pesquisa...”

LOC (HOST – JESILENE): O ACOMPANHAMENTO DE TELEJORNAIS QUE REALIZAMOS ENTRE ABRIL E MAIO DE 2022, REVELOU QUE, DOS 533 VT’S EXAMINADOS L, EM APENAS 174 APARECEM REPÓRTERES NEGROS.

NA ANÁLISE INDIVIDUAL DAS EMISSORAS, O NÚMERO DE VT’S COM ESSES MESMOS SUJEITOS CAI PARA MENOS DA METADE. OUTRO ASPECTO IMPORTANTE É QUE A MAIORIA DOS NEGROS EM TELA É PARDA. NA ÉPOCA, NÃO HAVIA NENHUM ÂNCORA DE COR PRETA. SERÁ QUE AINDA EXISTE MUITA RESISTÊNCIA ÀS CARACTERÍSTICAS MAIS FORTES DOS AFRODESCENDENTES?

ESSES DADOS PODEM NOS TRAZER ALGUMAS IMPLICAÇÕES. NÃO PODEMOS IGNORAR OS DESAFIOS ENFRENTADOS. DISCRIMINAÇÃO, ESTEREÓTIPOS ARRAIGADOS E FALTA DE OPORTUNIDADES AINDA SÃO OBSTÁCULOS A SEREM SUPERADOS.

LOC (HOST – JESILENE): EM RELAÇÃO AO PESO DA IMAGEM NA MÍDIA TELEVISIVA, FALAMOS COM A PROFESSORA LETÍCIA CARDOSO, TAMBÉM PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFMA, QUE TEM COMO PARTE DO SEU CAMPO DE ESTUDO AS “IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES” E O MEIO AUDIOVISUAL.

TEC – INSERIR SONORA 2 - LETÍCIA CARDOSO

00:00 A 02:23 – “Bom, falando da imagem, da imagem de pessoas negras...”

LOC (HOST – JESILENE): APÓS O PERÍODO DA PESQUISA, IDENTIFICAMOS UM PEQUENO CRESCIMENTO. PODEMOS CONTABILIZAR UMA ÂNCORA DE TV, MULHER PRETA, EM UM DOS PRINCIPAIS TELEJORNAIS MATINAIS DA CIDADE. MAS ESSE AVANÇO AINDA É TÍMIDO, SE PENSARMOS NO POTENCIAL DE REPRESENTAÇÃO QUE PODERÍAMOS TER. A DIVERSIDADE RACIAL NA MÍDIA PRECISA SER FOMENTADA, PARA SER UM ESPELHO DA NOSSA PRÓPRIA SOCIEDADE E CONTRIBUIR PARA UM AMBIENTE MAIS INCLUSIVO E IGUALITÁRIO.

UMA MAIOR INSERÇÃO DA COMUNIDADE NEGRA NO TELEJORNALISMO DE SÃO LUÍS FORTALECE OS PROFISSIONAIS, E AINDA, ABRE CAMPO PARA UMA REPRESENTAÇÃO MAIS FIEL DA REALIDADE DA CIDADE E DO ESTADO. ALÉM DISSO, DÁ ESPAÇO PARA QUE OUTROS JORNALISTAS CONSIGAM SE ENXERGAR NESSES AMBIENTES.

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): A PRESENÇA DE TELEJORNALISTAS NEGROS NAS TELAS NÃO APENAS REFLETE UMA SOCIEDADE MAIS INCLUSIVA, MAS TAMBÉM PODE INFLUENCIAR A MANEIRA COMO AS PESSOAS SE CONECTAM COM AS NOTÍCIAS. SERÁ QUE A AUDIÊNCIA SE SENTE MAIS REPRESENTADA QUANDO VÊ UM ROSTO QUE REFLETE A IMAGEM DE SUA PRÓPRIA COMUNIDADE? ISSO FORTALECE A CREDIBILIDADE DA MÍDIA E ESTABELECE UM VÍNCULO MAIS PROFUNDO ENTRE OS TELEJORNALISTAS E O PÚBLICO?

LOC (HOST – JESILENE): SOBRE ESSA QUESTÃO, TAMBÉM NOS RESPONDE A PROFESSORA LETÍCIA CARDOSO:

TEC – INSERIR SONORA 3 - LETÍCIA CARDOSO

00:00 A 01:22 – “Embora as pessoas brancas, jornalista branco...”

LOC (HOST – JESILENE): É BOM ENTENDER A PERCEPÇÃO DAQUELES QUE FAZEM PARTE DA COMUNIDADE NEGRA E ACOMPANHAM OS TELEJORNAIS LOCAIS. SABER SE HÁ UMA IDENTIFICAÇÃO COM OS PROFISSIONAIS NEGROS QUE ESTÃO PRESENTES NAS EMISSORAS DE TV. VAMOS OUVIR O DEPOIMENTO DE LARA SOUZA, MULHER NEGRA, JORNALISTA, E AQUI FALA ENQUANTO TELESPECTADORA ASSÍDUA DOS TELEJORNAIS LOCAIS. LARA COMENTA SOBRE COMO É REPRESENTATIVO ASSISTIR A UMA OUTRA MULHER NEGRA NA BANCADA DE UM TELEJORNAL DE

DESTAQUE.

TEC – INSERIR SONORA 4 – LARA SOUZA

00:00 A 02:44 – “Então, eu acompanho o trabalho da Vanessa enquanto uma profissional de jornalismo...”

LOC (HOST – JESILENE): TRAZEMOS TAMBÉM O DEPOIMENTO DE ÍTALO SILVA, DISCENTE DO QUINTO PERÍODO DE JORNALISMO DA UFMA. ELE AFIRMA SE SENTIR BEM REPRESENTADO POR UM DOS NOMES DE DESTAQUE NO TELEJORNALISMO MARANHENSE, A REPÓRTER REGINA SOUZA E QUE VÊ-LA NA TV É UMA FORMA DE INCENTIVO PARA SUA CAMINHADA. VAMOS OUVIR:

TEC – INSERIR SONORA 5 – ÍTALO SILVA

00:00 A 01:22 – “Acompanho a Regina Souza há muito tempo...”

LOC (HOST – JESILENE): AO APOIARMOS E VALORIZARMOS MUDANÇAS QUE SÃO NECESSÁRIAS NO CENÁRIO JORNALÍSTICO LOCAL, ESTAMOS CONSTRUINDO UM FUTURO MAIS JUSTO PARA TODOS. À MEDIDA QUE ESSES PROFISSIONAIS CONQUISTAM SEU ESPAÇO E ENFRENTAM DESAFIOS, ELES CONTRIBUEM PARA A TRANSFORMAÇÃO DE CENÁRIO. MAS PARA ISSO, ALGUMAS ATITUDES DEVEM SER TOMADAS. E A PROFESSORA ROSE FERREIRA NOS TRAZ AGORA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ISSO:

TEC – INSERIR SONORA 6 ROSE FERREIRA

02:43 A 04:13 – “Um dos passos é esse, a gente ter a consciência de que...”

LOC (HOST – JESILENE): VAMOS OUVIR AS CONSIDERAÇÕES DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA, JORNALISTA E DOUTORA EM COMUNICAÇÃO, PARA ESTE EPISÓDIO:

TEC – INSERIR SONORA 7 FLÁVIA MOURA

00:00 a 02:00 – “Esse episódio retrata o esforço de Jesilene...”

LOC (HOST – JESILENE): ESSE FOI O QUINTO EPISÓDIO DO PODCAST “NEGRO, PAUTA E TELA”, O PROGRAMA QUE DISCUTE TEMAS RELACIONADOS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E AS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO NO ESTADO DO MARANHÃO.

PARA ESTE EPISÓDIO, O PRINCIPAL DE NOSSA SÉRIE, CONVERSAMOS SOBRE A VISIBILIDADE E A REPRESENTAÇÃO DO PROFISSIONAIS NEGROS NO TELEJORNALISMO LOCAL, UTILIZANDO DADOS GERAIS E DADOS DA ETAPA METODOLÓGICA DA PESQUISA REALIZADA. TIVEMOS A PARTICIPAÇÃO DE

PROFESSORAS E PESQUISADORAS EM MÍDIA, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES. TRABALHAMOS TAMBÉM NA PERSPECTIVA DA REPRESENTATIVIDADE PARA A AUDIÊNCIA, COM DEPOIMENTOS DE TELESPECTADORES.

A MÚSICA QUE VOCÊ ESTÁ OUVINDO É A COR DA PELE, DE CHICO NÔ, CEDIDA A ESTE PODCAST.

ESTE TRABALHO É FRUTO DA PESQUISA DE MESTRADO “A COR DA MÍDIA: ANÁLISE DA VISIBILIDADE DOS TELEJORNALISTAS NEGROS DE SÃO LUÍS/MA”, DEFENDIDO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – MODALIDADE PROFISSIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, REALIZADA POR ESTA APRESENTADORA, JESILENE CORRÊA, SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA.

ESPERAMOS QUE VOCÊ TENHA GOSTADO E APRENDIDO COM ESTE EPISÓDIO. AGRADECEMOS A SUA ATENÇÃO E TE CONVIDAMOS A CONTINUAR NOS ACOMPANHANDO. UM ABRAÇO E ATÉ A PRÓXIMA!

APÊNDICE O - Roteiro do sexto episódio do Podcast “Negro, Pauta e Tela”

ROTEIRO 6º EPISÓDIO - “É PRECISO ABRIR CAMINHOS”

TEC – RODA VINHETA ABERTURA

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): OLÁ, OUVINTES! BEM-VINDOS AO **PODCAST NEGRO, PAUTA E TELA**. AQUI, A PROPOSTA É TRAZER DISCUSSÕES RELACIONADAS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E ÀS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO, FOCANDO DE MANEIRA ESPECIAL NO QUE DIZ RESPEITO AO CENÁRIO REGIONAL.

EU SOU JESILENE CORRÊA. A TODOS QUE NOS OUVEM: SOU UMA MULHER DE PELE NEGRA, TENHO 1.65 DE ALTURA, OLHOS CASTANHOS ESCUROS E CABELOS CACHEADOS ESCUROS COM MECHAS DOURADAS, NA ALTURA DOS OMBROS.

ENFIM, ESTAMOS NO SEXTO EPISÓDIO! DEPOIS DE TODO O CAMINHO PERCORRIDO... EM QUE NOS APROFUNDAMOS SOBRE VÁRIAS TEMÁTICAS DENTRO DO CONTEXTO RACIAL, EDUCACIONAL E MIDIÁTICO E JORNALÍSTICO. FIQUE ATENTO E REFLITA COM A GENTE!

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): CHEGAMOS AO ÚLTIMO EPISÓDIO DESTA PODCAST QUE SE DEDICOU À REFLEXÃO DE TEMÁTICAS TÃO RELEVANTES! O “NEGRO, PAUTA E TELA” TROUXE EM SEUS EPISÓDIOS OS DEBATES SOBRE O RACISMO NO BRASIL, O NEGRO NO ENSINO SUPERIOR E NO CURSO DE JORNALISMO, A PRESENÇA DO NEGRO NA TV E NO TELEJORNALISMO E A VISIBILIDADE DOS TELEJORNALISTAS NEGROS EM SÃO LUÍS... PARA ENTÃO DEBATERMOS SOBRE OS CAMINHOS PARA UM FUTURO MAIS IGUALITÁRIO.

PARA ESSE FECHAMENTO, NADA MELHOR DO QUE RECORDARMOS AS PRINCIPAIS IDEIAS DOS EPISÓDIOS ANTERIORES, ENTENDENDO QUE TODOS OS ASSUNTOS IMPORTANTES PRA GENTE CHEGAR ATÉ AQUI E ENTENDER O QUE PRECISA SER FEITO DE AGORA EM DIANTE. MAIS DO QUE ISSO, OBJETIVAMOS PROMOVER REFLEXÕES DENTRO DO CONTEXTO ESTUDADO PARA GERAR MUDANÇAS NÃO SÓ NO NOSSO MEIO, MAS NA SOCIEDADE DE UM MODO EM GERAL.

LOC (HOST – JESILENE): PREPARADOS PARA RECORDARMOS UM POUCO DE TUDO O QUE DISCUTIMOS?

NO INÍCIO, FALAMOS SOBRE O RACISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A POPULAÇÃO NEGRA, QUE ACARRETARAM EM ALTOS ÍNDICES DE POBREZA, DE DESEMPREGO, DE VIOLÊNCIAS E DE DISCRIMINAÇÃO DAS MAIS VARIADAS FORMAS. FALAMOS UM POUCO DE COMO ESSAS FORMAS SE APRESENTAM NO MEIO SOCIAL E QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS PARA O POVO NEGRO.

LOC (HOST – JESILENE): SERÁ ESTAMOS PRÓXIMOS DE ACABAR COM A DISCRIMINAÇÃO RACIAL?

QUEM NOS RESPONDE É... (INSERIR NOME / ATIVISTA)

TEC – INSERIR SONORA 1- ATIVISTA - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADO)
00:00 A 02:00 – INSERIR INÍCIO DO ÁUDIO

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): DEPOIS PASSAMOS PARA O ESTUDO DA PRESENÇA NEGRO NO ENSINO SUPERIOR. VIMOS QUE, EM RELAÇÃO A TEMPOS ANTERIORES, O NEGRO ESTÁ MAIS PRESENTE NESSE CAMPO, MAS AINDA NÃO É EM UMA PROPORÇÃO IDEAL. LOGO DEPOIS FIZEMOS O RECORTE PARA A PRESENÇA DO NEGRO NOS CURSOS DE JORNALISMO, PARA A COMPREENSAO DA INSERÇÃO E PERMANÊNCIA DESSES ATORES NO CENÁRIO REGIONAL .

PARTIMOS PARA O CAMPO DA TV E DO TELEJORNALISMO, FAZENDO UM PANORAMA GERAL, ATÉ ADENTRARMOS À ANÁLISE DA VISIBILIDADE DOS JORNALISTAS INSERIDOS NA MÍDIA TELEVISIVA, TEMA CENTRAL DA PESQUISA QUE DEU VIDA A ESTE PODCAST.

DURANTE A SÉRIE, CONVERSAMOS COM PROFISSIONAIS, PROFESSORES, PESQUISADORES EM MÍDIA E REPRESENTAÇÕES, ESTUDANTES DE JORNALISMO E TELESPECTADORES. CONVIDAMOS ALGUNS DOS NOSSOS ENTREVISTADOS PARA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

LOC (HOST – JESILENE): A PARTIR DOS DEBATES GERADOS, PODEMOS DIZER QUE ESTAMOS NO CAMINHO CERTO PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO SOCIAL DOS NEGROS NA MÍDIA?

TEC – INSERIR SONORA 2 - PROFESSOR(A)/ PESQUISADOR(A) EM MÍDIA E REPRESENTAÇÕES 1 - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADO)
00:00 A 03:00 – INSERIR INÍCIO DO ÁUDIO

LOC (HOST – JESILENE): NOS EPISÓDIOS 4 E 5, NOS APROFUNDAMOS NO CAMPO DO TELEJORNALISMO E FALAMOS BASTANTE SOBRE VISIBILIDADE E

REPRESENTATIVIDADE, PRINCIPALMENTE NOS TELEJORNAIS LOCAIS. APRESENTAMOS EXEMPLOS DE PESSOAS QUE SE IDENTIFICAM COM PROFISSIONAIS NEGROS, CAUSANDO UMA MAIOR PROXIMIDADE COM A NOTÍCIA.

ISSO NÃO APENAS OFERECE REPRESENTATIVIDADE ÀS COMUNIDADES NEGRAS, MAS TAMBÉM ENRIQUECE A QUALIDADE DO JORNALISMO COMO UM TODO.

QUAIS AS TENDÊNCIAS EMERGENTES QUE PODEM MAIS EQUIDADE RACIAL PARA O CENÁRIO JORNALÍSTICO EM NOSSA REGIÃO?

TEC – INSERIR SONORA 3 - PROFESSOR(A)/ PESQUISADOR(A) EM MÍDIA E REPRESENTAÇÕES - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADO)

00:00 A 02:00 – INSERIR INÍCIO DO ÁUDIO

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): JÁ SABEMOS QUE O IMPACTO DOS MOVIMENTOS GERADOS PARA AS PRÓXIMAS GERAÇÕES É GRANDE! A PARTIR DE MUDANÇAS NO TEMPO PRESENTE, PODEMOS VISLUMBRAR UM FUTURO MELHOR PARA OS PROFISSIONAIS NEGROS NA MÍDIA, EM ESPECIAL AO CAMPO JORNALÍSTICO.

QUEM ESTÁ TRILHANDO ESSE CAMINHO JÁ PERCEBE A IMPORTÂNCIA DESSA TRANSFORMAÇÃO. É PRECISO QUE TODOS PERCEBAM A IMPORTÂNCIA DE UM PROTAGONISMO NA LUTA POR MELHORIAS, ESPECIALMENTE NAS QUESTÕES DE VISIBILIDADE DOS TELEJORNALISTAS NEGROS EM SÃO LUÍS.

COMO FUTUROS JORNALISTAS, QUAIS ESTRATÉGIAS TERÃO COMO AGENTES DESSA MUDANÇA?

TEC – INSERIR SONORA 4 - ESTUDANTE DE JORNALISMO - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADO)

00:00 A 02:00 – INSERIR INÍCIO DO ÁUDIO

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): A DEMANDA POR VOZES PLURAIS E AUTÊNTICAS CRESCE, OS PROFISSIONAIS DEVEM ESTAR PREPARADOS PARA PROMOVER A MUDANÇA E TRANSFORMAR O FUTURO DO JORNALISMO, DESAFIANDO ESTEREÓTIPOS E ABRINDO CAMINHO PARA UMA NARRATIVA JORNALÍSTICA MAIS RICA E INCLUSIVA.

É MOTIVADOR PENSARMOS NO PROGRESSO QUE FOI FEITO E NAS

OPORTUNIDADES QUE ESTÃO SENDO ABERTAS, MESMO QUE AINDA QUE NÃO SEJA DA MANEIRA QUE ALMEJAMOS. COMO PODEMOS AGIR PARA CONTINUAR ESSE MOVIMENTO POSITIVO?

TEC – INSERIR SONORA 5 - PROFESSOR(A)/ PESQUISADOR(A) EM MÍDIA E REPRESENTAÇÕES - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADO)

00:00 A 03:00 – INSERIR INÍCIO DO ÁUDIO

LOC (HOST – JESILENE): COMO AS DISCUSSÕES GERADAS AO LONGO DESSE PODCAST, A RESPEITO DO RACISMO E DA VISIBILIDADE NEGRA NA MÍDIA, PODEM AUXILIAR NA PROMOÇÃO DE TRANSFORMAÇÃO DE CENÁRIO NA SOCIEDADE EM GERAL?

TEC – INSERIR SONORA 6 - OUTRO PROFESSOR(A)/ PESQUISADOR(A) EM MÍDIA E REPRESENTAÇÕES - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADO)

00:00 A 03:00 – INSERIR INÍCIO DO ÁUDIO

LOC (HOST – JESILENE): SOBRE ESSA QUESTÃO, VOLTAMOS A OUVIR O (A)...
(INSERIR NOME / ATIVISTA)

TEC – INSERIR SONORA 7 - ATIVISTA - A DEFINIR (AINDA SERÁ COLETADO)

00:00 A 02:00 – INSERIR INÍCIO DO ÁUDIO

LOC (HOST – JESILENE): PARA ENCERRAR AS PARTICIPAÇÕES DO NOSSA SÉRIE, FICAMOS COM AS CONSIDERAÇÕES DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA, JORNALISTA E DOUTORA EM COMUNICAÇÃO, A RESPEITO DE TODO O TRABALHO DESENVOLVIDO:

TEC – INSERIR SONORA 8 FLÁVIA MOURA

00:00 a 02:00 – INSERIR INÍCIO DO ÁUDIO

TEC – VINHETA DE TRANSIÇÃO/PASSAGEM

TEC – RODA TRILHA CARACTERÍSTICA VAI A BG

LOC (HOST – JESILENE): ESSE FOI O SEXTO E ÚLTIMO EPISÓDIO DO PODCAST “NEGRO, PAUTA E TELA”, O PROGRAMA QUE DISCUTE TEMAS RELACIONADOS AO RACISMO, À HISTÓRIA E LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL, E AS DIFICULDADES DO NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO E NO CAMPO MIDIÁTICO NO ESTADO DO MARANHÃO.

DESTACAMOS AQUI A IMPORTÂNCIA DE DEBATES COMO ESSES

ACONTECEREM COM MAIS FREQUENCIA NOS VÁRIOS CAMPOS DA SOCIEDADE, MAS PRINCIPALMENTE NAS SALAS DE AULA DE NOS POSTOS DE TRABALHO, PARA QUE DE FATO ALCANCEMOS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS E POSITIVAS.

OBRIGADA POR SUA AUDIÊNCIA E PELO INTERESSE EM APRENDER E REFLETIR COM A GENTE SOBRE ESSA TEMÁTICA TÃO IMPORTANTE PARA TODOS NÓS!

ESTE TRABALHO É FRUTO DA PESQUISA DE MESTRADO “A COR DA MÍDIA: ANÁLISE DA VISIBILIDADE DOS TELEJORNALISTAS NEGROS DE SÃO LUÍS/MA”, DEFENDIDO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – MODALIDADE PROFISSIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, REALIZADA POR ESTA APRESENTADORA, JESILENE CORRÊA, SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA FLÁVIA MOURA.

DEIXAMOS AQUI NOSSOS AGRADECIMENTOS A TODOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA QUE ESTE PODCAST ACONTECESSE. AGRADECEMOS A PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS ENTREVISTADOS, A COLABORAÇÃO E EDIÇÃO DO TÉCNICO SAYLON SOUSA, AO LABORATÓRIO DE RÁDIO DA UFMA, AO CANTOR CHICO NÔ PELA MÚSICA CEDIDA, E CLARO, A VOCÊ QUE NOS ESCUTA, POR NOS ACOMPANHAR NESSA JORNADA DE EXPLORAÇÃO E APRENDIZADO.

O FUTURO ESTÁ EM NOSSAS MÃOS. VAMOS JUNTOS, COM O OBJETIVO DE INCLUIR E CELEBRAR VOZES E IMAGENS DOS NEGROS NA TV E NO TELEJORNALISMO, E TRABALHAR PARA UM MUNDO MAIS SIGNIFICATIVO. TCHAU TCHAU!